Diário de Lisboa

Janeiro 1977
Terça-feira
25

Ano 56.º
N.º 19 261
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

A campanha de recolha de sangue na Baixa lisboeta termina hoje, à tarde se a afluência de dadores não justificar um prolongamento. São precisas anualmente trezentas mil doações para os hospitais portugueses — e só há metade

Portugal gasta cem mil litros de sangue por ano

Algumas dezenas de dadores já tinham ocorrido esta manhã às instalações da Sociedade Comercial Guérin, nos Restauradores, dando assim resposta ao apelo da Associação de Dadores de Sangue de Lisboa (ADAS), que para comemorar o seu 1.º aniversário convidou a população da capital para uma dádiva.

«Foi a primeira vez que dei sangue e se a saúde não me faltar irei prosseguir, numa atitude que acho deveria ser extensiva a todas as pessoas sãs deste país», afirmou à nossa reportagem o electricista Helder Vilhena, de 18 anos, que fomos encontrar a retemperar as energias com uma chávena de café e alguns bolos secos. Já para o caixeiro viajante Mário Semedo, de 43 anos, a experiência vem de longe, «e apesar de ser do Porto referiu ao ouvir ontem pela Televisão o apelo da Associação logo me senti mobilizado para estar hoje aqui presente».

Contando presentemente 490 associados, a ADAS pretende com a sua actividade, «lutar contra a comercialização do sangue em Portugal, promovendo campanhas de dádiva voluntária, ao mesmo tempo que irá procurando esclarecer a população de que o acto não traz quaisquer inconvenientes de saúde», de forma a que num futuro breve se possa atingir anualmente os cem mil litros considerados necessários para o consumo, bem longe, portanto, dos cerca de cinquenta mil conseguidos actualmente.

Vítor Bento escreve sobre Medina Carreira (PAG. 3)

Complexo do Cachão à espera dum milagre (CENTRAIS)

AMANHÃ NO "DL"

Um artigo de Pedro Vieira de Almeida sobre património arquitectónico

20 PAGINAS

VIOLÊNCIA E MEDO EM ESPANHA

SEIS MORTOS EM DOIS DIAS

A Espanha vive neste momento um clima que pode ter consequências imprevisíveis depois da onda de violência e de medo despoletada nas últimas 48 horas, período durante o qual morreram seis pessoas, uma alta patente militar foi raptada e a quarta personalidade do Governo permanece sequestrada há seis semanas. Os acontecimentos de domingo e segunda-feira no centro de Madrid, quando dois jovens perderam a vida, um deles assassinado à queima-roupa por extremistas da direita e uma estudante atingida na cabeça por uma bomba de fumo disparada pela Polícia, passando pelo rapto de um general, presidente do Conselho Supremo de Justiça Militar de Espanha, e culminando com um atentado em que advogados reunidos no seu escritório foram metralhados, morrendo quatro deles, podem conduzir o processo político espanhol para rumos inesperados. O medo instalou-se em dirigentes políticos e sindicais de esquerda, que deixaram as suas casas em busca de refúgios seguros. O Governo espanhol reuniu-se esta manhã. O povo exige explicações e a extrema-direita, como sempre, reclama «ordem».

Aproximadamente às 22 horas de ontem, a escalada de violência que a Espanha tem vindo a atravessar nos últimos dias chegou ao seu ponto máximo. Dois homens de estatura média, aparentando 25 anos, vestidos com blusões acolchoados e armados com metralhadoras ligeiras de nove milímetros invadiram um escritório de advogados em pleno centro de Madrid, na Calle Atocha, 55, a poucos metros da Direcção Geral de Polícia e dispararam rajadas sobre um grupo que ali estava reunido. Imediatamente, ou a caminho do hospital, morreram os advogados Angel Rodrigues, Enrique Veldevira Ibañez e Luis Javier Benavides Orgaz. Esta manhã, às 8.30, um quarto advogado, Francisco Javier Sauquillo Perez Del Arco, não resistiu aos ferimentos, vindo também a falecer enquanto Serafin Holgado António permanece em estado de coma, com poucas possibilidades de escapar. Dois outros advogados, internados na «Residência 1 de Outubro», estão em estado grave. São eles: Maria Dolores Gonzalez Ruiz e Miguel Caradia. Fora de perigo estão Luis Ramos Pardo, hospitalizados na clínica «Francisco Franco» e Alejandro Ruiz Huerta Carbolell, internado na «1 de Outubro». Balanço deste atentado até o fim da manhã de hoje: quatro mortos e cinco feridos.

O ataque está perfeitamente caracterizado. Foi obra da extrema-direita que, metralhando os advogados de um escritório bem conhecido das comissões de trabalhadores, procurou responder ao rapto do presidente do Supremo Conselho de Justiça Militar, general Emílio Villaescusa Quilis, ocorrido às 9 e 30 de ontem, já reivindicado pelo suspeito GRAPO, grupo que se diz de esquerda mas que está conotado com o extrema-direita, também autor do sequestro do presidente do Conselho de Estado, Antonio Maria de Oriol y Urquijo, a 11 de Dezembro passado.

Enquanto a vaga de violência assume proporções até agora desconhecidas desde a morte de Francisco Franco, aumenta na mesma proporção o

Continua na pág. 20

Cinco "pides" julgados três em liberdade

Realizaram-se ontem mais cinco julgamentos de ex-agentes da P. I. D. E., nos 4.º e 5.º Tribunais Militares, no Jardim do Tabaco.

No 4.º Tribunal, a forma quase que «carinhosa» como o juiz auditor, Hugo do Amaral Barata tratou os agentes e o informador julgados foi a nota dominante. Que aliás vem na sequência de outras atitudes do mesmo senhor, enquanto inquisidor no Ministério do Trabalho e nos julgamentos de «pides» em que já participou.

O «bufo» Francisco Mário Rodrigues Farinha foi condenado a dois anos e sete meses de prisão, ficando por cumprir apenas mais oito meses. É a recompensa por ter, durante 22 anos, denunciado trabalhadores de várias empresas da zona de Sintra, nomeadamente da C. P., da Marconi e da Ford Lusitana. Segundo o juiz Amaral Barata, o «bufo» Farinha era «um nacionalista que resolveu colaborar com o regime», segundo afirmou, depois de garantir que «o senhor conta com o favor aberto desta banda do tribunal, com a minha condescendência extrema, pelo que dizem alguns jornais. Por isso esteja à vontade»! Mas o «bufo» Farinha foi também criticado pelo juíz Amaral Barata. Ao afirmar que «dava as informações de maneira a não prejudicar ninguém», o Farinha ouviu o que se segue da boca do juiz: «Então o sr. Farinha não foi um informador decente. O sr. Farinha foi um informador de segunda classe»!

Continua na pág. 20

Segundo dia de greve na pesca costeira

Pescadores parados na Docapesca: a greve entrou no segundo dia e estão a aumentar as adesões

(PAG. 9)

Nacional

Política de A a Z

CONSCIÊNCIA E INCONSCIÊNCIA CULTURAL

Nos anos longos e cerrados da oposição e da resistência, indómita a «esperança desesperada», muitos portugueses pensaram, sonharam, que seria possível destruir em Portugal o obscurantismo, eliminar o carreirismo, reduzir o cabotinismo. Pensaram, sonharam, com um Teatro Nacional (devolvido a Garrett), um Conservatório Nacional (devolvido a Fernando Lopes-Graça), uma Emissora Nacional que não fosse o órgão de propaganda de António Ferro, uma televisão que não fosse o recreio de Ramiro Valadão. Pensaram, sonharam, e, descontados raros momentos de ténue esperança, têm recolhido, depois de Abril, as maiores desilusões.

A situação cultural atingiu o equívoco e o ridículo; o conselheirismo, o academismo, o catedratismo e o cabotinismo desceram à praça a ditar leis e costumes; os «assaltos» sucedem-se; a «partidocracia» dá-nos o seu fruto inevitável: a mediocridade convertida em «regime», em «organização», em «poder». Caminhamos para a «mediocracia».

Tivemos hoje notícia de que o Presidente Ramalho Eanes teve uma «reunião de trabalho» com o Secretário e o Subsecretário de Estado da Comunicação Social, e dizem-nos que nessa reunião «que se integra no esquema de contactos normais com os responsáveis dos diferentes Ministérios, foram tratados diversos problemas do sector da Comunicação Social». Há dias, disseram-nos que o Presidente da República estava preocupado com a Televisão.

Não nos iludamos. A Televisão é, apenas, um «caso». E o que seria necessário, em nossa opinião, era que a Manuel Alegre e Soares Louro fosse dada a possibilidade de resolver esse «caso» lamentável isentos de pressões políticas, libertos da «partidocracia» que ameaça avassalar a vida portuguesa. Mas, sejamos rigorosos, se a Televisão é péssima, a Rádio não é melhor, nem será melhor o Teatro que aí vem, nem é melhor a política cultural de que vamos tomando conhecimento e de que as comemorações do centenário da morte de Alexandre Herculano, oficial ou oficiosamente apoiadas, constituem uma singular advertência e até uma ofensa à memória do historiador.

A democracia portuguesa não poderá desistir de ter uma dimensão cultural. A política cultural do primeiro governo constitucional deverá ser promovida com isenção, seriedade, responsabilidade. Não basta proclamar intenções, é necessário, na prática, realizar a promoção dos valores culturais que são os da tradição portuguesa, que são os da modernidade universal, que são os da «Revolução de Abril». A política cultural não poderá significar um «regresso», nem uma promoção de medíocres, nem uma protecção de compadres.

P S SOB O FOGO

Da «esquerda» abriram fogo sob o Partido Socialista «partidos» e «grupos» trotzkistas, ou que do trotzkismo se reclamam, atingidos directa, ou indirectamente, pela longa «nota de culpa» distribuida à Imprensa. São balas de papel, essas.

Outra é a agressão feita ao Partido Socialista nos Açores. Apesar das opiniões benevolentes do general Neves Cardoso, nos Açores reina, ou é consentida, a violência reaccionária. Algumas vezes o «separatismo» é um instrumento da reacção; outras vezes será a «direita» reaccionária que por táctica se serve do «separatismo». Num e noutro caso a «direita» e a «ultra-direita» ditam a lei nas Ilhas. Depois dos comunistas e dos militantes do MDP-CDE, são os socialistas que experimentam a linguagem «democrática» da Reacção açoriana. O último atentado bombista de que um socialista açoriano foi alvo vem demonstrar que a «direita» não conhece limites para a sua actuação e que os pretextos são sucessivamente utilizados consoante as fases tácticas de uma estratégia que visa o «regresso» e se alimenta do espírito de «desforra».

Nenhuma contenção da «esquerda» lhes poderá servir, nenhuma divisão das forças democráticas os poderá contentar. A «direita» pretende o «poder». Já alguém disse, e disse certo, que pelo caminho que trilhamos a alternativa para o Governo socialista será um «governo de direita», que a alternativa para Mário Soares será Marcello Caetano (entenda-se: um qualquer Marcello Caetano).

A INFILTRAÇÃO SOCIAL-DEMOCRATA

A vida dos «partidos políticos» não diz respeito somente aos seus filiados e aderentes, militantes e «inscritos» em qualquer país, mas em Portugal, dado o sistema de «partidocracia» instituido e do qual começam a revelar-se incidências negativas, a vida dos «partidos políticos» assume uma particular importância. Por isso nós aludimos a certas «infiltrações» e adiantámos algumas linhas sobre uma «infiltração» de teor social-democrata que, em última análise, é contrária à melhor leitura do programa do «partido» que dela vem sendo objecto.

Do P.S. se tratava, naturalmente. Admitimos, porém, que o laconismo da referência tenha podido dar pasto a especulações sibilinas. Mas, realmente, quando a fixação de uma ortodoxia, em termos muito menos largos e generosos que os da moção de orientação política no Congresso aplaudida e aprovada, condena (e exclui) a «sensibilidade obreirista», o problema da «infiltração social-democrata» volta a colocar-se, e, se acaso nos não enganamos, a dois níveis.

Num primeiro nível, trata-se de uma «infiltração» propriamente dita e tem por objectivo eliminar, no seio do partido a resistência, particularmente viva nas bases, nas empresas e na juventude, a uma política de coligação do P.S. com o P.S.D.. Num segundo nível, mais do que uma «infiltração», a tendência social-democrata apresenta-se como um «desvio», como uma abdicação, como um desgaste. Os representantes do P.S., militantes históricos ou «inscritos» recentes, deixam-se atrair por seduções «social-democratas», tecnocráticas, neocapitalistas. Até os membros do Governo não se mostram imunes às tentações do «poder», ao prestígio dos «poderosos», aos hábitos e seduções do «novo estabelecimento democrático».

Eanes visita Algarve na quinta e sexta-feira

O general Ramalho Eanes visita quinta e sexta-feira o Algarve. Objectivo da visita: contactar com trabalhadores de sectores como o turismo, as pescas, as conservas de peixe, e a agro-pecuária. Esta visita — diz uma informação da Presidência da República — vem na sequência de outras saídas de trabalho que o Presidente tem feito com carácter de exercício normal de funções.

Ramalho Eanes e a comitiva presidencial chegarão a Faro a meio da manhã do dia 27. Depois, passa pelo Governo Civil, e visita diversos locais de trabalho em Olhão, Pechão e Arimbo, antes de almoço. Após o almoço, há uma deslocação às barras de Cabanas e Santa Luzia (Tavira), e a trabalhos em curso para habitações sociais. Neste primeiro dia, a saída de Eanes termina em Vila Real de Santo António com uma visita às instalações fabris da Cofaco, e uma observação do local onde vai ser construída a ponte sobre o Guadiana ligando aquela vila algarvia à cidade espanhola de Ayamonte. A pernoita é no acampamento de Vale de Lobos.

No dia 28, de manhã, preveem-se visitas a Vila Moura, Albufeira (instalações do IOS, agora ocupadas por desalojados) e Portimão. Nesta cidade, Eanes deverá deslocar-se à fábrica de conservas Júdice Fialho. Ainda de manhã, haverá uma deslocação a Lagos. A visita termina com uma deslocação a Salema, antes de um almoço com pescadores locais.

Diz uma nota divulgada pela Presidência da República: «Como sabe, o presidente determinou expressamente que as suas saídas de trabalho sejam planeadas de modo a não perturbar a actividade habitual nos lugares visitados, estando assim excluídas as recepções ou quaisquer manifestações protocolares. Foi recomendado aos serviços públicos e solicitado aos órgãos de poder local que não tomem qualquer iniciativa para distinguir o Presidente da República dos outros trabalhadores que em cada localidade executam as tarefas próprias dos seus misteres e profissões, recordando-se a comunicação feita por ocasião da anterior saída de trabalho segundo a qual «o Presidente da República será particularmente sensível às homenagens que representam maior aplicação de cada cidadão em benefício da comunidade nacional.»

MEDEIROS FERREIRA À R.D.P.

"A nossa primeira prioridade é a adesão à C.E.E."

«A nossa primeira prioridade é a adesão à Comunidade Económica Europeia» — disse ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, numa entrevista concedida à Radiodifusão Portuguesa.

Desenvolvendo este tema, Medeiros Ferreira expôs ainda o «ambicioso» projecto da diplomacia portuguesa que chefia, e que será o de «ser pioneiro na reflexão e na execução da integração europeia, ou seja, da formação de uma solidariedade democrática na Europa».

Das suas declarações ressalta ainda que, para o seu Governo, a adesão à C. E. E. é tida como «essencial à nossa sobrevivência como nação independente» e que, apesar dos já conhecidos obstáculos que alguns dos «Nove» levantam às intenções do Governo P. S., «a Europa corresponderá». «O nosso esforço — admitiu Medeiros Ferreira —, que neste momento é um esforço só de Portugal e que corresponde aliás a um raciocínio endógeno à diplomacia portuguesa, é exactamente sermos nós a tentar propor vias de integração europeias».

Focando outros aspectos da política externa do Governo P. S., o ministro dos Negócios Estrangeiros disse que «a diplomacia portuguesa fez um esforço para acelerar o estabelecimento de relações diplomáticas com a República Popular da China» e, sobre as relações com Moçambique, colocou-se na posição de «não compreender porque essas relações não são as melhores». Na sua opinião, teriam já sido dados «passos significativos» em direcção àquele país os quais, não tendo encontrado correspondência, se retraíam agora esperando por uma idêntica iniciativa da parte do Maputo.

NO FUNCHAL

Ameaça de bomba suspendeu aulas a 5000 alunos

FUNCHAL, 25 — Cinco mil alunos ficaram ontem sem aulas por motivo de um telefonema anónimo que dava conta da colocação de bombas plásticas no Liceu Nacional do Funchal e num «anexo» do liceu, à Rua das Mercês.

A ameaça de bombas — três no liceu, uma no «anexo» — fora precedida de um assalto às instalações da Rua das Mercês para inscrição de frases separatistas, aparentemente da autoria de um «Movimento Separatista Estudantil — M. S. E.»

Entretanto, a Polícia compareceu nos locais referidos, não tendo encontrado vestígios de qualquer engenho.

Acrescenta-se que o falecimento, por doença, de um estudante do 7.º ano, levara a Comissão de Gestão do Liceu a suspender as aulas no período da tarde, para os alunos do 7.º. O telefonema anónimo veio alargar, por motivos diferentes, a suspensão ao período da manhã e para todos os alunos.

Hoje a situação encontrava-se normalizada, tendo os estudantes regressado às aulas sem incidentes.

Bancários exigem penas severas para assaltantes

A vaga de assaltos ultimamente verificada a estabelecimentos bancários e a transportadores de valores, com evidentes e perigosos prejuízos materiais, psíquicos e físicos resultantes de tal situação para os trabalhadores e para a economia nacional, é objecto de uma moção dos delegados sindicais do Banco de Agricultura da zona da Grande Lisboa, na qual se repudia «frontalmente tais actos de banditismo» e se exige das autoridades responsáveis «o tomar de medidas imediatas que permitam acabar com esses actos».

O documento em apreço, ao exigir «medidas imediatas», para «acabar com tais actos», tem em consideração «a desestabilização criada» e a «agitação à volta do problema», assim como a «impunidade com que tais actos vêm sendo perpetrados, sem que haja da parte das entidades responsáveis, prisões e julgamentos com a aplicação de penas severas».

MAPLES
e sofás-cama
Compre no fabricante todos os modelos
REQUINTE
MÓVEIS e ESTOFOS
Av. Almirante Reis, 110
(Perto da Pr. do Chile)

Noticiário breve

«LOCKED GATE 77»

■ Denominado «Locked Gate 77», terá lugar no próximo dia 31 de Janeiro, na área ibero-atlântica, um exercício aero-naval em que tomarão parte forças de sete países da NATO. O Comiberlant, dará a propósito, uma conferência de Imprensa, depois de amanhã, nas instalações do comando em Oeiras.

Recorde-se que, também com início em 31 de Janeiro, realizaram-se no ano de 1975 (sua fase decisiva da conspiração spinolista do 11 de Março) idênticas manobras, também designadas de «Locked Gate» (Porta Aberta).

C.R.

■ Reune amanhã a partir das 15 e 30, no Palácio de Belém, o Conselho da Revolução. Agenda de trabalhos: análise da situação político-militar.

TELEGRAMAS DE SOARES

■ O Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, enviou telegramas a Roger Garaudy, internado em Bilbau, após ataque cardíaco, e à delegação do ZAPU. Ao primeiro são desejadas rápidas melhoras, no segundo manifestam-se pèsames pelo assassínio de Jason Moyo, dirigente do povo do Zimbawe (Rodésia).

EMBAIXADOR ANGOLANO

■ João Filipe Martins, ex-ministro angolano da Informação, é apontado por fontes, segundo a ANOP, «bem colocadas», como futuro embaixador do seu país em Lisboa.

A embaixador do seu país em Lisboa.

A embaixada deverá ficar a funcionar no próximo mês de Fevereiro, na Av. da Liberdade. Entretanto o embaixador português, já indicado para Angola, João Sá Coutinho, deverá partir em meados de Fevereiro para Luanda. Sá Coutinho encontra-se ainda em Bissau.

CONSULADO EM LUANDA

Por decisão dos Ministérios das Finanças e dos Negócios Estrangeiros foi «criado um Consulado-Geral em Luanda» — segundo informação hoje inserta no «Diário da República».

BICOS DE PAPAGAIO
DORES LOMBARES, COSTAS OU PERNAS, HÉRNIA DISCAL, CIÁTICA, NEVRITE, DESVIOS E OUTRAS DOENÇAS DE COLUNA. Massagista diplomado no Brasil. Faz 2 a 4 aplicações com óptimos resultados. Tels.: Lisboa 2233227, Porto 315765.

IMPOSTO DO SELO (actualizados) DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS COM REGULAMENTO E TABELA - preço 70.00
A edição anotada de diversos autores, é posta à venda brevemente
Rei dos Livros
R. da Conceição, 1-2.º — Tel. 36 35 45 - LISBOA-2

post-scriptum

Casos de «litispendência»

No telejornal de um destes dias só houve cinco depoimentos contra a Intersindical e o Congresso dos Sindicatos. É pouco. É verdade que houve qualidade mas, ainda assim, não falou o dr. Zenha, dirigente dos trabalhadores.

Falou primeiro o sindicalista Rui Machete para explicar como se deve fortalecer a unidade dos trabalhadores e esclarecer que a Inter «foi imposta por lei gonçalvista». A seguir vieram os pareceres do dirigente sindical Marcelo Curto que proclamou que o movimento sindical deve ser independente dos partidos. Depois vieram mais três senhores e todos atacaram muito bem a Inter. Foi aí que retive uma frase formidável: «A Inter afasta os trabalhadores de participação activa nos sindicatos».

Aí está. Verdades assim põem a nu a famigerada Inter.

Felizmente no meu sindicato (dos Trabalhadores do Comércio) há uma Direcção que não se enfeuda à Inter nem vai em congressos. Esta direcção proporciona participação activa. Ainda há dias (e só estão em exercício há 15 meses) organizaram uma votação para a Carta Aberta e já consta que têm planos para assembleia geral num dos próximos anos. Não poderá ser já porque anda muito activo um numeroso grupo de golpistas que aproveitaria a assembleia para discutir problemas vagos e abstratos como despedimentos, contratação e custo de vida. Eles requereram uma assembleia mas a nossa direcção topou-lhes o jogo «gonçalvista» e, em comunicado exemplar, em 27 de Dezembro, denunciou a toda a classe o «absurdo» de discutir tais problemas «vagos e abstratos» e até lhes mostrou que havia «caso de litispendência». Tomem!

Lá na firma somos dois empregados de armazém. (O Adérito, cujo pai é um patriota há dias julgado e libertado no Tribunal Militar, e eu, que sou afilhado do nosso patrão). Pois fizemos ambos um cartaz a favor da Carta Aberta e contra a Litispendência para fazer ver a uns PC's e uns MDP's das oficinas e do escritório. Calcule o senhor jornalista que um desses tais me quis convencer que Assembleia Geral — Referendo (com tracinho, note bem) não era coisa nenhuma. Que assembleia significa reunião de pessoas, discussão, confronto de opiniões... que não sei quê, a nossa Direcção virava as palavras do avesso... Pois sim. Não me impressionou nada. E que ele é, por sinal, o mesmo figurão que tinha o arrojo de me dizer, aqui há tempos, que o nosso Governo não é socialista. Respondi-lhe que ele era um caso de litispendência. Encolheu os ombros, fez um sorriso amarelo e foi-se embora, desmascarado.

Carlos Miranda
— LISBOA

O Porto não quis nada com o diabo

O Porto, que sempre foi muito temente a Deus, acaba de demonstrar a sua recusa em colaborar com o diabo. Outra coisa não seria de esperar.

O inimigo bem usou da sua conhecida artimanha para tentar a invicta cidade nas pessoas dos gráficos das suas principais gazetas, mas... não resultou, para orgulho nosso.

Ele bem se mascarou com um velho título de antifascista, mas a intrujice não pegou na mente esclareicda desses trabalhadores da imprensa nortenha, que sabem muito bem de que lado estão os seus inimigos.

O demo, por falta de aceitação no meio lisboeta, recorreu ao Porto («o grande aldeão»), onde a cacicagem pensa que pode dominar sempre o Zé palonço, mas a feitura da folha diabólica não foi aceite. No entanto, Belzebu veio para ficar e... ficou, até ver. Engendrado em Lisboa, surge no Porto, por má sina nossa.

O diabo ficou muito agitado com a falta de recepectividade portuense às suas baboseiras e diatribes. Tadinho, a gente tem muita pena dele. Mas que vá para os diabos, com quem anda metido, e nos deixe em paz, a reconstruir uma nova Pátria, que ele não pode compreender nem sentir, porque lho não permitem os sentimentos odientos do seu coração e a mesquinhez da sua mente estreita.

S.A.S. — PORTO

As mentiras dos pasquins reaccionários

Diálogo num eléctrico:

1.º interlocutor: Já viu a nova sapataria em frente do restaurante chinês? Está com muita categoria, mas não sei se dará para as despesas.

2.º interlocutor: É um estabelecimento para a nova burguesia operária. Então o senhor não sabe que um operário soldador em Sines ganha cerca de 60 contos mensais?

A partir daqui o diálogo passou a ser banal, mas o montante dos 60 contos ficou-me a remoer, e porquê? Pelo simples facto do 2.º interlocutor exibir um pasquim reaccionário.

Estas folhas de peste lançam continuamente boatos infundados que criam raízes antes de serem desmacarados publicamente. É para isso que servem.

Tudo o que passa pela cabeça dos cretinos reaccionários pode vir estampado nos seus jornais. E quando alguém lhes vai à mão, lá estão os tribunais ou uma amnistia para os absolver.

Até quando?.

José Rebordão — LISBOA

MEDINA CARREIRA NA HISTÓRIA "TRÁGICO-ORATÓRIA" DA GOVERNAÇÃO

VÍTOR BENTO

. O País foi, alertado por mais um discurso do ministro Medina Carreira, este de cores ainda mais negras que as de dois ou três anteriores. Proferido na tomada de posse de dois novos vice-governadores do Banco de Portugal (a criação e a distribuição de «tachos» continua a ter uma constante nacional, qualquer que seja o «ismo» em moda...).

Num ano de "austeridade" - 1976 - venderam-se 77.000 carros ligeiros - apenas menos 92 do que em 1975 (o "ano louco")

Duas razões haverá, talvez, para que essas palavras não tenham tido mais eco na opinião pública. Uma, e da parte da informação «situacionista», porque afinal elas vêm em apoio das declarações de Sá Carneiro, em Espanha, o que parece paradoxal (independentemente da opinião que temos sobre os objectivos de Sá Carneiro, não deixamos de anotar a composição da «orquestra» que o atacou: ressalta claro que o alvo é o homem e não as suas ideias, o que é mais grave). Outro acontecimento que foi coincidente e ocupou largamente os meios de informação, foi o congresso de uma organização «m-l» (não tem nada que ver com certa marca de peles, pelo contrário, a moda é agora a do cabelo curto) que se propõe dar novo impacto ao papel deste «jardim na política mundial, pois vão atacar o «social-imperialismo» e a KGB. Desde os «Magriços» que não tínhamos rapazes como estes e há que os aproveitar! (Quando acabará esta «cegada» do «pluralismo» e «democracia» informativos? Certamente numa «quarta-feira de cinzas» como todas as «cegadas?»...).

Mas, voltando às finanças, tem conhecido o nosso país discursos dramáticos sobre o assunto, pelo menos desde a Revolução de 1820. Isto, porque sendo cada vez mais evidente a nossa incapacidade colectiva, nos planos mental, social e político, para alterar as estruturas sociais e económicas, são os homens das «notas» quem mais facilmente toca o alarme. É espantoso verificar como assentam à situação presente, passados 150 anos, as palavras do relatório às Cortes, de Manuel Fernandes Tomás, em Fevereiro de 1821. Então, as dificuldades provinham da perda da «têta» do Brasil e da incapacidade em acompanharmos as transformações sociais e económicas europeias, resultantes da revolução industrial, da Revolução Francesa e do novo papel das burguesias na sociedade. Importávamos sempre mais do que vendíamos para consumo de minorias privilegiadas, tal como agora. E se relembrarmos esses tempos remotos, pelo paralelismo, não queremos deixar de assinalar, mais próximos, em 1928, os discursos de outro titular das Finanças, Salazar.

Longe de nós a ideia de associar as intenções de Medina Carreira com as de Salazar, até por várias razões. Mas, também, então, se estava em tempo de défice, em tempo de pedir grandes empréstimos estrangeiros (a controlar por esses estrangeiros) em tempo de intervenção dos militares na vida política, em tempo das insinuações, mais ou menos venenosas, virem reforçadas pelos números. Outra coincidência reside ainda, num velho erro da governação portuguesa, de se querer controlar as dificuldades pelo lado financeiro (impostos, câmbios, crédito, taxas de juro) em vez de atacar os problemas de natureza estrutural e económica (consumos desiguais e desadaptados, não aproveitamento das potencialidades, incapacidade comercial e técnica, falta de iniciativa). E nestes aspectos temos algumas críticas a fazer às palavras do dr. Medina Carreira.

Em 1886, Rafael Bordalo Machado desenhou assim o «Zé Povinho», que impostos e finanças mal administradas tinham reduzido à espinha. Então, e um pouco como agora, o Zé só tinha medo de um ministério de gatos que acabasse de o trincar...

OUTROS «DISCURSOS» DO PÓS-25 DE ABRIL

Desde os primeiros tempos do 25 de Abril que se fizeram diagnósticos sobre a situação económica portuguesa.

Logo ao princípio os «profissionais» da política, que elevam prioritariamente os seus interesses, não cuidaram tanto de avaliar a herança recebida, mas foi-lhes mais fácil acusar todos aqueles que «perturbavam» a ordem anterior, ou seja, os trabalhadores. Relembramos, por um lado, os diagnósticos Palma Carlos — Sá Carneiro — Vieira de Almeida, em Junho de 1974, com o objectivo de conservar, após ligeiro reajustamento «democrático», o sistema económico anterior. Por outro, em sentido completamente oposto de João Cravinho e outros no IV Governo e do primeiro gabinete da Indústria no VI Governo, queixando-se estes da ausência de um projecto político-social coerente e propício ao relançamento da economia. Os próprios militares do Conselho da Revolução, o fizeram no Plano de Acção Política, em Junho de 1975. Nós tentámos, destas colunas, alertar a opinião pública, desde há cerca de um ano, acompanhando os diagnósticos com a crítica às situações culturais e sociais, cuja alteração é fundamental para adiantar medidas económicas válidas e, logicamente, financeiras, pois estas servem aquelas, em qualquer economia adulta.

O discurso do dr. Medina Carreira peca, em nosso entender, por certa ligeireza e excessiva «poeira» na apreciação dos dados económicos e pareceu-nos preocupantemente semelhante aos de Junho de 1974, da chamada «crise» Palma Carlos. Só que entre esse tempo e o de agora vai uma enorme distância: a Constituição, que poderá vir apenas a ser «uma ingénua vestimenta para cobrir a nossa incapacidade», como chamou António Sérgio à de 1820, mas cujo cumprimento tem a palavra do general Eanes — que dizem ser uma pessoa persistente — e, sobretudo, no sector da Economia, uma grande intervenção do Estado.

O SISTEMA

Não é verdade que os empresários se encontram todos desorientados. Averigue o sr. ministro o número de novas «boutiques», jornais e revistas, restaurantes e «snacks», centros comerciais e cinemas, fábricas de mobiliário, alguns sectores alimentares, produtos de higiene e embalagens, entre outros, e verá que houve expansão e investimento. Não foi nos sectores e na quantidade que mais interessavam? Bem, mas o mínimo que um ministro deve saber é que o capital implanta-se e cresce onde lhe «cheira». Não lhe compete satisfazer interesses colectivos. Isto é válido aqui e em qualquer outro país, como se lê diariamente na Imprensa estrangeira (e entre nós com maioria de razão porque a outra «metade», que é a maioria — os trabalhadores — agora também falam). A leitura da Imprensa estrangeira — importação agora cortada, talvez para não conhecermos as diferenças entre a conversa interna e os comentários externos (exemplo: entrada de Portugal na CEE, uma fantasia para consumo interno) é fundamental para conhecermos o mundo em que nos movemos. Conhecerá, ainda, o sr. ministro os relatórios da Inspecção de Finanças que justificaram a intervenção do Estado nas empresas, onde se denunciam as práticas fraudulentas de algum patronato?

O mínimo que um ministro deve saber é que o capital se implante e cresce onde lhe "cheira"

Uma coisa são os casos de empresários válidos e importantes para a recuperação económica, outra coisa é a miopia de querer generalizar o que se aplica apenas a certas situações!

Mas, ter mêdo dos trabalhadores, quando o Governo, calmamente, produz leis reduzindo o tempo de trabalho, aceita despedimentos «justificados» ou não (T. Manuel Gonçalves), regula administrativamente os salários e repõe a «verdade» dos preços, dificulta o funcionamento administrativo dos sindicatos, congela contratos colectivos quando os salários reais (sem inflação) voltaram aos níveis do 25 de Abril? Por favor! Isto para os srs. Giscard ou Andreoti (até Sadat) seriam «figos!»... A propósito de empresários, onde está a iniciativa desse «empresário-paquidérmico», chamado Estado, que dispõe de 45 por cento do capital fixo total, produz mais de 1/3 da riqueza nacional e é o banqueiro e segurador monopolista de todos nós? Que liderança e exemplo dá «ele» aos empresários mais pequenos, se é o primeiro a gritar «às boias», «às boias»...? Ou se, conforme já se diz para aí, se pensa «alugar» a exploração das empresas públicas, à gestão estrangeira, o que seria uma autêntica «prostituição», ofensiva da inteligência portuguesa?

Uma política de preços e rendimentos? Óptimo, sr. ministro! Mas quando acabará a escandalosa evasão fiscal que faz com que sejam sempre os mesmos a pagar — os que trabalham, controlados e fiscalizados? Os patrões fazendo a cobrança ou preparando o trabalho para os colectores de impostos. O que existe é política de rendimentos para os que «o ganham» (e muitas vezes nem trabalham) e não pagam e política de impostos para os que trabalham e pagam.

Quanto aos preços, pergunta-se: é possível estabelecer o tão falado «cabaz de compras» sem que haja controlo dos circuitos comerciais, isto é, sem que o Estado possa garantir abastecimento de certas quantidades e produtos essenciais, a certos preços, sem especulação e sem mercado negro?

. Austeridade? Venderam-se, em 1976, um ano de «austeridade» administrada pelos «peritos» da ctual equipa governamental, 77700 carros ligeiros de passageiros — apenas menos 92 do que em 1975 (o «ano louco», segundo eles): Andarão a gozar connosco, com estes e os outros exemplos de prática «austera» da própria administração pública? Palavras bonitas para os «empresários?» Quando simultaneamente o Banco de Portugal distribui aos bancos uma circular sobre restrições às importações, que é um «duche gelado» para a maioria das activi-

Continua na pág. 4

PUB

MOÇÃO

Os Trabalhadores da Indústria Corticeira do Distrito de Setúbal, reunidos em Assembleia Geral no dia 22/1/77 em Montijo, deliberaram repudiar a política feita pelo Governo nomeadamente no que respeita as quotizações sindicais.

A publicação do Decreto-Lei N.º 841/B/76 sobre as quotizações sindicais insere-se numa ampla ofensiva antioperária e representa mais uma cedência do Governo às exigências da C.I.P.

A política governamental viola deliberadamente a Constituição. A Constituição exige que as organizações dos trabalhadores participem na elaboração da legislação que lhes diz respeito, o que mais uma vez não foi cumprido. A elaboração de legislação relativa aos direitos e liberdade dos trabalhadores é da competência exclusiva da Assembleia da República, portanto, o Governo não pode legislar sobre esta matéria.

Continuando na sua política antioperária o Conselho de Ministros, no sentido de «esclarecer» o Decreto 841/B/76, deliberou revogar as conquistas alcançadas pelos trabalhadores nas suas convenções de trabalho relativas a recolha e envio das quotizações aos Sindicatos.

A deliberação referida não tem força jurídica. Só a terá se a alteração que o Governo pretende fazer ao Decreto 841/B/76 for publicado no «Diário da República», após a promulgação do Presidente da República.

Os Corticeiros do Distrito de Setúbal reunidos em Assembleia Geral alertam os órgãos do poder para a inconstitucionalidade daquela resolução e exigem a sua não promulgação.

O C.C.T. impõe que a cobrança e a remessa das quotizações sindicais sejam feitas pelas empresas, os corticeiros lutarão para que o C.C.T. seja cumprido.

NÃO À PROMULGAÇÃO DO NOVO DIPLOMA
NÃO ÀSMEDIDAS INCONSTITUCIONAIS
SIM AO CUMPRIMENTO DA CONSTITUIÇÃO
SIM AO CUMPRIMENTO DO C.C.T.

Montijo, 22 de Janeiro de 1977

MOÇÃO

Os Trabalhadores da Indústria Corticeira do Distrito de Setúbal, reunidos em Assembleia Geral no dia 22/1/77, no Montijo, para analizarem e discutirem as propostas-síntese elaboradas pela C.N.O.C..

Aprovaram as propostas-síntese elaboradas pela C.N.O.C..

PELA REESTRUTURAÇÃO DA INTERSINDICAL NACIONAL

PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES

PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

Montijo, 22 de Janeiro de 1977

PUB

QUE OPÇÃO SINDICAL?

TRABALHADOR

— Sabes que após o 25 de Abril, os Sindicatos continuaram a ser organismos altamente burocratizados à boa maneira corporativista/fascista?

— Sabes quem tomou conta deles logo após o 25 de Abril e tudo fez para que assim se mantivessem?

— Sabes porque não se realizou uma verdadeira política de verticalização sindical?

—Sabes porque se caluniam as direcções sindicais democráticas aderentes aos princípios da Carta Aberta?

— Sabes quem proclama aos quatro ventos defender os teus interesses e sob essa capa servir interesses com os quais não te identificas?

—Sabes porque vai a Intersindical realizar o seu II Congresso e nele participará o teu Sindicato?

— Acaso estás integrado no milhão e oitocentos mil trabalhadores que te dizem estar representados nesse Congresso?

— Acaso a tua vontade foi auscultada livre e democraticamente, mandatando assim a Direcção do teu Sindicato para te representar no Congresso?

— Acaso esperas que desse Congresso resulte uma Central Sindical «reestruturada», capaz de te dar a resposta que os teus problemas necessitam urgentemente?

— Por tudo isto poderão considerar o II Congresso da Intersindical como o VERDADEIRO CONGRESSO de TODOS os Sindicatos?

TRABALHADOR, NÃO TENHAS ILUSÕES!

Do II Congresso da Intersindical resultará a continuidade da prática corporativista/fascista, que jamais poderá corresponder à defesa dos teus interesses!

Trabalhador, uma solução, te resta. Como tu, muitos outros trabalhadores pensam também! Une-te a eles, organiza-te dentro do teu Sindicato. Não permitas que alguém tome posições por ti sem te consultar.

LUTA TRABALHADOR,
POIS NADA ESTÁ PERDIDO!
A DEMOCRACIA VENCERÁ!

CARTA ABERTA

Nacional

O impune desafio dos "Milhafres"

«O Milhafre não tem medo de quem rasteja». Esta é a forma como José de Almeida, director do jornal fascista-separatista «O Milhafre», se refere à Secretaria de Estado da Comunicação Social, numa entrevista publicada no semanário fascista «Jornal O Retornado».

A citada entrevista foi concedida durante a estada de José de Almeida na ilha da Madeira e refere alguns aspectos do separatismo nos Açores.

Considerarmos tal indivíduo apenas um aldrabão que tenta desenvolver actividade politica no único espaço onde isso lhe é permitido, seria fugirmos à realidade, José de Almeida, por todo o seu passado, pela sua actividade presente e pelo que ameaça, é antes do mais, o representante de certa «fauna» fascista que, desafiando o poder democrático, ousa surgir impunemente.

O facto de estar «...interessado em verificar as possibilidades que o «Milhafre» tinha de ser lançado na Madeira...», evidencia com clareza as suas intenções de ampliar a distribuição daquele pasquim separatista, sobre o qual impendem já dois processos levantados pela Secretaria de Estado da Comunicação Social, mas que parecem ter sido perdidos na viagem para os Açores.

É caso para perguntarmos: que faz correr José de Almeida? Quais as forças que estão por detrás desse impostor que de açoriano só lhe conhecemos a mulher e que anteriormente ao 25 de Abril, defendeu na tribuna fascista um regime que agora acusa de tudo ter negado aos açorianos?

Presente em 25 de Abril, foi na Assembleia fascista «oficialmente» informado da queda do regime opressor de Caetano. Abandona então o círculo que o havia «eleito» e embarca para os Açores. Aí, encontra o espaço político propício ao desenvolvimento de actividades de índole fascista. Primeiro, é o «embaixador» da chamada Frente de Libertação dos Açores (FLA) junto das comunidades de emigrantes açorianos nos EUA. Acusado de delapidar os fundos que lhe foram confiados por aqueles emigrantes e que se destinavam à «organização» — Governo Clandestino dos Açores — de que se intitulava «presidente», é obrigado a regressar aos Açores.

O mandato de captura que sobre ele impende, desaparece como que por artes mágicas; o processo de saneamento por abandono de funções, perde-se também no revolto mar açoriano e, eis José de Almeida o «democrata» convicto, plenamente integrado na «democracia» açoriana!

Aproveitando talvez o clima de compreensão» e «conciliação», ultimamente muito favorável a ex-pides e quejandos, José de Almeida, ao constatar o avanço das forças fasciszantes do Continente, tenta através de o «Jornal do Retornado» comunicar com os seus ex-pares, fazendo o balanço da sua actividade durante os últimos tempos.

No início da entrevista, faz o elogio do separatismo («nacionalismo açoriano» como lhe chama) mencionando algumas das forças que o apoiam. Aqui chega mesmo a dizer: é «o caso, por exemplo dos socialistas açorianos em que muitos estão possuídos do espírito da FLA», o que sabemos não ser exacto, pois os militantes socialistas, começam neste momento a ser alvo da violência fascista, para tom, é já perto do fim que José de Almeida evidencia os seus dotes de demagogo fascista. A forma como refere «Portugal, nossa Pátria Mãe» que ele miseravelmente atraiçoou, ou o afirmar como açoriano (que não é). «O que queremos agora, pura e simplesmente, é ser responsáveis pela nossa própria História», são disso sintomas evidentes.

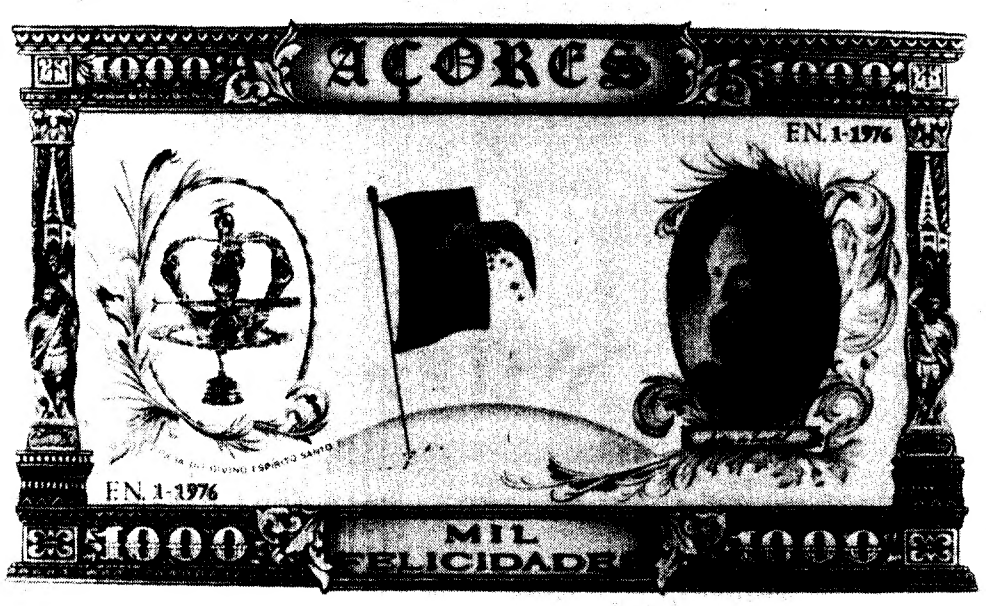
Ao referir-se à FLA como um «espírito de que os açorianos estão embuídos», José de Almeida quer talvez referir-se aos «espíritos» que nos Açores incendiaram e agrediram mas que nunca responderam por isso. Ele não se refere certamente aos trabalhadores açorianos. Esses, já repudiaram claramente o separatismo, contestam a experiência PSD a ele conducente e exigem do Governo Central, medidas enérgicas que visem o restabelecimento da ordem democrática nos Açores.

Não é cedendo a todas as pressões do PSD açoriano, nem acalmando as fúrias e ameaças de Mota Amaral com atribuição sucessiva de verbas, pertencentes a todos os trabalhadores portugueses, que se resolve o problema dos Açores. Com isso, apenas se fortalecem as posições da burguesia açoriana e se criam condições para o aparecimento de novos «Milhafres».

É pois altura de o Governo Central, cumprindo a Constituição, deixar de encarar os Açores como um problema secundário. Não são apenas os interesses dos trabalhadores daquele Arquipélago que estão sendo ignorados; é a própria unidade nacional que está em risco de se quebrar!

Dar caça aos «Milhafres» conhecidos, seria já um bom começo!!

C.C.



Este cartão — de Boas Festas e algo mais — circulou por alturas do Natal. Nele, impressa a cores, a bandeira azul e branca da FLA

História "Trágico-Oratória"

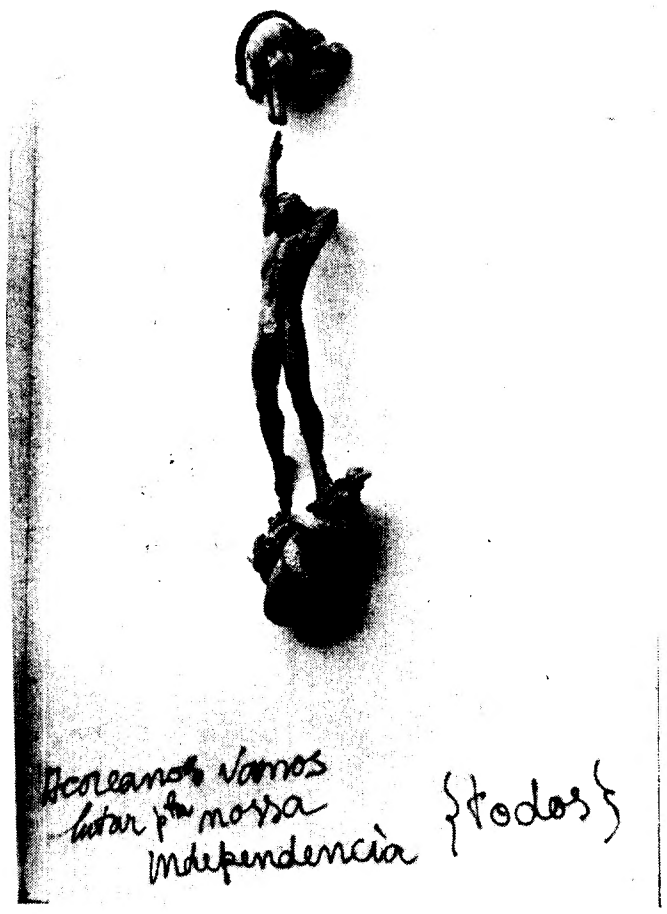
Continuação da pág. 3

dades económicas? Contradições e palavreado!... Política salarial? Com a actual disparidade de escalas salariais por sectores de actividade e por profissões, enquanto os dirigentes do partido que governa — e se diz representante dos trabalhadores — procura aumentar mais as divisões, como se não bastasse por si só a existência de 300 sindicatos? Uma coisa é atacar o PCP — cada qual usa como quer — outra são as organizações sindicais. Não é bem evidente que o que se pretende é oferecer aos capitais estrangeiros um movimento sindical dividido e mais vulnerável?

Enfim, mais grave do que os números das Finanças mas muito mais, é o «granel» desta situação económica, das suas estruturas, dos seus vícios de longa data, da sua letargia, que exige, sem dúvida e urgentemente, soluções políticas e eficientes (que ultrapassam estes «políticos»). Não podemos continuar a política de «atamancar» em que temos vivido. É bem claro que o problema está no sistema de crescimento que herdámos, que era anacrónico nos objectivos e nos métodos, bem como na distribuição do acumulado. herança difícil, recebida em tempos de mudança, que é urgente enfrentar.

Como em 1820, foi-se a exploração colonial e existem novos mecanismos económicos no sistema capitalista, mas desta vez tudo muito mais rápido, com nova escala de grandeza. Continuamos, como há 150 anos, há 60 anos, há 2 anos incapazes de enveredar por uma reconstrução de base a sério. O resto é «blá-blá» e a fatalista e lusitana espera por um «D. Sebastião»; as próximas gerações que se amolem».

Seria preferível que discursos deste tipo servissem antes para uso interno do Governo, que bem os necessita. Para nós, basta de oratória, seja o «corrido» ou «choradinho». Queremos, sim, acções e respostas eficazes! E, srs. governantes, acabe-se com esta vergonhosa vendilhice do País ao estrangeiro. Por este caminho ainda acabamos em «lupanar internacional»...



Quais as forças que actuam por detrás dos separatistas, e de que José de Almeida é a testa de ponte?

Geral

Conselho da Revolução recebeu trabalhadores rurais

Foi recebida ontem pelo Conselho da Revolução uma delegação de representantes dos trabalhadores agrícolas dos distritos de Évora, Beja, Portalegre e Santarém, que se deslocou a Lisboa para informar aquele órgão sobre alegadas arbitrariedades cometidas pelo Ministério de Agricultura e Pescas.

Os pedidos de reserva continuam. Segundo fontes ligadas ao Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja há neste momento perto de quarenta pedidos naquele distrito. Algumas UCPs estão a ser «bombardeadas» com dois, três e mais pedidos de reserva nas suas terras. É o caso da unidade colectiva de produção «25 de Abril», de Sousel que enviou ao CRRA de Portalegre uma exposição referente ao terceiro pedido de reserva reclamado por José Dias Bairrão, rendeiro da «Herdade de D. João». O curioso da questão é que o rendeiro já tinha negociado com os seus direitos de rendeiro com a UCP assinou em Setembro, um recibo de 500 contos por conta da indemnização relativa às herdades do Vale Valeia en D. João. Por outro lado os trabalhadores da «25 de Abril» afirmam que José Dias Bairrão nem sequer é um rendeiro apertado com dificuldades económicas: vive desafogadamente dos rendimentos das terras que possui e do lagar que explora em Vale de Mós (Abrantes).

Os trabalhadores das UCP's afectados por pedidos de reserva e desanexação arbitrárias protestam contra a «surdez» dos CRRA's, que não se dignaram, sequer, responder às exposições que lhe foram enviadas.

Ministro António Barreto na "Semana Verde"

O ministro da Agricultura e Pescas, António Barreto, segue amanhã para Berlim Ocidental a convite do burgomestre daquela cidade. Objectivo da visita, que se prolongará até ao dia 29: participar na abertura da «Semana Verde Internacional 1977», certame destinado apenas a apresentar aspectos da actividade agrícola.

Para além de estar presente à abertura da exposição, no dia 27, o ministro António Barreto comparecerá ainda a uma recepção oferecida pelo burgomestre de Berlim Ocidental, a uma outra dada pelo ministro federal para a Alimentação, Agricultura e Florestas e a um jantar com o Presidente da República Federal Alemã, Walter Scheel.

António Barreto regressará a Lisboa no dia 29.

NOTA OFICIOSA

Venda de cortiça

A propósito dos problemas levantados com a venda de cortiça na Cooperativa «Boa Esperança» o Ministério da Agricultura e Pescas emitiu a seguinte nota oficiosa:

«O diferendo existente entre a Cooperativa «Boa Esperança» e a firma «Queimado e Pampulim», por um lado, e a firma «Amorim e Irmão», por outro lado, encontra-se em tribunal há poucos dias.

O CRRA procedeu, de acordo com instruções recebidas, à medição da cortiça existente na Cooperativa «Boa Esperança» a fim de obter os elementos indispensáveis para a actuação da Justiça.

Ao contrário do que noticia o «Diário», o CRRA de Évora não recebeu qualquer «ordem emanada da 5.ª Vara do Tribunal Cível de Lisboa no sentido de mandar interromper a saida de cortiça da Cooperativa «Boa Esperança». Aquele centro não poderia, pois, ter desrespeitado uma ordem de que oficialmente lhe foi dado conhecimento.

Concluiu-se assim que não se verificou qualquer «ilegalidade cometida pelas estruturas do MAP».

Portugal solicita mais créditos ao Banco Europeu de Desenvolvimento

O financiamento do projecto de melhoramentos do porto de Leixões levou ao Luxemburgo uma missão portuguesa que pretende obter do Banco Europeu de Investimentos (B. E. I.) uma série de empréstimos que totalizarão os 15 milhões de unidades de conta (a cotação de cada unidade de conta é um pouco superior a 30 escudos).

Esta missão é chefiada pelo secretário de Estado da Marinha Mercante, dr. Crisóstomo Teixeira, e integrada pela eng.ª Maria Alexandra Gomes, da Secretaria de Estado do Planeamento, pelo dr. Lucena e Vale, do Ministério das Finanças, pelo dr. Ferreira do Amada, do Gabinete de Planeamento do Ministério dos Transportes e por representantes da Administração do porto do Douro e Leixões.

Os 15 milhões que se pretendem obter do B. E. I. inscrevem-se na chamada «ajuda de emergência» que a C. E. E. concedeu a Portugal em Outubro de 1975 no valor de 150 milhões de unidades de conta. Uma nota da Secretaria de Estado do Planeamento sublinha, no entanto, que além desta última verba um protocolo adicional concedeu um novo empréstimo de 200 milhões de unidades de conta. Este último foi assinado em 20 de Setembro do ano passado. A mesma nota diz ainda que até agora 117 milhões de unidades de conta foram já abrangidas por projectos em execução no nosso país.

Como os 15 milhões que estão presentemente a ser solicitados não esgotam ainda a verba inicialmente concedida pelo B. E. I. (150 milhões), em Fevereiro uma nova missão portuguesa tentará «retirar» mais 33 milhões que permanecem como remanescente. A partir daqui, começarão outras negociações, estas visando o protocolo entretanto assinado em Setembro último e o qual abrange financiamentos no período entre 1978 e 1980.

AFIRMADO NA CERIMÓNIA DE ENTREGA

Caças dos E.U.A. são para treino de pilotos da Brigada N.A.T.O.

«Consubstancio o espírito da cooperação mútua, da amizade e da valiosa comparticipação dos Estados Unidos no âmbito da Aliança Atlântica», assim sintetizou o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, o «empréstimo» de seis aviões norte-americanos «T-38» chegados ontem a Lisboa para treino dos pilotos da Força Aérea Portuguesa.

Num curto discurso, proferido na cerimónia da entrega dos aparelhos, efectuada ontem à tarde, na presença do embaixador Carlucci, dos ministros da Defesa e das Finanças, do conselheiro da Revolução, Ribeiro Cardoso, e do vice-chefe do EMFA, Silva Cardoso, e de outras individualidades, o general Lemos Ferreira referiria ainda «a preocupação permanente da Força Aérea e das Forças Armadas em geral, em progredirem e se actualizarem tecnicamente, de molde a poderem contribuir de forma mais valiosa para a manutenção conjunta da paz, da liberdade e do respeito pela pessoa humana» e, também, a necessidade de preparação» «mais avançada e perfeitamente adequada» do pessoal da FAP, para estar apto «a receber, operar e manter com o melhor rendimento o tipo de avião indispensável ao apoio da Brigada actualmente em operação» (Brigada da Nato).

Carlucci, que não deixou (tal como em Santa Margarida, com os tanques oferecidos à brigada da Nato) de experimentar o banco de pilotagem dos T-38, salientou a sua «satisfação» por participar na cerimónia que considerou «mais do que uma simples entrega de aviões da parte de um Governo a outra — a um Governo amigo».

O embaixador norte-americano sublinhou também «o grande respeito e admiração que nós, nos Estados Unidos, temos pelo papel que as Forças Armadas portuguesas vêm vindo a desempenhar no processo de institucionalização da democracia em Portugal».

Os seis T-38, serão montados no aerodromo-base n.º 1 (Portela de Sacavém) e seguirão depois para a base aérea de Monte Real, onde os pilotos da FAP cumprirão «um programa de treino avançado».

Entretanto o gigantesco «Galaxy», avião-cargueiro que trouxe os seis caças dos E. U. A. regressou ontem já ao ponto de partida.

O MAIOR VENDEDOR

Entretanto o jornal londrino, «Financial Times» salienta em artigo sobre a venda e tráfico de armas, que os E.U.A. vende ao estrangeiro mais armas que o conjunto dos países capitalistas.

Nos últimos cinco anos — diz o periódico — o material de guerra norte-americano enviado para o estrangeiro cresceu 14 vezes, totalizando cerca de 13.000 milhões de dólares. Entre os países fornecidos pelos EUA destacam-se, pelo volume de compras, a Arábia Saudita, o Irão, Israel, Coreia do Sul, Suíça, Jordânia, Austrália, Alemanha Federal, Marrocos, Tailândia, Grécia e Espanha.

A Northrop, fábrica produtora dos T-38 agora emprestados a Lisboa vendeu no ano de 1975, aviões no montante de 293 milhões de dólares (perto de 9 milhões de contos).

Embaixador Fontoura negou-se a receber delegação com 40 mil assinaturas

Uma delegação de antifascistas portugueses que ontem de deslocou à Embaixada do Brasil em Lisboa para entregar uma moção de protesto contra «o assassinato de três filhos do povo brasileiro, destacados antifascistas, servidores das aspirações à liberdade e progresso» e «contra a prisão de outros doze» não foi recebida pelo embaixador, general Carlos Fontoura. Este diplomata recusou-se.

A moção era subscrita por cerca de 40 mil pessoas, entre as quais cem deputados de todos os partidos representados na Assembleia da República.

Da delegação que ontem se deslocou à Embaixada faziam parte, entre outros, Lopes Cardoso, Acácio Barreiros, Nuno Teotónio Pereira, Mendes Espada, João Madeira, António Bento, Armando de Castro e José Manuel Esperto.

Comentando a decisão do embaixador, Lopes Cardoso, ex-ministro e actual deputado do P. S. à A. R., disse que «a recusa tem um significado não comparável à repressão que existe no Brasil, mas traduz a má consciência do Governo brasileiro, que só conhece o argumento da força».

Mal chegou ao pé do edifício onde se encontra instalada a Embaixada (na Avenida Fontes Pereira de Melo), a delegação foi informada por agentes da P. S. P. de que o embaixador Fontoura não a receberia. Só mais tarde um funcionário da Embaixada veio à entrada do edifício explicar a um dos membros da delegação, Mendes Espada, que o embaixador não receberia a delegação por considerar a iniciativa «um acto político».

Este argumento foi rejeitado pela delegação ao que pretendeu — segundo um dos seus membros — consubstanciar na entrega da moção «um acto de solidariedade do povo português para com o povo brasileiro».

Perante a recusa do embaixador e depois das explicações do funcionário, a delegação abandonou o local.

Comunistas aumentam representação no Conselho da Europa

Um grupo parlamentar comunista deverá ser constituído muito em breve no Conselho da Europa que na sua 28.ª sessão, ontem iniciada, regista a presença de deputados do Partido Comunista Português, do Partido Comunista Francês e do Partido Comunista Italaino.

Até agora, apenas os deputados do P.C.F. tinham acesso ao Conselho o que impedia que constituissem um grupo parlamentar. Com a participação dos comunistas portugueses e italianos, que se regista pela primeira vez, foi já apresentada (isto na sessão de ontem) uma proposta que visa modificar o regulamento do Conselho, reduzindo de 20 para 15 o número mínimo de deputados necessário para constituir um grupo parlamentar e abrindo assim prespectivas à organização dos representantes daqueles três partidos comunistas. A proposta, levada ao conselho pelo deputado inglês Percy Grieve, foi aprovada sem votos contra e apenas com uma abstenção. Até agora estão constituídos quatro grupos parlamentares (socialistas, democratas-cristão, conservadores e liberais), ficando o grupo comunista a ser o quinto, se a sua constituição não for entravada.

Portugal, recentemente admitido como 19.º membro do Conselho da Europa, está representado nesta sessão por sete deputados representando os quatro maiores grupos parlamentares da Assembleia da República. O Partido Comunista Português está representado por Carlos Aboím Inglez, dado que, quer o representante efectivo do P.C.P., Carlos Carvalhas, quer o seu suplente, José Paiva Jara, não puderam deslocar-se.

marrocos

TANGER
• FIM DE SEMANA
• MINI-SEMANA
• UMA SEMANA

JOIAS DO MARROCOS

CIDADES IMPERIAIS

partidas as 2.as e 5.as de Janeiro a Abril

Avioes BOEING 737 da Royal Air Maroc · magníficos hotéis, quartos com banho · Aloj. P.alm. ou 1/2 pensao ou pensão completa nos hotéis · transportes

Programas e Reservas

VIAGENS RAWES

Lisboa-Correspondencia R. Bernardino Costa, 47 Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

INÉDITO EM PORTUGAL

TODA A IMPRENSA PORTUGUESA NUM BLOCO DIÁRIO DE 45 FOTOCÓPIAS

Consulte o Centro de Documentação da Ciesa - NCK
R. Gonçalves Zarco, 14
Telef. 61 32 61 - Lisboa 3

Um Servico de Leitura Selectiva de Imprensa utilizado pelos mais altos orgaos do poder, ministerios, orgaos das F. A., meios de comunicacao social, embaixadas e empresas publicas e privadas.

Mais de 250 publicacoes, (diarios, semanarios, imprensa partidaria e doutrinaria e regional, etc.) lidas, selectivamente, por especialistas.

Recolha de noticiario, cobrindo 35 temas, apresentado com um resumo e paginado para permitir uma leitura continua, classificado por temas, datado e identificado.

Envio diario para os assinantes, com noticiario do proprio dia, num total de cerca de 45 fotocopias em media (media mensal de 1.000).

Arquivos com material jornalistico recolhido desde o 25 de Abril, em fotocopias ou em microfilme (16 e 35mm). Dossiers especiais: 28 Setembro, 11 de Marco, 25 de Novembro.

Total de 30 mil pecas jornalisticas ate a data adquiridas em microfilme pela Biblioteca do Congresso dos E.U.A., Museu Britanico, Universidades de Paris e Texas, Arquivos do M. N.E., Biblioteca Nacional, etc.
Assinatura mensal (em fotocopia) Esc. 3.500$00.
Envio diario.

Saldos • Saldos • Saldos

Grande Campanha

JOFRAMA

Não temos "MONOS" para saldar, temos artigos de boa qualidade que vendemos a preços de saldo

Pano estamp. 1,4 largura 55.00
Camisas de dormir Flanela 95.00
Jogo banho veludo 5 peças 399.00
Cobertor luxo veludo 990.00
Jogo mesa Biarritz 295.00
Jogo cama 1,80 estamp. c/ 2 lenç. 450.00
Colchas Ninita felpudas 15.00
Lençol estamp. Sensacional 188.00
Milhares de cobertores 199.00
Milhares de jogos de banho Nosso recime 219.00
Toalha rosto felpudas 39.00
Milhares de Toalhas de Rosto — Grandes 49.00
Jogo de cama bordados c/ pequenos defeitos 295.00
Toalha de Mesa Estampada 69.00
Toalhão de banho cores quentes 89.00
Lençóis de Flanela Largura 2,m x 3,m 145.00
Jogos de cama Flanela estamp. c/ 2 lençóis 495.00
Toalhas de mesa 1,5 — Lindas 119.00
Jogo cama estamp. c 2,m c/ 2 lençóis 595.00

Somos O REI DOS PANOS — e provamos — Temos nos nossos armazéns um MILHÃO DE METROS, dos mais diversos panos estampados, brancos e cores, para vendermos mais barato que qualquer fábrica

Os nossos Saldos vão ser o delírio das Noivas e Donas de Casa

SEDE — RUA DOS FANQUEIROS, 226 - 232 (frente à Rua da Assunção)
FILIAIS | RUA JOÃO DAS REGRAS, 4 - B (junto à Praça da Figueira)
| RUA DA MADALENA, 203 - 217
Telefones: 86 28 99 - 87 21 56 - 87 33 40 - 86 85 72 - LISBOA - 2

MANDAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS

Saldos • Saldos • Saldos

Nacional

A HISTÓRIA DE UM PIANO

Tudo acaba com Mozart

Na sequência da publicação de uma carta do major João Figueiredo, presidente da Comissão Administrativa da Radiodifusão Portuguesa, a propósito de uma crítica de Mário Vieira de Carvalho sobre as dificuldades encontradas pelo compositor Jorge Peixinho para utilizar o piano «Steinway» do S.Luiz, pertença da Câmara Municipal de Lisboa, recebemos daquele responsável pela RDP nova carta, pondo ponto final na questão e sugerindo um convite ao nosso crítico musical para ambos ouvirem Mozart.

Mário Vieira de Carvalho, que gostosamente aceitou a sugestão, também responde aqui a João Figeueiredo. E, pela parte do «DL», damos a questão por encerrada.

É o seguinte o teor da carta de João Figueiredo:

. «Acabei de ler o «Diário de Lisboa», de 18-1-77, a carta que enderecei ao senhor director do jornal e a resposta do Mário Vieira de Carvalho acerca da «História do Piano Steinway», propriedade da Câmara Municipal de Lisboa. Agradeço-lhe os termos em que se refere à minha pessoa e a elevação que soube dar à sua polémica resposta — porque sobremodo técnica, dada a minha incompetência na matéria, dou, nesse aspecto, o assunto por encerrado, pela minha parte.

«Gostaria, apenas, de sublinhar dois pontos:

« ... moveu-me o desejo de deixar bem claro que o eng.º Góis Ferreira, ex-Presidente da CML., tomou no assunto uma posição administrativa, como lhe competia, deixando as «discussões sobre a sorte do piano» à consideração da entidade a quem fazia a cedência do mesmo e a quem responsabilizava pela sua integridade.

«Este ponto, fulcral na minha carta, parece-me ter sido, por si, considerado incontroverso o que plenamente me satisfaz.

« ... Não me preocupou, durante a minha permanência na RDP o passado político de José Atalaya; posso considerá-lo um precioso pilar das actividades da Empresa no campo musical, sem, em qualquer momento, me ter, no mínimo que fosse, condicionado a aspectos políticos.

«Além de ter sido o grande motor da dignificação profissional das orquestras da RDP, ele foi a alma das «Quinzenas Musicais» (Polónia e a Checoslováquia já se contam na lista); foi, há dias, convidado pelo Governo Polaco para visitar aquele País», «em virtude da contribuição que tem dado para o conhecimento da música polaca em Portugal» e, sobremodo, teve a desassombrada atitude de, logo após o afastamento de diversos trabalhadores da Televisão, por eventual comprometimento no 25 de Novembro, ter convidado alguns deles a colaborarem na RDP (nessa altura, como sabe, em que muito poucas pessoas teriam a coragem de o fazer).

«Isso me bastou para ... na minha ignorância ... acreditar que «a música neste País, na Europa, no Mundo», será feita por todos ... talentosos ou não ... que a ponham acima dos seus interesses pessoais.

«Cria que apreciei a sua resposta e que, gostosamente, aceitarei um seu convite (se ambos tivermos tempo...) para ouvirmos Mozart (não me atreveria a pedir que tocado pelo Jorge Peixinho).

RESPONDE MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

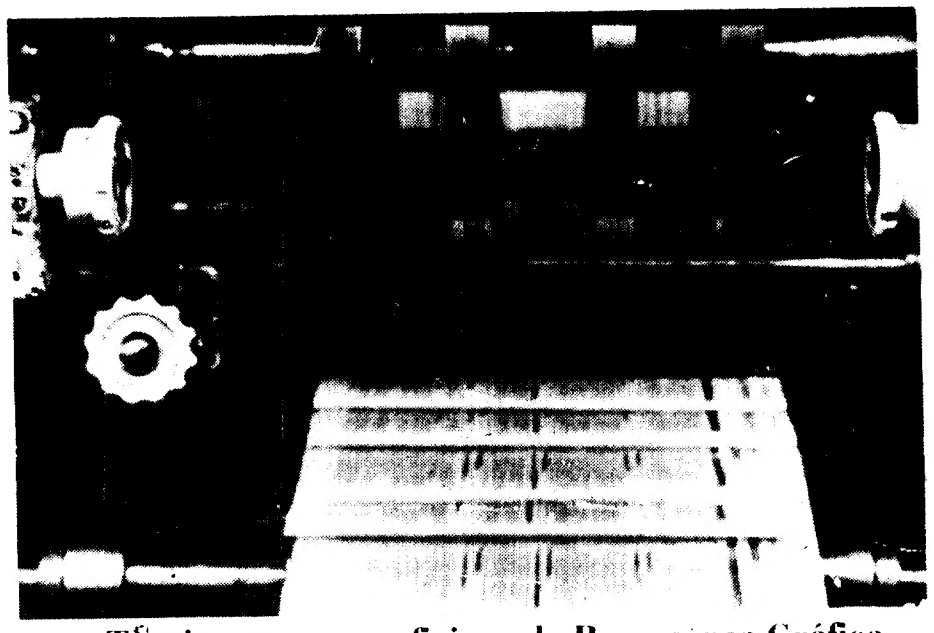
Por seu turno, o nosso crítico musical responde, assim, ao major João Figueiredo:

«Não se trata de trocar galhardetes. Mas é agora a minha vez de agradecer ao sr. major João Figueiredo a atenção que dedicou a este assunto e de reconhecer a sua isenção.

«Será, para mim, motivo de grande satisfação o proposto encontro mozartiano. Nos intervalos entre cada peça — e com Jorge Peixinho, se ele quiser juntar-se a nós, dispondo-se ou não a tocar Mozart, mesmo num piano vertical — teremos então oportunidade de confrontar mais amplamente os nossos pontos de vista acerca da música e das formas de a promover, aqui e agora.

«A propósito, só quero deixar aqui registado que, ao por em causa a informação do seu colaborador, estou longe de o fazer por motivos vesgamente políticos. Acontece, apenas, haver quem não compreenda que a qualidade da intervenção musical depende da consciência cultural dos seus promotores. E é tão lícito estabelecer um nexo entre os vícios da máquina burocrática da ex-E. N. e as consequências culturais da real ou aparente «neutralidade» política do seu colaborador como lícito será denunciar a contradição de uma atitude política progressista com uma incorrecta equação dos problemas musicais.»

MILHARES DE LEITORES POR MINUTO



Técnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica são das mais actualizadas da Europa.
Das suas rotativas saem diàriamente milhares de exemplares de publicações e cartazes,
a um novo ritmo de produção e de acabamento.
Economia, quer isto dizer.
E novas possibilidades de criar Imaginação e Leitores.
Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL
R. Luz Soriano 44 — Lisboa Telef. 321154/5-320271/2/3

PIDES — DESVENDA-SE O MISTÉRIO

Vítimas prestaram declarações mas não foram chamadas para depor no tribunal

. Em carta dirigida ao Juíz Presidente do 5.º Tribunal Militar Territorial, o dirigente estudantil Joaquim Estêvão Miguel Judas põe a claro uma das facetas dos escandalosos julgamentos dos «pides»: a ausência de testemunhas, a não ser as já célebres testemunhas «abonatórias». Assim os torturadores vão saindo, condenados simbolicamente.

O teor da carta justifica a sua publicação na íntegra. Diz Joaquim Estêvão Miguel Judas:

. «Fiquei altamente surpreendido ao tomar conhecimento através da imprensa diária de que nesse tribunal decorre o julgamento do «pide» José Clara Vargas, ao qual, segundo a mesma imprensa, não compareceram nem testemunhas nem declarantes.

Não compreendo porque não fui informado da realização do julgamento e chamado a prestar declarações no tribunal, pois por várias vezes já as prestei na Comissão de Extinção da PIDE/DGS contra o Vargas e os outros pides que me torturaram quando das minhas prisões em 1972 e 1973.

Quem me diz que, tal como poderia suceder ao Vargas, algum «pide» contra quem apresentei queixa não foi já julgado e está em liberdade?

Quando fui preso, apesar do atestado médico que os alertava para os riscos que a minha vida corria, caso fosse submetido a violências, a Pide submeteu-me à tortura do sono tendo, em 1972, sido torturado durante 15 dias em dois períodos um de 5 e outro de 10 dias seguidos. No intervalo de dois dias entre os dois períodos de tortura tiraram-me um radiografia pulmonar. Durante a tortura o Vagas destacou-se pela sua crueldade.

Estou disposto a prestar declarações a esse tribunal onde for preciso e quantas vezes seja necessário para que seja feita justiça, para que os criminosos e sádicos da Pide sejam julgados e condenados, pelos assassínios, as torturas e perseguições à juventude e ao povo português na pessoa de muitos milhares de patriotas e antifascistas, para que o fascismo não volte e a liberdade seja defendida.»

. ..ue terá a dizer a isto a Comissão de Extinção da Pide/DGS e o general Ribeiro Faria, até há pouco seu presidente?

. Que dizer da organização de processos em moldes tais que as vítimas foram prestar declarações mas depois não são chamadas ao tribunal?

Cooperativas de consumo em congresso

PORTO, 25 — «Encontrar um ponto de encontro entre o movimento cooperativo de produção e de consumo para que se estabeleçam planos de produção que sejam directamente destinados às necessidades do consumidor» — é um dos objectivos do I Congresso em Liberdade das Cooperativas de Consumo, segundo foi afirmado no decorrer de uma conferência de Imprensa realizada nas instalações da Riocoop, em Rio Tinto.

O Congresso, conforme foi anunciado, decorrerá em Lisboa de 11 a 13 de Março deste ano e nele participarão elementos de organizações cooperativistas estrangeiras, entre os quais se contam os de cooperativas da U. R. S. S. e do E. U. A.

Entretanto, foi dito ainda que o prazo para a entrega das teses termina no dia 11 de Fevereiro.

Nacional

Frustrou-se a esperança suscitada pelo 25 de Abril: nos hospitais avoluma-se o caos

UM GRITO DE ALARME

A degradação da assistência hospitalar agrava-se a um ritmo assustador

LUDGERO PINTO BASTO

É sabido que a degradação da assistência hospitalar se vem processando continuamente desde há dezenas de anos, com breves surtos de travagem e de recuperação parcial, devidos a esforços isolados que se opuseram à corrente dominante, sem contudo conseguirem mudar-lhe o rumo.

É exemplo patente desta degradação a instituição onde trabalho, os Hospitais Civis de Lisboa, e naturalmente exemplo mais expressivo do que qualquer outro, porque se trata do maior e mais importante conjunto hospitalar do País. E dentro dos H.C.L., reflectindo os seus defeitos básicos de organização, o banco do Hospital de S. José assume particular relevo.

É certo que este banco, que presta assistência a centenas de pessoas em cada dia, continua a desempenhar um importantíssimo papel na solução dos problemas da urgência médico-cirúrgica não só da população de Lisboa, mas também da metade Sul do País. Todavia, se isto continua a ser um facto indesmentível, se continuam a acorrer ao banco inúmeras pessoas em risco de vida imediato que ali encontram os socorros necessários e adequados à situação de urgência que as aflige, pronta e expeditamente (socorros que não encontrariam com facilidade noutro lugar), não é menos certo que, na sua maior parte, os doentes são ali tratados em condições inadmissíveis em qualquer sociedade civilizada. Quem quer que tenha alguma vez entrado naquele serviço não pode deixar de sentir-se profundamente chocado com o espectáculo degradante, quer do ponto de vista humano quer do ponto de vista da organização assistencial, que se lhe deparou. A situação do banco, que é francamente má desde há muitos anos, tem-se realmente agravado progressivamente de dia para dia. Actualmente é indescritível. Só vista.

Mas a degradação não se limita ao banco. Os serviços de internamento de todos os hospitais integrados dos H.C.L. sofrem as consequências da desorganização do banco, da anarquia da admissão e movimentação de doentes, da exiguidade do pessoal técnico e auxiliar, da ancilose, do anacronismo e da inadequação de toda a máquina administrativa, da falta de coordenação nacional dos serviços de assistência médica.

Poderia supor-se e esperava-se, que o *25 de Abril* viesse modificar a situação. Tal porém, não aconteceu.

Na verdade a cúpula administrativa dos H.C.L., nascida dos plenários tumultuosos dos primeiros dias de liberdade (exercida ainda às apalpadelas pela maior parte dos trabalhadores, como quem sai da treva absoluta para uma luz deslumbrante), subtraiu-se a breve trecho ao controlo directo dos trabalhadores e passou a actuar no estilo das suas antecessoras. As assembleias gerais de trabalhadores foram-se tornando cada vez mais espaçadas. Depois de ter entrado em funções a Comissão Instaladora actual, não houve mais nenhuma dessas assembleias.

Mas o pior, o essencial, o que importa sobretudo é que a acção das administrações pós-25 de Abril assenta na mesma máquina administrativa que reinou durante o antigo regime. Nada, rigorosamente nada, mudou nessa máquina. Mantêm-se por isso todos os seus defeitos, que são muitos e muito graves e que se reflectem em todos os serviços (clínicos, auxiliares, de alimentação, burocráticos, industriais, etc).

A descentralização administrativa e financeira dos hospitais integrados, cuja necessidade ninguém já se atreve a negar, nem sequer foi esboçada. Os mais pequenos problemas de qualquer destes hospitais (desde consertos insignificantes de aparelhos, a aquisições de objectos e materiais de valor mínimo) dependem dos Serviços Centrais, em regra instalados no Hospital de S. José, e por isso levam meses ou mesmo anos (sem sombra de exagero) a resolver.

Neste panorama sombrio surge uma iniciativa da Comissão de Reforma e Gestão do Serviço de Urgência, que chegou ao nosso conhecimento em Outubro passado. Esta iniciativa expressa-se num projecto de Ordem de Serviço, que não cabe aqui reproduzir por ser extenso, mas que continha, entre outras, a determinação da *transferência imediata de todos os doentes retidos no banco para os serviços da respectiva patologia, cometendo ao mesmo tempo a esses serviços e às Comissões de Reforma e Gestão dos Hospitais onde os mesmos estão instalados a solução dos problemas porventura decorrentes de tais transferências de doentes*. Estes problemas eram previsíveis *dado que as transferências de todos os doentes se processariam independentemente da existência de vagas nos serviços de destino*!

O comentário que estas disposições sugerem a qualquer pessoa de bom senso, mesmo sem conhecimento pormenorizado do assunto, é óbvio. No entanto, parece-nos útil transcrever a opinião expressa pela unanimidade dos médicos do serviço onde trabalho, sobre o citado projecto de Ordem de Serviço, que lhes foi apresentada antes de começar uma das suas sessões clínicas periódicas, em 9 de Outubro passado:

«1) — Não são consideradas nele (projecto da Ordem de Serviço) quaisquer medidas tendentes a remover as causas do estado caótico em que se encontra o Serviço de Urgência dos H.C.L. (carência que aliás se vem verificando há muito tempo);

2) — As medidas propostas implicam necessariamente um risco: a «sementeira» do caos, agora existente no banco, por todos os serviços de acção médica dos H.C.L.

Assim sendo, os médicos do Serviço 1 do Hospital de Santa Marta, sentem-se na obrigação de declarar a sua mais formal oposição às medidas preconizadas no referido projecto de Ordem de Serviço, e de chamar a atenção da Comissão Instaladora, órgão responsável pela gestão dos H.C.L., para as gravíssimas consequências que tais medidas acarretariam.»

Uma parte do projecto, a mais nociva, já foi efectivamente convertida em Ordem de Serviço, que entrou em vigor no dia 20 do corrente e cujos efeitos começam a sentir-se. Já vi doentes deitados em colchões no chão dos corredores de um dos serviços do nosso hospital, mas, mesmo que isto não se mantenha (camas não faltam, visto que ainda recentemente se adquiriram em grandes quantidades, para substituir outras que eram perfeitamente satisfatórias, porventura melhores do que as novas), a acumulação de doentes para além da lotação — já tão liberal... — estabelecida para os serviços, vai certamente reflectir-se nas condições de comodidade de instalação e de facilidade técnica de tratamento de todos os doentes os que estavam e os que entram.

Por outro lado, vai aumentar, nas consultas externas, a lista de espera de doentes para internamento, que já está a acontecer no nosso Serviço.

Certamente não deixarão também de ser agravadas as já precárias condições de ensino para os alunos de Medicina e para os médicos jovens que fazem carreira hospitalar.

Vamos continuar nesta senda?

Vão continuar fechados os serviços indicados para obras, cujo início se aguarda há muito tempo (alguns anos em certos casos)?

Vão fechar mais serviços para obras nas mesmas condições?

Vão continuar inactivos (por lhes terem encerrado os serviços) os médicos-directores que se mantêm nesta situação desde há vários anos?

Não seria mais curial instalar os doentes a transferir do banco noutros edifícios (onde certamente ficariam melhor do que nas engermarias monstruosamente superlotadas), em vez de atulhar as enfermarias dos serviços prejudicando também os doentes que lá se encontram?

Não seriam de aproveitar, na emergência, os vários hospitais militares que me dizem haver em Lisboa, dotados de excelentes instalações e equipamento, a funcionar em regime de gritante subaproveitamento?

Aí ficam algumas perguntas que me sugeriu a Ordem de Serviço que a Comissão Instaladora dos Hospitais Civis de Lisboa, órgão administrativo supremo da instituição, emitiu em 17/1/77, adoptando medidas que lhe foram propostas pela Comissão de Reforma e Gestão do Serviço de Urgência dos Hospitais Civis de Lisboa.

Que responda quem souber.

MÁRIO SOARES NO "SANTA MARIA"

"Não permitiremos a agressão política dentro dos hospitais"

É preciso acabar com a política dentro dos hospitais — disse o chefe do Governo ontem, quando visitava as instalações do Hospital Santa Maria, profusamente «ilustrado» de propaganda partidária. Para Mário Soares, é agora objectivo prioritário «acabar rapidamente as obras, nomear um administrador e disciplinar os serviços» daquele estabelecimento hospitalar.

Iniciando a sua visita pelo Banco de Urgência, o Primeiro-Ministro teve oportunidade de observar as obras de ampliação que deveriam, afinal, ter sido concluídas há ano e meio. (Explicação para o atraso: quando da instalação de um centro de tratamento a cobalto, houve quem se esquecesse de isolar o banco das irradiações).

Prosseguindo na visita ao «maior hospital do País» (3300 trabalhadores, entre os 1100 médicos; 1309 camas para 1509 doentes, e 800 doentes em «trânsito» todos os dias) Mário Soares anunciou que se deslocaria ali, em breve, o ministro das Obras Públicas ou o secretário de Estado daquela pasta, já que «temos que dar grande impulso aos hospitais que são a nossa principal frente».

A certa altura, e por insistência dos elementos da comissão administrativa, o chefe do Governo visitou o sector do hospital que se encontra em pior estado: o Serviço de Ortopedia.

Mais tarde, o Primeiro-Ministro diria aos jornalistas que o Hospital de Santa Maria era um hospital onde existiam ainda problemas de disciplina e uma certa agitação, não se encontrando resolvidos outros problemas nomeadamente no que respeita ao tratamento humano dos doentes.

Todavia, esclareceu Mário Soares, o seu Governo passará da fase de concepção à fase de execução: «o povo português vai ter, em matéria de saúde, algumas novidades agradáveis ainda este ano». Explicando melhor: «Vão ser dados benefícios efectivos para que a assistência seja igual para todos os portugueses, e seja efectivamente eficiente, de modo a que os hospitais comecem a funcionar convenientemente, com instalações bem equipadas».

Depois de salientar que devemos poupar, mas não em matéria de assistência médica e hospitalar ao Povo Português, e de anunciar que visitaria outros hospitais, inclusive as unidades fora de Lisboa, o Primeiro-Ministro disse que «não se pode admitir que os doentes, que vêm para aqui para serem tratados, sejam agredidos por propaganda política seja ela qual for — a começar pelo P. S. que eu represento».

Portugueses vão aprender como se come

Vai ser lançada uma campanha de educação alimentar, na qual participarão técnicos de diversos Ministérios, e que terá por objecto corrigir as distorções e carências no domínio da alimentação dos portugueses.

Assim, e no âmbito da Secretaria de Estado do Comércio Interno, foi criada uma comissão incumbida de elaborar um estudo sintético sobre um programa para a referida campanha.

Recorde-se que, para além dos maus hábitos adquiridos em matéria de alimentação, agravado consideravelmente o sector.

A campanha poderá ser lançada dentro de um mês.

"Pensão de 79$00 para viúva sobreviver"

Em relação a uma notícia publicada na nossa edição de 29 de Dezembro de 1976, intitulada «Pensão de 79$00 para viúva sobreviver», escreve-nos o administrador-delegado da Administração Geral do Porto de Lisboa esclarecendo que a referida senhora recebe mensalmente, além dos 79$00, a que nos referimos, 1314$00 de uma pensão de sobrevivência concedida pela Caixa Geral de Aposentações. Aqui fica feita a necessária correcção.

PUB

DIONÍSIO

É preciso avisar toda a gente que OS AMIGOS estão a chegar.

CÚSCUS
ESPECIALIDADE ÁRABE
Pratos individuais a 80$00
JANTE TODOS OS DIAS
A PARTIR DAS 20 E 30 NO
BONAPARTE — Rua de S. Miguel, 70
ALFAMA — Telef. 872761

mini férias na neve

SERRA da ESTRELA
PASSE 4 DIAS
NO TECTO DE PORTUGAL
PENHAS da SAÚDE
alojamento no magnífico
hotel SERRA da ESTRELA
informações e inscrições:
mundial turismo
LISBOA AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 90 B TEL. 563521 22 23 24
PORTO RUA ENTRE PAREDES, 17 TEL. 26544

O MUNDIALMENTE FAMOSO

B. BERLIN CIRCUS SOBRE GELO

DE 28 DE JANEIRO A 27 DE FEVEREIRO EM LISBOA

Confirmou-se a apresentação em Lisboa de um espectáculo único no mundo, aplaudido por mais de 80 000 000 de espectadores nos 5 continentes. É o famoso B. Berlin Circus sobre gelo, um grandioso espectáculo com mais de 300 artistas reunidos em 2 gigantescas pistas: uma de circo e outra de gelo, com elefantes, leões, cavalos, tigres, 120 patinadores sobre gelo com os autênticos campeões olímpicos de patinagem artística e ainda a actuação dos melhores palhaços mundiais. Com a apresentação pela 1.ª vez na pista de um circo de SANDOKAN, o Tigre da Malásia com as suas lutas contra as feras e as batalhas contra os barcos inimigos. Devido à sua grandiosidade será instalado nos terrenos de jogos do Hóquei Clube de Portugal, na Avenida do Brasil.

PUB

ALBERTO

Toda a gente diz que são horas e tu sem apareceres. OS AMIGOS estão a chegar.

POR 1.650$00 MENSAIS E SEM ENTRADA INICIAL VENDEM-SE TALHÕES DE TERRENO JUNTO DA PRAIA

Firma do ramo imobiliário, por impossibilidade financeira de continuar a sua acção até à finalização dos planos urbanísticos que se propunha levar a efeito em local de extraordinária beleza, junto de extensa praia, situada a cerca de 90 Km de Lisboa, pretende cessar a sua actividade e liquidar a Firma, pelo que põe em venda a totalidade dos terrenos de que é detentora.

Para maior rapidez de solução, vende em talhões os referidos terrenos — demarcados em **PARCELAS RÚSTICAS** a destacar — com áreas mínimas legais, de harmonia com o preceituado pelo **ART. 1.º DA PORTARIA 202/70 de 21 DE ABRIL** — a preços desde 69 500$00 divididos em pagamentos mensais até 3 anos e meio, c/ escritura notarial imediata e sem a obrigatoriedade de entrada inicial nem de fiador, a pessoas de comprovada idoneidade.

Os interessados deverão enviar em postal ou carta dirigida ao Apartado 1431, Lisboa 1, as suas inscrições de compra que serão classificadas e atendidas pela ordem da sua recepção, observando pormenorizadamente o seguinte:

Nome completo — Profissão — Morada, Localidade e Concelho — Dias, horas e o n.º de telefone, convenientes para contacto — Quantidade de talhões pretendidos, outra modalidade de pagamento pretendida (dentro do prazo de 3 anos e meio).

Geral

NOVO MAPA-TIPO PARA ABRIL

RTP finalmente sensível ao "descontentamento do público"

A RTP deverá adoptar em Abril próximo um novo mapa-tipo, actualmente em estudo — anuncia-se num comunicado da comissão administrativa da RTP em que se assinala que «tem-se vindo a verificar um certo descontentamento do público em geral, bem como de algumas entidades e organismos oficiais, quanto à qualidade, isenção e oportunidade de certos programas culturais e informativos da RTP».

O comunicado indica ainda esperar-se que o novo mapa-tipo «venha a espelhar a experiência positiva resultante da análise crítica feita ao mapa-tipo em curso».

Quanto à reestruturação dos Serviços de Informação da RTP, reconhece-se que «dadas as enormes dificuldades e extrema sensibilidade do sector», não foi possível observar o período inicialmente previsto para a sua concretização. Admite-se no entanto que se julga poder essa reestruturação «estar concluída com a maior brevidade».

A Comissão Administrativa da RTP sugere ainda «ao público em geral e às entidades e organismos oficiais» que passem a dirigir-se directamente às Direcções de Informação e de Programas, para tratar de questões ligadas à programação da estação.

Realçando a «autonomia» daquelas duas direcções, o comunicado acrescenta que a Comissão Administrativa da RTP só deverá ser contactada, quando se julgue não terem sido devidamente atendidas pretensões apresentadas às referidas direcções.

DÓRDIO GUIMARÃES ADJUNTO DE ROSA

Num comunicado hoje distribuído, a Comissão Administrativa da RTP afirma que o pedido de demissão de Carlos Cruz do cargo de director de Programas não tem qualquer relação com a nomeação de Dórdio Guimarães para adjunto do presidente da Comissão, capitão Tomás Rosa.

Segundo o mesmo comunicado, o presidente da Comissão Administrativa não efectuou ainda quaisquer contactos com vista à nomeação do novo director de programas da RTP.

O comunicado conclui que Tomás Rosa vai agora iniciar contactos no sentido indicado.

CONSELHO DE REDACÇÃO DO «DIÁRIO POPULAR»

Efectuaram-se ontem, no «Diário Popular», as eleições para o Conselho de Redacção.

Resultados: Filinto Lapa, 42 votos; Ganhão Pereira, 34; Eduardo Moniz, 30; Rodrigues da Silva, 28; Acácio Barradas, 25; Viriato Mourão, 23; e José Antunes, 18.

Dos 47 jornalistas com direito a voto, 45 votaram e dois abstiveram-se.

"Osório e Arouca: penas anuladas"

Assinado pelo juiz-presidente da Relação de Lisboa, dr. Aníbal Aquilino Ribeiro, recebemos o seguinte ofício:

«Na edição de 17 do corrente o **Diário de Lisboa** inseriu a pag. 20, sob a rubrica «Osório e Arouca: penas anuladas» a notícia de a Relação de Lisboa ter julgado procedente o recurso interposto pelos réus Luís Arouca e Sanches Osório da sentença que os condenou como autores de injúrias na pessoa do general Vasco Lourenço, em consequência deste tribunal ter entendido que se não verificara o referido crime.

«Ora, a informação não é exacta. O que sucedeu é que, na sequência da suscitação do Ministério Público, a Relação, por acórdão de 7 do corrente, considerou aplicável aos réus a amnistia decretada pelo Decreto-Lei n.º 758/76, de 22 de Outubro (seu art.º 1), declarou extinto o respectivo procedimento criminal, nos termos do art.º 125.º, n.º 3, do Código Penal e, em razão disso, teve por prejudicado o conhecimento do objecto do recurso interposto da sentença condenatória, proferida no 3.º Juízo Correccional de Lisboa.

Assim, é evidente que a Relação nem «entendeu que não houve qualquer injúria contra o general Vasco Lourenço» «nem julgou procedente o recurso interposto pelos réus...».

«Agradece a publicação desta rectificação para esclarecimento dos seus leitores.»

Campinos destacado para fazer ligação Governo-Assembleia

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, delegou no ministro sem pasta Jorge Campinos competência para assegurar as relações de carácter geral entre o Governo e a Assembleia da República.

Campinos terá a seu cargo os contactos junto dos diversos grupos parlamentares e dos partidos políticos com assento na Assembleia. As relações entre os demais membros do elenco governamental e a A. R. passarão a processar-se através do seu gabinete.

O despacho que atribui estas funções ao ministro sem pasta foi publicado em suplemento ao «Diário da República», I Série, n.º 20.

Assembleia Municipal instalada no Porto

PORTO, 25 — «Estar ao serviço dos munícipes deverá ser e será o lema da Assembleia Municipal» — afirmou ontem o dr. António Macedo, presidente daquela assembleia, no decorrer da cerimónia de instalação daquele órgão constitucional, à qual esteve presente o governador civil do distrito, dr. Cal Brandão.

A Assembleia é composta por 55 cidadãos, 15 dos quais por inerência do cargo (presidentes das juntas de freguesia - 14 do P. S. e 1 do P. S. D.), e mais 40 membros eleitos repartidos da seguinte forma pelos partidos: P. S. 15, P. S. D. 10, C. D. S. 8, F. E. P. U., 6, e G. D. U. P. 1. Após o acto de posse foi eleita a mesa da assembleia que ficou assim constituída: presidente — António Macedo, 1.º secretário — José Manuel Lelo Ribeiro de Almeida, e 2.º secretário — Joaquim Moreira de Sousa, todos do P. S.

Na oportunidade o dr. Cal Brandão salientou o facto deste último acto da constitucionalização da autarquia portuense se verificar após 50 anos em que o regime fascista controlava o voto do povo. Por sua vez, o dr. Olívio França, cabeça de lista do P. S. D., congratulou-se com o facto de estarem ali presentes, eleitos pelo povo, quatro dos componentes da primeira lista do movimento de unidade popular surgida logo após a grande guerra. São eles, Ruy Luis Gomes, António Macedo, Cal Brandão e Olívio França.

Entretanto, será esta tarde instalada a Assembleia Municipal de Vila Nova de Gaia.

Álvaro Guerra indigitado para a RTP

«Não confirmo nem desconfirmo», disse-nos esta manhã o escritor Álvaro Guerra comentando insistentes rumores de que poderia vir a substituir Tomás Rosa na presidência do Conselho de Administração da RTP.

O assunto teria sido debatido ontem no decorrer da reunião, em Belém, do Presidente da República com o secretário e o subsecretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre e João Soares Louro, por expressa convocatória do general Ramalho Eanes. Recorda-se, a propósito, que o actual Chefe de Estado foi depois do 25 de Abril, concretamente até aos eventos de 11 de Março, presidente da Comissão Administrativa do Lumiar, de que se demitiu.

No breve contacto que tivemos com Álvaro Guerra, disse-nos o antigo jornalista do «República» e de «A Luta» que de momento é apenas funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros (indigitado, recorda-se também, para substituir Ramos da Costa à testa da embaixada em Belgrado depois de não ter chegado a partir para Nova Deli como conselheiro cultural, e que não mantém com a RTP outras relações para além das que provêm do facto de estar a escrever uma série de seis episódios intitulados «As Malhas que o Império Tece». Tratar-se-ia, segundo as nossas fontes, de uma evasiva natural: o escritor não quereria antecipar-se a uma comunicação oficial sobre a sua eventual nova nomeação.

Passagem inferior na Damaia

Deve ficar concluída até final do mês a passagem inferior da Damaia, que virá resolver o problema da passagem de nível, actualmente um verdadeiro «tampão» para a circulação automóvel. O prolongamento dos arruamentos corre por conta da C. P.

Eanes felicitou Jimmy Carter

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, enviou a Jimmy Carter, novo presidente dos Estados Unidos, na oportunidade da sua investidura, o seguinte telegrama:

«Por ocaisão da investidura de Vossa Excelência no cargo de presidente dos Estados Unidos da América quero exprimir-lhe as minhas mais calorosas felicitações.

«Ao fazê-lo, estou certo de que a causa da paz mundial e a salvaguarda dos altos valores da dignidade e liberdade humanas encontrarão em V. Ex.ª, senhor presidente, esse defensor indefectível.

«Com a institucionalização da democracia, a nação portuguesa orgulha-se de passar a fazer parte das nações que pelo seu exemplo a inspiraram em momentos de dificuldade e incerteza. Tenho esperança e a certeza de que, animados por este espírito, os nossos dois países continuarão a estreitar os frutuosos laços de cooperação que sempre, no passado, os uniram.

«Aceite, senhor presidente, os meus mais cordiais cumprimentos.

ANTÓNIO RAMALHO EANES
Presidente da República de Portugal»

Trabalho

Greve dos pescadores alastra
—Governo propõe conversações para sexta-feira

Representantes do Sindicato Livre dos Pescadores e da Federação dos Sindicatos do Mar devem avistar-se esta tarde com elementos da Intersindical para dar conhecimento da situação dos pescadores em greve aos outros sindicatos ligados às actividades da pesca, e tomar decisões conjuntas.

A situação de paralisação mantém-se, pouco tendo resultado das diligências feitas ontem pelos representantes dos pescadores junto dos secretários de Estado da Marinha Mercante e das Pescas. O primeiro, porque teve de ausentar-se para o Luxemburgo, não pôde receber oficialmente os representantes dos trabalhadores, embora com eles tivesse conversado; o segundo não quis dar andamento à questão e preferiu esperar a próxima sexta-feira, data em que deve regressar o secretário de Estado da Marinha Mercante, para então se debruçarem sobre o assunto e entabular conversações.

Como resultado, mantêm-se paralisados, mas ocupando os seus locais de trabalho, cerca de 30 mil trabalhadores da pesca; no sector do arrastoçosteiro, na Figueira da Foz e Setúbal, a adesão é total. Aguardam-se as decisões de Matosinhos e Algarve, estando marcado para esta tarde um plenário em Faro, que deverá decidir sobre a adesão à greve.

Na Docapesca os barcos estão parados há dois dias: está em causa o direito ao trabalho dos pescadores

Quanto à pesca artesanal, a adesão na Costa da Caparica e Nazaré é total, não se tendo ainda pronunciado Peniche e o distrito de Setúbal. Relativamente à pesca do alto e longínqua, encontram-se paralisadas todas as embarcações que se encontram no porto de Lisboa. É também possível que adiram à luta os bacalhoeiros que estão no mesmo porto e que deveriam sair esta tarde. Decorriam esta manhã plenários das tripulações desses navios para decidirem sobre a sua actuação.

Além dos Sindicatos dos Pescadores aderiram à greve os Sindicatos dos Maquinistas, dos Empregados de Câmara, Motoristas Práticos e Capitães e Oficiais Náuticos. Os trabalhadores do tráfego local (pessoal de cacilheiros e rebocadores) manifestaram já a sua solidariedade através de uma moção de apoio.

Relativamente ao caso do pesqueiro «Goraz», segundo o secretário de Estado das Pescas, a questão será resolvida entre o Sindicato dos Pescadores e de um delegado da empresa proprietária, realizando-se talvez ainda hoje uma reunião para esse efeito.

Como resultado deste processo de luta é natural que dentro de dois dias comece a faltar o pescado de arrasto, como seja o carapau, a pescadinha, mariscos e fanecas. O pescado, do alto não deve faltar tão cedo, pois, segundo os dirigentes sindicais de Lisboa, encontra-se armazenada em frigoríficos na Docapesca, em quantidade que dá para seis ou sete meses.

Ruptura das negociações movimenta metalúrgicos a nível nacional

«Ou os patrões cedem, ou o Governo actua, ou actuaremos nós com a razão que nos vem da justeza das nossas reivindicações».

A alternativa é colocada pela comissão sindical negociadora do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical, a nível nacional, da metalurgia e metalomecânica, e resulta da situação de impasse criada no decurso das negociações, devido à posição assumida pelas associações patronais. O processo de contratação iniciou-se em Maio de 75, com o envio da proposta de contrato por parte dos sindicatos, mas as negociações só principiaram em 1 de Março do ano findo, na sequência da paralisação nacional de duas horas realizada no mês anterior.

«Devido às posições reaccionárias e provocatórias» do patronato, as negociações foram interrompidas na passada quarta-feira. Estão pendentes — afirmou ontem a comissão negociadora sindical, em conferência de Imprensa — matérias fundamentais do C. C. T., tais como o âmbito do contrato, o controlo operário, os despedimentos, o enquadramento profissional e as tabelas salariais.

Cerca de 250 mil trabalhadores de todo o País são afectados pelo impasse das negociações, tanto mais que «é preciso um aumento de salários para que os trabalhadores façam frente ao escandaloso aumento do custo de vida, permitido e apoiado pelo Governo». Os vencimentos mínimos actualmente em vigor remontam a uma portaria de regulamentação do trabalho, de 75.

Os sindicatos exigem que o processo avance rapidamente, e responsabilizam as associações patronais pelas «tensões sociais e conflitos laborais» resultantes da ruptura. Entendem também que o Ministério do Trabalho terá de actuar «como lhe compete».

Por isso, os trabalhadores vão discutir, a partir de 1 de Fevereiro, as formas de luta a adoptar, que podem ir desde a paralisação simbólica, até concentraçoes, manifestações e greves prolongadas. Plenários e assembleias de esclarecimento e deliberação estão previstos para o próximo mês em todo o País.

NOTAS OFICIOSAS

Escalas de embarque

Da Secretaria de Estado das Pescas recebemos para publicação a seguinte nota oficiosa:

«Face às recentes tomadas de posição da Federação dos Sindicatos do Mar e do Sindicato Livre dos Pescadores de Lisboa, que culminaram na paralisação de um certo número de embarcações de pesca, nos dias 19 e 24, entende-se dever esclarecer a situação referente à passagem de credenciais para inscrição marítima ou embarque.

1. A inscrição marítima é o acto pelo qual o trabalhador ascende à condição de marítimo e grave seria, perante a Constituição, a necessidade de credenciais ou declarações sindicais para o efeito.

O condicionalismo legal existente implica o reconhecimento de certas condições e habilitações para o exercício da profissão a diferentes níveis de responsabilidade, bem como da necessidade e carência de pessoal.

Neste aspecto, embora a inscrição marítima dos pescadores fosse executada de forma pouco correcta pelos extintos Grémios, de modo a exigir a atenção dos Sindicatos, não se pode considerar mais uma irregularidade como uma conquista dos trabalhadores.

Com o objectivo de ultrapassar esta situaçao, as Secretarias de Estado da Marinha Mercante e das Pescas estão a elaborar legislação adequada, estabelecendo, para a inscrição marítima, um mecanismo consultivo, englobando Sindicatos e Armamento, e conferindo à administração central a capacidade da decisão necessária.

2. As disposições, legais que regulam as matrículas do pessoal da Marinha de Comércio são sensivelmente diferentes das que se aplicam às pescas.

Tornando-se necessário definir posições, efectuou-se no passado dia 3 de Janeiro, uma reunião em que se apurou o seguinte:

a) as credenciais só podem ser aceites como documentos comprovativos do respeito pela ordem de inscrição nas escalas de embarque, cujo funcionamento nos sindicatos, esteja previsto na lei.

b) Nunca as leis e os regulamentos em vigor, nem tão pouco a tradição, em todo o País, instituiram a existência de escalas de embarque de trabalhadores de pesca nos sindicatos, não existindo portanto motivo para a aceitação das respectivas credenciais;

c) A existência e controlo das escalas de embarque nos extintos Grémios constituia uma situação arbitrária antes do 25 de Abril, também inadmissível.

d) A fim de normalizar essa situação e garantir a isenção e independência por que deve reger-se o sistema de recrutamento por escalas e até uma regulamentação definitiva, estas passarão a estar depositadas nas repartições marítimas, que fornecerão cópias constantemente actualizadas, aos respectivos sindicatos e armamento local, de modo a que estas entidades tenham delas um conhecimento permanente.

3. Os órgãos da administração central não podem ser os gestores de arbitrariedades que acabarão por atingir os próprios trabalhadores, apesar das afirmações em contrário feitas por elementos irresponsáveis. As Secretarias de Estado da Marinha Mercante e das Pescas têm dado e continuam a dar o seu inteiro apoio aos justos anseios dos trabalhadores e compreendem perfeitamente a necessidade de melhorar a actual legislação. É, no entanto, com o recurso ao diálogo, e num ambiente de paz social, que essas modificações poderão ter lugar, e não através da tomada de posições que afectam a economia do País e contribuem para o agravamento do clima de relações laborais.»

Mapas de pessoal

Do Ministério do Trabalho recebemos para publicação a seguinte nota oficiosa:

«A elaboraçao dos mapas de quadros de pessoal pelas empresas tem ocasionado dificuldades de vária ordem, pelos diferentes modelos e datas de entrega estabelecidos nos diplomas de regulamentação de trabalho e pela falta de tratamento uniforme dos dados fornecidos às diversas entidades destinatárias.

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 479/76, de 16 de Junho, procurou obviar-se a tais dificuldades, instituindo-se dois modelos de mapas, um anual e outro mensal, os quais, no entanto, não foi possível pôr desde logo em vigor.

Neste momento, porém, mercê de um estudo aprofundado, estão criadas as condições para substituir os diferentes mapas anuais por um único de modelo exclusivo da Imprensa Nacional.

Nessa conformidade informam-se todas as entidades patronais e os sindicatos de que o mapa anual, previsto no Decreto-Lei n.º 479/76, será posto à venda a partir do próximo mês de Março, sendo a sua entrega obrigatoriamente efectuada entre 1 e 20 de Abril, em substituição dos modelos actuais.

Deverão por isso as empresas aguardar a distribuição daquele mapa, cujo modelo será oportunamente divulgado bem como o modo do seu preenchimento e contactadas as que pediram autorização ao serviço de estatística do Ministério do Trabalho para utilizarem folhas mecanografadas.

Em relação ao mapa mensal previsto no referido Decreto-Lei n.º 479-76, será também oportunamente indicada a data da sua entrada em vigor, devendo, entretanto, continuar a preencher-se os modelos já existentes».

Comissão de Trabalhadores do "Diário de Lisboa" assiste ao Congresso

A Comissão de Trabalhadores da Renascença Gráfica, empresa proprietária do «Diário de Lisboa», estará presente no Congresso de Todos os Sindicatos, a título de observação. Beneficia, desse modo, das possibilidades oferecidas pelo regulamento do Congresso, que prevê a possibilidade das comissões de trabalhadores e intersindicais de empresas assistirem aos trabalhos da maior reunião de sindicatos já realizada no nosso país para reestruturação da Intersindical e o reforço da unidade de todos os trabalhadores.

PETROGAL

"FIM À REPRESSÃO OU DEMISSÃO" — proposta posta à gerência

«Aumentam agora, mais do que nunca, as razões para pensar que este conselho de gerência autocrático e repressivo é indigno de estar à frente de uma empresa pública», afirma a comissão central de trabalhadores (CCT) da Petrogal, em resposta a um comunicado dos gestores da empresa sobre a situação que levou, ontem, à paralisação de diversos sectores durante uma hora.

A greve constituiu um «aviso» ao conselho de gerência, e materializou o protesto contra a repressão que foi desencadeada na Petrogal (nomeadamente a instauração de processos disciplinares a 32 trabalhadores) e a reintegração de fascistas na empresa. «Fim à repressão ou demissão» é a alternativa que os trabalhadores colocam à gerência, e constituiu a principal palavra de ordem da concentração realizada ontem à tarde em frente das instalações da administração da empresa, no momento em que a CCT fazia a entrega de uma proclamação.

«Os trabalhadores da Petrogal tem plena consciência de que a sua luta actual é não só justa como patriótica. Justa porque a Revolução de Abril foi feita a pensar nos trabalhadores e estes têm o direito de lutar contra a repressão e o coarctar dos direitos constitucionais; patriótica porque se soubermos resistir estamos também a defender a pureza dos ideais de Abril, o direito do nosso povo ao socialismo, as restantes empresas nacionalizadas e as restantes organizações de trabalhadores» — afirma-se naquele documento.

A paralisação contou com a adesão da totalidade dos trabalhadores de Faro, Aveiro, Olivais, Matinha, Rosarinho e Porto Brandão. Na refinaria de Lisboa a maioria dos trabalhadores parou, e, em Coimbra, 10 por cento dos trabalhadores solidarizaram-se activamente co os objecivos de luta. Desconhecem-se, ainda, os reflexos da greve nos serviços administrativos de Lisboa e Porto.

Salários em atraso na tipografia Marca

Apesar dos dois telegramas enviados pela delegação do M. T. no Porto ao patrão da tipografia «Marca», daquela cidade, este não compareceu à reunião prevista, com vista à solução do conflito que obrigou os trabalhadores a entrarem em greve, há cerca de uma semana.

Perante tal facto, o delegado do M. T. respondeu, a instâncias dos trabalhadores, que a única possibilidade de obrigar a entidade patronal a comparecer à reunião seria através da P. S. P.

A greve foi decidida como forma de luta pelo pagamento dos salários em atraso. Os trabalhadores acusam a entidade patronal de pretender levar a empresa à falência, tendo já sido levantada a hipótese de se constituir em cooperativa.

Mercê de vários esforços da comissão de trabalhadores a entidade patronal foi convocada pela P. S. P. para uma reunião que se realiza amanhã, às 9 e 30, na delegação do M. T., com vista à solução do conflito.

COTESI

Alvo: os sindicatos

«O golpe da administração é afastar todos os dirigentes e delegados sindicais que existem na empresa, acusando-os de serem os «agitadores e os responsáveis por toda a situação na firma», afirmou-nos um dirigente do Sindicato dos Operários Químicos do Norte, a propósito da actuação da entidade patronal da «Cotesi» (Grijo), após as suspensões dos operários químicos.

Durante o dia de ontem, o patrão convocou três plenários, para os vários turnos, «procurando fazer chorar o pessoal e dramatizando a situação».

Após os plenários alguns trabalhadores afectos à entidade patronal aceitaram ir pôr a funcionar as máquinas do sector químico.

Entretanto, continuam a decorrer os processos disciplinares movidos aos operários químicos com vista ao saneamento colectivo. Espera-se que, até sábado, fique definida a situação.

Novos dirigentes dos Mineiros do Sul

A lista única concorrente aos corpos gerentes do Sindicato dos Mineiros do Sul obteve 722 votos favoráveis, quando falta apenas conhecer os resultados nas minas do Cercal e Leiria (194 trabalhadores sindicalizados) — revelou à ANOP Francisco Augusto, da mesa da assembleia geral do Sindicato.

Os resultados conhecidos abrangem 1181 dos 1375 sócios do Sindicato. Registaram-se 37 votos nulos.

A lista eleita, que concorreu sob o lema «Pela Unidade de todos os Trabalhadores», era apoiada pela direcção cessante.

O Sindicato dos Mineiros do Sul abrange os distritos de Faro, Beja, Évora, Setúbal e Leiria.

Nacional

COMPLEXO DO CACHÃO (1)

Sem dinheiro e não há milagre

O complexo industrial do Cachão foi e é aquilo que em gíria popular se pode considerar «um buraco». Nascido em 1963 por douta inspiração do governo fascista, a sua criação obedeceu muito mais a imperativos de ordem política — de propaganda política — do que à necessidade premente de permitir a Trás-os-Montes o arranque para a industrialização que nunca teve. A instalação do Cachão foi sempre feita com dinheiro fácil e alegre obtido do Estado, dinheiro esse que, na maior parte das vezes, era investido e manejado duma forma absurda e incoerente. Mero arremedo de indústria, altamente deficitária, funcionava, no tempo da **outra senhora,** como um «écran» diante do qual os visitantes mal precavidos vindos da estranja, abriam a boca de pasmo, não pelos resultados — que não se viam —, mas pela demagogia com que se apresentava «a monumentalidade daquela obra erguida no meio das ásperas montanhas do Nordeste?» No fundo, não passava duma magnífica «carrocerie» de automóvel sem motor. Nunca funcionou. E o pior é que se comprometeu nessa paródia, o futuro de oitocentas e tal famílias de trabalhadores, para ali arrastadas por uma incongruente política de fachada. Tão de fachada, que os relatórios e balanços dos anos de 71, 72 e 73 apresentam nas contas de exploração um lucro de 2500 contos, quando, na realidade, os prejuízos atingiam a bonita soma de 20 mil contos anuais. Na opinião de um trabalhador do complexo, era a vigarice feita à região de Trás-os-Montes e feita a todo o povo português, que esportulava nas suas contribuições o dinheiro que alimentava a vaidade dos **criadores** do Cachão.

Mas se no tempo do fascismo as coisas corriam deste modo, agóra não correm melhor. O Cachão continua a ser o «buraco» de sempre e hoje com agravantes que ferem as condições dos próprios trabalhadores, os quais, explorados até ao osso no reinado de Salazar-Marcelo, se encontram agora ameaçados pelo fantasma do desemprego. Mais: assiste-se a uma surda repressão sobre todos aqueles trabalhadores cuja consciência de classe está suficientemente alertada contra os abusos do poder, a manobra partidária, a injúria, a segregação e até a chantagem. Venham de lá os mentores dizer-nos que somos nós que inventamos tudo isto. Pois exactamente porque não quisemos inventar fomos ao Cachão. E do Cachão trouxemos tão somente a voz de trabalhadores, a voz que nos deu uma ideia global do que ali se passa em matéria de política de trabalho e não só.

A «ORIGINAL» HISTÓRIA DO CACHÃO

Na impossibilidade de contactar a Comissão de Trabalhadores, que no dia da nossa chegada ao Cachão, se deslocara a uma terra próxima para tomar parte no funeral de um dos empregados do complexo, procurámos falar com outros assalariados. Ao fim de algumas horas tinhamos conseguido reunir-nos com um numeroso grupo de trabalhadores. O encontro foi marcado para uma das 136 habitações do bairro social adstrito ao complexo, onde só uma parte dos trabalhadores tem moradia, visto que muitos deles vivem nas aldeias adjacentes. Era já hora da noite. Lá fora, temperatura transmontana de Janeiro: o termómetro vai descer rapidamente para os zero graus.

Antes de inciarmos o nosso diálogo, concorda-se que nenhum nome dos trabalhadores ali presentes, venha a lume nesta reportagem. **Receiam-se represálias.** E um receio estranho, quando todos os dias se ouve falar em democracia. Democracia formal e não real, certamente, pois de outra maneira o medo de dizer não andaria ainda no coração das pessoas.

— Sabe — diz um dos trabalhadores ali presentes — eu sou um dos perseguidos cá do Cachão. Não temo tomar a responsabilidade do que digo, se isso se tornar muito necessário. Até lá, evitarei que me mordam mais uma vez.

Falam os trabalhadores do Cachão:

— O investimento e o projecto geral do Cachão, em alguns dos seus aspectos será muito justificado e necessário. Noutros aspectos, porém, é duvidosa a sua rentabilidade.

Note-se que os trabalhadores que connosco conversavam, tinham em seu poder o texto de um estudo sobre o Cachão, elaborado pouco antes do 25 de Abril por uma equipa de técnicos espanhóis. Assim, no que respeita à avaliação das potencialidades e debilidades do empreendimento, os trabalhadores não se confinam só a dar o seu parecer pessoal, como se baseiam na opinião dos referidos técnicos, que citam de quando em quando.

— De qualquer forma — afirmam-nos — o Cachão começou mal. Dá-nos a ideia que os seus iniciadores se preocuparam mais com a «monumentalidade» do complexo e um certo «luxo» de maquinaria, de que com o seu real funcionamento. Os investimentos eram, logo à partida, difíceis de amortizar em quase todas as secções.

Para quem não o saiba, acrescenta-se que o Cachão trabalha como base em produtos hortícolas industrializados. As principais actividades são, pois, o engarrafamento de azeite, o fabrico de queijos e a manufactura de produtos enlatados, tais, como: azeitonas recheadas, «pikles», frutos, etc. Quer isto dizer que do ponto de vista de influência, no sector primário da região, é uma ideia magnífica, pois trata-se de uma indústria transformadora de produtos agrícolas que necessita de matérias em grande quantidade. Pode revalorizar, incrementar e melhorar a produção, do sector primário, fixar os lavradores e levar à região em que está implantada, benefícios da mais variada ordem, incidindo consideravelmente no aumento de renda «per capita». Discutimos estes pontos com os trabalhadores, entre os quais se encontra um técnico, que nos replicam:

— Não há dúvida que o Cachão podia ser tudo isso e bastante mais. No entanto, a realização da ideia tem sido péssima até agora, começando pelo facto de se pagarem os produtos-base aos lavradores da região com muito atraso. Também não raras vezes, para evitar a concorrência do sector privado, pagavam-se esses produtos por preços superiores aos do mercado, sofrendo-se perdas consideráveis. Outras vezes, nos processos de transformação, estas perdas acontecem por inexperiência dos empregados, por falta de interesse pessoal, etc., sobressaindo nos erros praticados a má direcção do complexo. Por outro lado, os investimentos foram sempre desmedidos, sem ter em conta qualquer espécie de relação com a produção. Quer dizer: a maior parte das máquinas e instalações trabalhavam só em parte e durante curtíssimos períodos. A regra de trabalho era em si mesma errada: primeiro produzia-se e só depois é que se vendia. Ora o mais elementar estudo da questão facilmente levaria a concluir que quando se pretende que um empreendimento tenha alguma rentabilidade deve fazer-se uma antecipada prospecção de mercados e só depois saber o que se vai produzir e com que possibilidades de colocação do produto.

Uma advertência e dois

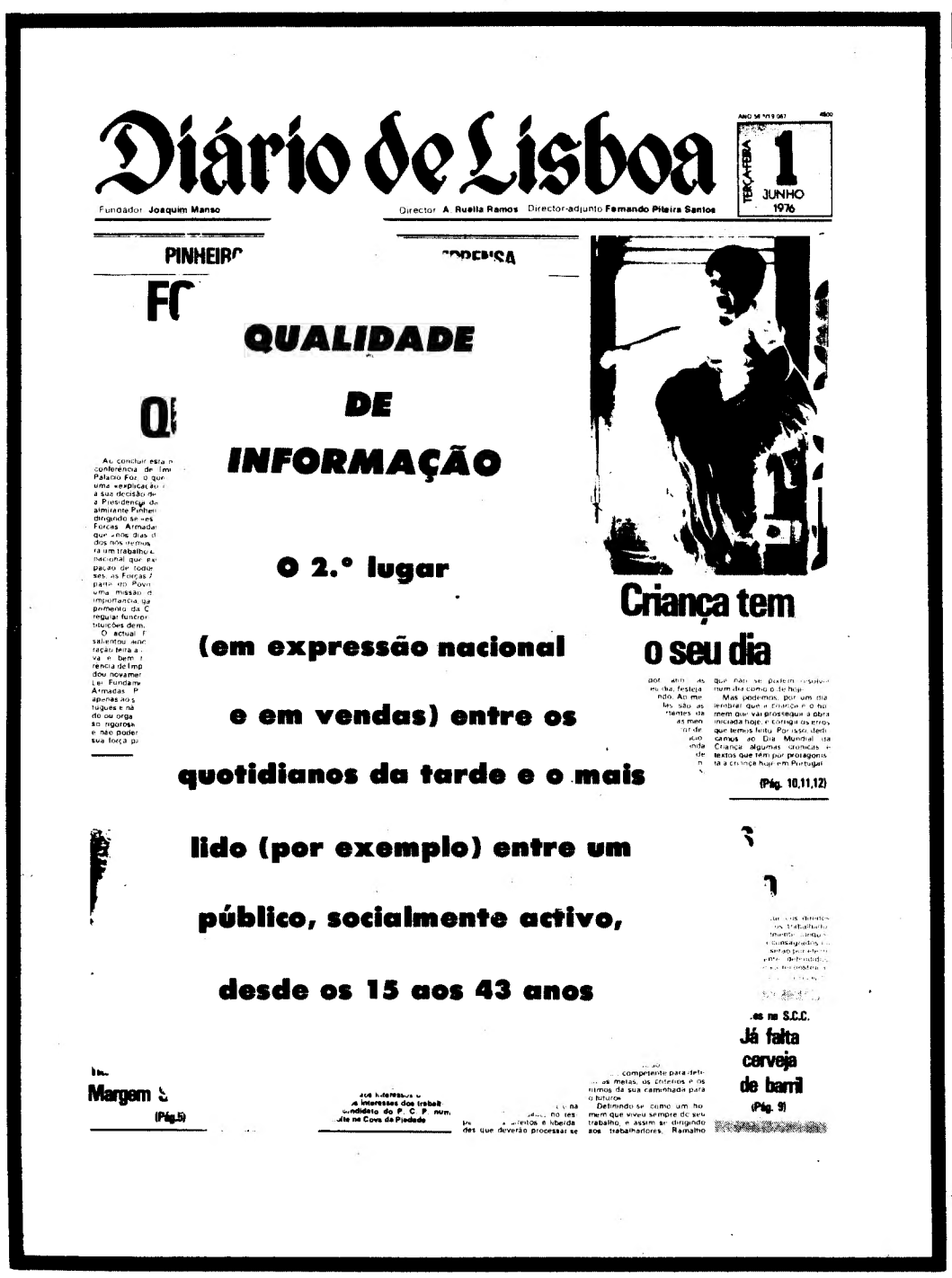
EM TEMPO DE APREGOADA DEMOCRACIA, OS
DO CACHÃO, COM QUEM FALAMOS, RECEIAM
POR ALGUMAS DECLARAÇÕES AO "DL". POR IS
OS SEUS NOMES NÃO SÃO CITADOS NESTA RE

UM EXEMPLO DE DESPERDÍCIO: A REGRA DE TR
NO CACHÃO ESTA EM SI MESMA ERRADA — PR
E DEPOIS É QUE SE TENTA COLOCAR O PRODUT

OUTRO EXEMPLO: NO COMPLEXO HA UM MATA
QUE NÃO SERVE A NINGUÉM, ENQUANTO INSTA
FALTAM NOUTROS PONTOS DO PAÍS.
OS TRABALHADORES CHAMAM-LHE O "ELEFAN
— UM "LUXO" QUE SE TRADUZ EM DESPERDÍC

AS VOLTINHAS DO... CACHÃO

Esta pequena amostra de como os senhores do antigamente puseram a funcionar o Cachão, dá-nos uma ideia de como se tratava a economia nacional e os interesses do País. E, naturalmente, leva-nos a pensar que, depois de tantos erros de base, será difícil ajustar o Cachão à realidade local e torná-lo finalmente rentável. Os trabalhadores acham que sim, que é possível desvincular o Cachão dos defeitos de nascença e programá-lo de modo a não dar prejuízos e, até, a alargar a sua resposta às necessidades da região. Mas, para isso, acrescentam, era preciso uma direcção firme e competente, uma reconversão rápi-


Diário de Lisboa
Fundador Joaquim Manso
Director A. Ruella Ramos Director-adjunto Fernando Piteira Santos
TERÇA-FEIRA 1 JUNHO 1976
PINHEIRO
QUALIDADE
DE
INFORMAÇÃO
O 2.º lugar
(em expressão nacional
e em vendas) entre os
quotidianos da tarde e o mais
lido (por exemplo) entre um
público, socialmente activo,
desde os 15 aos 43 anos
Criança tem o seu dia
(Pág. 10,11,12)
Já falta cerveja de barril
(Pág. 9)
Margem
(Pág.5)

Maison Louvre
ROSSIO, 106
SALDA

Nacional

e sem governo que lhe valha

Reportagem de JOSUÉ DA SILVA

da e eficaz de certas «zonas» do complexo e uma política de relações de trabalho que não comprometesse a viabilidade da recuperação a empreender. Neste momento e porque depois do 25 de Abril também não se procurou jogar com a coerência que remediasse os erros de antanho, há, inclusivamente, material no valor de milhares de contos, não só estagnado, como em deterioração evidente.

— É o caso — dizem os trabalhadores do matadouro-frigorífico aqui instalado, que é aquilo a que muito apropriadamente se pode chamar um «elefante branco», visto que se trata de um dos tais «luxos» que não serve a ninguém e talvez nunca venha a servir. De tal modo que, após o 25 de Abril, quando a Comissão Administrativa presidida pelo capitão Bento encarou com aquele enorme edifício cheio de maquinaria já meio estragada que nem sequer chegou a ser desencaixotada, pretendeu oferecer essa maquinaria à Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Mas a J.N.P. recusou porque, entre outros inconvenientes, o dimensionamento do matadouro-frigorífico do Cachão não permite trabalhar rentavelmente, visto que não há pecuária, nem se fez qualquer tentativa séria de fomento da pecuária da região, de maneira a que se faça um aproveitamento adequado de tal «monumentalidade». Por outro lado, além da falta de matéria-prima regional, está demasiado longe dos centros consumidores aos quais poderia ser útil. Resumamos, pois, as nossas afirmações: ali jazem milhares de contos enterrados sem préstimo para ninguém.

O nosso diálogo sofreu aqui uma diversão. Abandonou-se momentaneamente a crítica à gestão do complexo e entrou-se na discussão dos problemas criados nas relações de trabalho pela política do dirigismo e da incompetência. Vejamos como os trabalhadores do Cachão encaram este capítulo:

— No tempo do fascismo, Trás-os-Montes encontrava-se dividido em três ou quatro grandes feudos, que por sua vez se subdividiam em duas ou três dezenas de subfeudos. Deste modo, em Bragança mandava o Rapazote, na Régua mandava não sabemos quem e no que restava do Nordeste mandava um homem chamado Camilo de Mendonça. Quanto a este último, que foi dos caciques-mor o que mais esteve ligado ao Cachão, as opiniões dividem-se entre os que o conheceram. Há quem diga que ele se aproveitou do Cachão como cavalo de batalha apenas político e quem afirme que se aproveitou duplamente: retirando daqui poder político e benefícios materiais. De qualquer modo e ainda que uma das versões nada tenha a ver com a verdade — sobretudo no que respeita aos benefícios materiais —, não há dúvidas quanto a um ponto: o sr. Camilo de Mendonça encarou o Cachão somente como um baluarte para a defesa dos seus interesses pessoais. No caso dos interesses de ordem material, se ele não o fez, alguns dos que ele obviamente protegia tê-lo-ão feito, o que vem a dar na mesma. — E adiantam os trabalhadores: — Logo após o 25 de Abril de 74, surge um movimento no Cachão para correr com o sr. Camilo de Mendonça. Isto conta-se, porque foi o primeiro momento em que os trabalhadores do Cachão se dividiram: o sr. Camilo de Mendonça governava o Cachão com os modos paternalistas de todos os caciques. Não compreendendo como esta política paternalista lhes era hostil, muitos dos trabalhadores «torceram» pelo «patrão». Mas o movimento avançou, apesar de tudo, e finalmente o sr. Camilo de Mendonça foi substituído. Substituído, por quem? Pela sua camarilha. Tínhamos aqui, no Cachão, algo semelhante ao degaullismo sem o De Gaulle. A Comissão Administrativa Provisória, como se lhe chamou, englobava todos os bons afilhados do sr. Camilo. Felizmente durou pouco, mas o que veio a seguir não fez nada melhor. A Comissão Administrativa definitiva, tinha uma composição muito heterogénea. Dela faziam parte um engenheiro ligado à alta finança (do qual não recordamos o nome) e o próprio capitão Bento. Passou-se então a considerar que o tal senhor ligado à alta finança seria o homem-milagre que, exactamente pela sua posição junto da banca, viria salvar o Cachão do seu afundamento económico. Porém, as coisas continuaram a não caminhar, pese embora as boas-vontades. É então que se nomeia uma Comissão Liquidatária da Federação dos Grémios da Lavoura do Nordeste Transmontano. Isto para tentar sanar a ausência de personalidade jurídica da parte do complexo do Cachão, que a não tinha pura e simplesmente, porque fazia parte do património de um organismo corporativo que era a Federação dos Grémios da Lavoura do Nordeste Transmontano, já dissolvidos. Esta Comissão Liquidatária passou a integrar o capitão Bento, o eng. técnico agrário Vítor Bártolo, o eng. João Vicente, o médico-veterinário dr. Luís dos Santos Ferreira, um contabilista, Manuel Seriz, outro veterinário de Mogadouro, dr. Pardal de Castro e mais algum elemento que não recordamos. Esta Comissão Liquidatária tentou fazer entrar em vigor medidas que trouxessem uma solução imediata aos problemas de fundo que afectam o Cachão.

Os trabalhadores neste ponto são unânimes. Na realidade, parece que a citada Comissão Liquidatária, tentou vários caminhos no sentido de dar ao Cachão o rumo adequado. Alertou o Governo sobre as condições existentes no complexo e a situação criada pela má gestão anterior. Fez estudos, apesar da falta de elementos de consulta (que continuam a não existir) e planeamentos. Obteve fundos que, à medida de balões de oxigénio, vieram equilibrar os pagamentos de salários e de aquisição da matérias-primas à lavoura local, perante a qual o Cachão se achava muito desacreditado, devido, exactamente, aos compromissos não cumpridos. Em Outubro ou Novembro de 75, consegue um aval de 30.500 contos da banca nacionalizada e autorizado pelo Governo.

— Mas eis que quando pela primeira vez tudo parecia ir correr direitinho no Cachão — descrevem os trabalhadores — voltou a acontecer o demónio. — A Comissão de Trabalhadores de então que se autonomeara tempos atrás e que jamais lutara pelos interesses dos trabalhadores, operou uma manobra de arruaça para que a Comissão Liquidatária caísse. Usaram sobretudo o tema do anticomunismo, isto é, acusando aquela Comissão de ser afecta a um partido de esquerda. A verdade é que mais uma vez a péssima consciência de muitos dos trabalhadores permitiu que esta manobra resultasse. E a Comissão Liquidatária, a única que, segundo nós, poderia ter mudado o Cachão para melhor, caiu. Em seu lugar foi nomeada outra Comissão Liquidatária, em princípio constituída por cinco membros, dos quais dois nunca ninguém os viu no Cachão. Desta Comissão Liquidatária fazia parte o eng. Gomes de Castro, companheiro de escola do nosso brigadeiro Pires Veloso, já então a comandar a Região Militar Norte.

O REINADO DE GOMES DE CASTRO

E entra-se numa nova fase da vida do Cachão. Nova fase, vida velha. Pelo que afirmam os trabalhadores, após o «interregno» criado pela C.L. anterior, voltou-se aos métodos velhos. Com agravantes. Mas oiçamos as vozes dos mais interessados:

— Os restantes membros desta Comissão Liquidatária são o dr. José Maria Cameirão, que tinha sido elemento duma comissão de sindicância exigida pela anterior Comissão Liquidatária à situação do Cachão e o terceiro homem é um sr. economista chamado Arraia, retornado de Angola. Estes três homens da C.L., nunca se entenderam. Apesar disso, e embora o fundamental fosse por isso prejudicado, parece haver um ponto comum na acção destes três senhores: o uso de métodos repressivos. — E os trabalhadores contam-nos o seguinte: — Todos os assalariados que colaboraram com a anterior Comissão Liquidatária, são, em primeiro lugar, acusados de comunistas. E, em segundo lugar, tentam afastá-los, isto é, saneá-los, ou pelo menos, criar-lhes condições de insegurança total. Como a manobra não resulta — não resultou até este momento —, servem-se dos mais variados pretextos para atacar as pessoas que não tenham a sua cor política. Assim, assistimos, durante a campanha eleitoral para as presidenciais a esta coisa condenável: uma companheira de trabalho, de nome Fernanda, afecta ao Partido Comunista, depois de dispensada, ao abrigo da lei, para os seus trabalhos na campanha, é proibida, durante os vinte dias de dispensa, de entrar nos terrenos do complexo. Igualmente o seu marido, com baixa nessa altura, por ter sido agredido por reaccionários em Mirandela, sofre a mesma punição. No dia 26 de Abril, através duma carta sem quaisquer explicações ou acusações, o economista Alfredo Mira, é suspenso e também proibido de penetrar nos terrenos do complexo. A sua suspensão mantém-se até hoje, já lá vão, portanto, quase nove meses.

Não param por aqui as anomalias e abusos cometidos durante o reinado do sr. eng. Gomes de Castro. O relato dos trabalhadores impressiona. Na realidade, o conceito de democracia parece andar muito por baixo no que concerne a certos mentores ditos pluralistas. Para o dr. Gomes de Castro (citamos os trabalhadores que mantiveram diálogo connosco), quem no Cachão alinhasse à esquerda do P.S., era comunista e, portanto, um elemento a eliminar ou a dominar.

— E é desta forma que se chega a uma incrível manobra partidária dentro do Cachão, quando se decide fazer eleições para uma nova Comissão de Trabalhadores, uma vez que a que estava deixara de dar garantias. Nas primeiras eleições é eleita uma lista da qual fazia parte apenas um elemento afecto ao Partido Comunista. O eng. Gomes de Castro e seus apaniguados — são palavras dos trabalhadores — lançam uma ofensiva imediata e feroz contra a lista eleita. Gomes de Castro acha que se o Governo é socialista, no Cachão não pode haver uma Comissão de Trabalhadores que não seja socialista. Somos obrigados, apesar de termos uma C.T. democraticamente eleita, a ir para segundas eleições. Neste entrementes manobra-se, injuria-se, faz-se toda a sorte de truques para que ganhe a lista afecta ao P.S. O eng. Gomes de Castro manda gente pelas aldeias onde vivem trabalhadores do Cachão, de porta em porta, para os levar com o argumento: «Se não vencer uma lista do P.S., o Governo não dará dinheiro para manter os postos de trabalho do Cachão.» A chantagem resulta. A lista vencedora nas segundas eleições era a lista escolhida pelo eng. Castro. Tudo isto parecia bem encaminhado para que Gomes de Castro se sentisse dono e senhor do terreno conquistado. Mas não tardaram a surgir problemas. A actual Comissão de Trabalhadores decidiu não se deixar transformar no pau mandado do sr. Castro. Entretanto, alguns problemas surgidos apontaram rapidamente para a possível demissão do eng. do P.S. Por fim é verdade é que ele anuncia o seu pedido de demissão. Mas logo dá o dito por não dito e com a ajuda de gente sua amiga, tenta fazer com que um abaixo-assinado lhe permita recuar, ou seja, lhe permita continuar no lugar que ocupara vários meses. Não o consegue e numa última reunião com trabalhadores do Cachão, faz entender que, ao contrário do que se supunha por afirmações suas feitas anteriormente, ele abandonara o complexo por não concordar com a actual Comissão de Trabalhadores. Pelo que consta e porque a actual C. T. não se deixou manobrar, o sr. eng. Gomes de Castro também a considera de obediência comunista.

exemplos

TRABALHADORES
EPRESALIAS
SSO
EPORTAGEM.

RABALHO
RIMEIRO PRODUZ-SE
TO NO MERCADO.

ADOURO-FRIGORÍFICO
ALAÇÕES CONGÉNERES

TE BRANCO"
IO.

Recado ao Leitor

Propomos ao leitor que participe na valorização do seu jornal.

Propomos-lhe que contribua para a dignificação da actividade publicitária.

O «Diário de Lisboa» entende que a publicidade se justifica plenamente, quando é orientada por um critério de utilidade social.

O «Diário de Lisboa» considera que assim, a publicidade é um serviço prestado aos leitores.
Por isso vendemos espaço. Espaço útil.
Por isso solicitamos a participação dos leitores na utilização desse espaço.

Espaço que pode ser seu se aceitar as nossas regras de utilidade social e de qualidade.
Qualidade e serviço oferecido aos leitores que colocam o «Diário de Lisboa» no segundo lugar (em expressão nacional e em vendas) entre os quotidianos da tarde e o tornam (por exemplo) o mais lido por um público socialmente activo, entre os 15 e os 43 anos.

Secção de Publicidade do Diário de Lisboa

Nacional

TRIBUNA LIVRE

PEDRO DUARTE

Algumas observações ao projecto do programa de acção da C.G.T.P. - I.N.

QUESTÕES PRÉVIAS

Todo o Projecto é marcado por uma perspectiva antimonopolista, encontrando-se, assim, expressões e propostas que não julgamos serem as mais correctas pàra enfrentar as necessidades actuais. Mas, como não se pretende situar a polémica no campo ideológico, mas sobretudo em propostas concretas, far-se-ão algumas referências a questões teóricas mais importantes, sendo o essencial, destas opiniões, propostas para debate.

Assim, no ponto II — Por uma economia controlada pelos trabalhadores — é feita de passagem, como se não fosse importante, uma referência ao «fraco desenvolvimento das forças produtivas». Não se vai entrar na discussão sobre a «fraqueza ou a fortaleza», pois ambas são conceitos relativos. O desenvolvimento das forças produtivas em Portugal será fraco em relação aos países capitalistas ocidentais, mas é bastante mais forte do que na maioria dos países do mundo, que na Rússia de 17 ou na China pré-revolucionária. Diremos mesmo que Portugal foi, talvez o país de mais desenvolvidas forças produtivas onde o problema do poder popular e da transição para o socialismo estiveram postos. Se com o «fraco desenvolvimento» se pretende justificar uma política de contribuição para completar e fortalecer o desenvolvimento capitalista, que por vezes se nota no projecto, resta-nos lembrar que com o regime fascista, como é referido no parágrafo anterior do documento, «os monopolistas e latifundiários (nós diríamos a burguesia!)... apressaram o processo de centralização e concentração de capitais, associaram-se crescentemente ao imperialismo estrangeiro». Não consta que tal enfraqueça as forças produtivas, mas, mais importante ainda, não consta que um processo revolucionário e o problema da transição para o socialismo sejam o resultado mecânico do nível de desenvolvimento das forças produtivas. Que não se invoque, portanto, a fraqueza (relativa!) do desenvolvimento das forças produtivas... mas invoca-se. No ponto 2.2.1. (Reforma Agrária) diz-se que foi a «Reforma Agrária... que promoveu a transformação das relações de produção no campo, libertando da feudal exploração dos latifundiários...» Não vamos dissertar, mas, para além de não ser dito que tipo de relações de produção criou a Reforma Agrária (se calhar as célebres relações não capitalistas!), esquece-se (que é abundantemente demonstrado pelos estudos sobre agricultura em Portugal pelo menos desde Outubro de 1964) que as relações de produção capitalistas no campo eram (são) largamente dominantes, se bem que, de facto, possa haver resíduos de modos de produção anteriores. Mas considerar os latifundiários senhores feudais...

Não vamos insistir nesta questão, que parece situar o fundo do problema (deficiente análise da estrutura de classes, incorrecta perspectiva de alianças subjacente ao projecto proposto) mas daremos só mais dois exemplos: «...luta de todo o povo pela independência e desenvolvimento da nação» (2.2.4.9.º) e «só através da modificação da actual estrutura da economia, numa base antimonopolista...» (3.5.).

Estas posições, de carácter reformista, não excluem que por vezes se use uma linguagem com o seu quê de «esquerdistóide» para iludir questões importantes. Dizer que «o movimento sindical considera que a resolução do problema do desemprego deva ser o eixo fundamental da política económica» (o que é correcto) não terá o seu quê de contraditório com o dizer que se deverão criar condições «para que o desemprego se torne uma situação transitória condicionada ao (e superável pelo) avanço rumo ao socialismo». «...enquanto não fôr superada a crise económica e financeira...» As contradições são várias:

. 1.ª — contradição no interior do próprio projecto, onde múltiplas vezes se aponta o socialismo como perspectiva para a solução de problemas e, por outro lado, se fala de antimonopolismo, como carácter da fase actual.

2.ª — Apontar o socialismo como perspectiva para o problema do desemprego é, no limite, correcto, mas o que seria necessário era apresentar os objectivos de luta actuais para diminuir efectivamente o desemprego. Grandes receitas podem esconder maus médicos (passe a comparação!).

3.ª — Propôr objectivos de luta possíveis e efectivos para combater o desemprego não é contraditório com a prioridade dada às preocupações com as compatibilidades internas do sistema? «enquanto não for superada a crise...». Se a crise for superada no interior do sistema, já se resolve o problema do desemprego? Ou esta crise não é superável no interior do sistema? Se não é, então porquê tão grande preocupação em afirmar que «a defesa dos interesses colectivos dos trabalhadores exige do Movimento Sindical a clara definição dos seus objectivos (correcto!) e das possibilidades económico-financeiras da sua satisfação? Impõe-se uma política que contribua para desenvolver a economia» (qual? Como? Para quem?)... Não se pretende insinuar que os trabalhadores nada têm a ver com as «possibilidades» do sistema (seria a linha de agudizar a crise, sempre, indepedentemente da alternativa e da organização populares...), mas pretende-se afirmar que as compatibilidades sobre as quais os trabalhadores se devem basear, sabendo agir tacticamente, são radicalmente antagónicas ao próprio sistema. Vejamos alguns exemplos concretos:

EMPREGO

a) — «...a resolução do problema do desemprego deve ser o eixo fundamental da política económica». Se esta afirmação não é entendida como um conselho ao Governo, mas como um princípio actual do Movimento Sindical, que deve orientar a sua luta, não se compreende como não é acompanhada de propostas concretas, de objectivos de luta a propor ao Movimento Sindical. Ou se acredita que o Governo é o Governo dos trabalhadores, o que não parece ser a perspectiva da Inter, ou então como se pensa conseguir alargar o emprego?

. Duas vias poderiam ser encaradas nesta fase: redução do horário máximo de trabalho e controlo operário sobre os projectos de investimentos, nomeadamente estatais.

Quanto ao horário de trabalho, mais uma vez a ausência de proposta concreta se junta a um maximalismo descabido: «... só através da modificação da actual estrutura da economia... será possível resolver correctamente as questões do horário de trabalho...»

Num país onde existem ainda horários de 48, 46, 44 horas de trabalho, não seria mobilizador propor as 40 horas de horário máximo? Se se privilegia a recuperação capitalista das empresas, a acumulação à custa da agudização das condições de vida dos trabalhadores, é evidente que o abaixamento do horário máximo, acrescendo os salários e encargos relativos, vai subtrair uma parte do capital a acumular. Mas então que não se diga que o desemprego é a questão central a resolver! A diminuição do horário máximo, abrangendo os sectores mais explorados dos trabalhadores, permitiria absorver consideráveis quantidades de mão-de-obra (há cálculos já realizados!), aproximaria, numa questão importante, a situação de várias camadas de assalariados dos serviços e operários e libertaria da opressão totalizadora do trabalho alienado, vários milhares de horas de trabalho que seriam aplicadas noutras actividades por essas camadas de trabalhadores, muitas vezes de consciência mais embrionária.

Sobre o controlo operário, de nada serve pregá-lo como princípio abstracto, mesmo que «democrático e de massas», se o seu exercício não puder ter efeitos concretos na vida dos operários que o devem praticar. Sugerir o controlo sobre os projectos de investimentos não é propôr que os trabalhadores passem a gerir as conveniências do sistema, mas simplesmente afirmar que as decisões dos capitalistas (sejam eles também o Estado) não são indiferentes aos trabalhadores. Não é indiferente se são ou não investimentos capital intensivos, ou criadores de número significativo de postos de trabalho, se são orientados para e dependentes de situaçõrs não controláveis no país ou se são orientados para a satisfação das necessidades prioritárias das massas. É de novo Sines que está em discussão e opções fundamentais do Plano (deste ou de futuros). Esta proposta deriva da necessidade da classe operária fazer política, fazer política económica na oposição ao sistema e ao quadro político, atacando as compatibilidades, a (ir)racionalidade e as prioridades do sistema e esboçar assim a sua presença social como uma presença alternativa, agregadora de forças sociais e consensos políticos das classes populares. É ainda não permitir que, como noutros países, o sector nacionalizado possa servir para dividir os trabalhadores impondo falsas concepções de responsabilização para com a «sociedade», impondo-lhes mecanismo contratuais e salariais diferentes dos trabalhadores privados, não permitindo, finalmente, que os trabalhadores empregados possam passar a ser o inimigo primário dos desempregados. Compete à classe operária, e nomeadamente aos seus sectores mais fortes (com emprego e dos sectores decisivos), construir a sua unidade de classe, percebendo e fazendo perceber que o explorador na fábrica, seja ele qual fôr, é o mesmo que o «desempregador» de quase meio milhão de portugueses.

B) — SALÁRIOS E CONTRATOS

Em várias passagens do Projecto se parece aceitar o dilema salário ou emprego, nomeadamente quando se referem as possibilidades do sistema. É óbvio que, do ponto de vista operário, há que exigir emprego e salário. Não se pretende fazer a apologia da «irresponsabilidade» operária, mas afirmar a diferença radical das suas compatibilidades. Não é objectivo surepmo da classe operária o «reivindicacionismo» que, por exemplo, exigindo salário objectivamente impossíveis, levasse ao encerramento de grande número de empresas e ao crescimento do desemprego. Como se poderão conciliar estas perspectivas aparentemente inconciliáveis? Muito há ainda a investigar mas parece que poderia começar-se a esboçar uma «política contratual» para a qual o Projecto de Programa pouco adianta. Essa política teria que pôr em causa, em primeiro lugar, o esquema, os métodos e os objectivos da acumulação capitalista que o governo PS prossegue. Não para negar a necessidade de acumular, mas propondo ópticas e objectivos diferentes. Uma perspectiva clara para a transição para o socialismo...

Em segundo lugar está em causa a organização do trabalho, a produtividade. É um dos problemas do controlo operário, do crescer do poder operário na fábrica. Em terceiro lugar os âmbitos e os modos da contratação colectiva. Pensamos poder adiantar que se deve pôr como objectivo os contratos celebrados a nível nacional e verticais. Mas tal levanta problemas delicados, essencialmente centrados na dimensão da empresa e na força operária. É todo o problema da contradição Norte/Sul, Litoral/Interior. Duma maneira geral, as maiores empresas situam-se no Sul e no Litoral. Por exemplo, a nível salarial, pedem-se salários possíveis no Sul mas difíceis no Norte? Se sim, qual a responsabilidade no criar de desemprego no Norte, com empresas mais pequenas, de mais débil organização e com o risco de contribuir, com reivindicações «difíceis», para derrotas operárias em zonas onde a sua organização é mais fraca? Se não, poderá a classe operária do Sul suportar indefinidamente prazos longos de espera, com o risco de ser enfraquecida por ausências de perspectivas mobilizadoras? Dentro duma mesma empresa, com contratos verticais como situar o problema dos quadros técnicos? Eis alguns exemplos que nos permitem colocar como terceira questão a que vai desembocar no difícil e determinante problema da unidade.

Uma das vias possíveis a investigar nesta fase poderia ser a da importância das reivindicações qualitativas, as que se relacionam com o salário indirecto. Algumas coisas são referidas, mas poucas concretizadas, no Projecto de Programa. Daremos só alguns exemplos.

OUTRAS POSSIBILIDADES

Fala-se dos transportes dizendo, justamente que «... significam, na prática, um alongamento da jornada de trabalho». Porquê ficar só nas propostas mais ou menos técnicas em relação ao melhoramento dos transportes, e não tentar definir uma proposta de integração do tempo de transporte no horário de trabalho?

. Em relação à habitação: porque é que não é proposta, nem sequer esboçada, qualquer hipótese de articulação com as Associações de Inquilinos, antes se nota um pendor para «cada português seu lar»?

O que quer dizer «... aumentos periódicos no salário mínimo que pelo menos compensem a subida do custo de vida?...» Automáticos, ou negociados quando o custo de vida atinge um certo limite? Porquê uma proposta de escala móvel para o salário mínimo e não para os outros? Não é uma insinuação em defesa da escala móvel, mas que se afrontem as questões e não se pretenda iludi-las.

Porquê nada sobre a distribuição? A relação Sindicatos/Cooperativas e UCP não teria algo a ver com a defesa do salário real nas cidades e apoio aos orgãos dos trabalhadores agrícolas?

. Pretende ser esta uma contribuição para a discussão e aprofundamento do Projecto de Programa de Acção da CGTP — I.N. Esperamos que outros contributos se lhe possam seguir dêem corpo a uma discussão que se julga útil para todos os trabalhadores.

Na certeza de que as posições aqui tomadas ou sugeridas o foram na perspectiva de reganhar a fábrica como centro das contradições sociais depois destes tempos de alta política. Tentamo-nos situar do ponto de vista operário para construir a unidade popular, unidade essa que na luta política no seio do movimento popular ganha a força para se tornar luta contra o inimigo de classe, luta entre os dois termos antagónicos desta sociedade, luta do trabalho contra o capital. Luta pela unidade dos trabalhadores e da esquerda contra este sistema de exploração e opressão o capitalismo.

PUB

CP — Caminhos de Ferro Portugueses

Linha de Cascais

AVISO

. Para execução de trabalhos da via, no troço Alcântara-Algés, a circulação de comboios, nas noites de 24 para 25 (2.ª para 3.ª), 25 para 26 (3.ª para 4.ª) e 26 27 (4.ª para 5.ª), das 21h30, às 5h30, far-se-á apenas por uma das vias com os atrasos daí resultantes.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1977

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Secretaria de Estado da Cultura

Direcção-Geral do Património Cultural

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

BOLETIM DE BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

Está aberto concurso público, pelo prazo de 15 dias, a contar da data da publicação deste anúncio no «Diário da República», para a execução do Boletim de Bibliografia Portuguesa durante o ano de 1977, conforme caderno de encargos existente no serviço de Contabilidade da Biblioteca Nacional, Campo Grande, 83, Lisboa-5, que pode ser consultado todos os dias úteis às horas de expediente.

APARTAMENTO

Vende-se, mobilado, em Miratejo. Trata Jordão Soares Estrompa. Casa Branca, Évora.

Estrangeiro

Mondale em Bona

Evitar a proliferação de armas nucleares

A preocupação do presidente James Carter com a proliferação de armas nucleares avulta na agenda das conversações a travar hoje em Bona entre o vice-presidente dos Estados Unidos, Walter Mondale, e o chanceler alemão federal, Helmut Schmidt — afirma-se em círculos bem informados de Bona.

A primeira reunião entre Mondale e Schmidt está prevista para as 13 horas t. m. G.

O vice-presidente avistar-se-á igualmente com o presidente Walter Scheel, durante um intervalo entre as sessões da tarde e o jantar, igualmente com Schmidt.

Antes de deixar ontem Bruxelas, primeira paragem da sua digressão por algumas capitais europeias, Mondale reafirmou o desejo de Carter de ver eliminadas as armas atómicas.

No âmbito deste objectivo, Mondale discutirá a venda de material nuclear a países que não possuem ainda armas nucleares com «os franceses, alemães e outros».

Em Bona, as conversações de Mondale centrar-se-ão no acordo da Alemanha Federal com o Brasil, pelo qual Bona fornece material nuclear a Brasília, embora o Governo brasileiro não tenha assinado o tratado de não proliferação nuclear.

No final do seu dia de trabalho em Bruxelas, Mondale telefonou a James Carter, informando-o dos seus contactos e tendo discutido «três ou quatro tópicos» incluídos na agenda de Bona. A conversação durou cerca de meia hora.

Interrogado sobre se considerava as discussões a respeito da actual crise económica na Europa mais importantes do que as respeitantes à proliferação nuclear, Mondale declarou:

«São todas importantes. Estamos igualmente interessados nas suas prioridades».

Enquanto isto, a política externa da nova equipa dirigente dos Estados Unidos é analisada esta manhã por dois jornais parisienses.

«L'Aurore» (direita radical) escreve: «Quatro dias depois de ter sido investido, Jimmy Carter foi bem sucedido na sua estreia na Europa. Conseguiu tal, anunciando aos seus aliados ocidentais que não tinha intenção de fechar o «guarda-chuva nuclear» americano, nem mesmo de diminuir a sua extensão ou eficácia. A Europa conservará, portanto a protecção e a ajuda militar americana».

Por seu lado «Le Figaro» (direita moderada) escreve: «Jimmy Carter foi bem sucedido na sua estreia na cena internacional. A quatro dias apenas da sua investidura joga as cartas de uma maneira magistral (...) As responsabilidades que a América de Carter reconhece hoje aos seus aliados de além-Atlântico são de dimensão planetária, pois trata-se de assegurar em comum a «defesa de uma civilização comum». (...) Jimmy Carter propõe-nos o que ele chamaria um contrato honesto (...) Não mais será questão de decidir em segredo entre «supergrandes» sobre o destino do mundo, através de um arranjo subtil do equilíbrio de terror: a América compromete-se daqui em diante a associar intimamente os seus aliados europeus às suas grandes negociações estratégicas».

Entretanto, o jornal comunista (pró-chinês) de Hong-Kong «Wen Wei Pao» comenta em editorial a visita de Mondale à Europa Ocidental e ao Japão, considerando que «o que se busca é reforçar a aliança militar dos Estados Unidos com a Europa Ocidental e o Japão, onde a União Soviética expande o seu poder militar».

TRUDEAU VISITA OS E U A

O primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau, visitará oficialmente Washington de 21 a 22 de Fevereiro, a convite do presidente Jimmy Carter, segundo revelaram fontes autorizadas de Otava.

O primeiro-ministro visitará Washington, de acordo com a tradição, que assim «determina», sempre que se regista uma mudança na presidência dos Estados Unidos.

Enquanto isto, o jornal «Pravda», órgão do Partido Comunista da União Soviética, comenta na sua edição de hoje que as tentativas para aumentar os gastos militares do Canadá constituem uma «concessão perigosa» aos Estados Unidos.

O correspondente do diário em Otava diz que o Canadá desenvolveu, nos últimos anos, uma política de redução das despesas com a defesa, incluindo a sua contribuição para a Aliança Atlântica, e pergunta: «O que faz círculos militares canadianos, bem como outros, agirem de forma contrária à posição adoptada antes pelo Candá?»

O correspondente afirma a concluir que se trata de «uma perigosa concessão a pressões do complexo militar norte-americano e aos «falcões» da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

HONDURAS

Ingerência da C.I.A. no movimento sindical

Segundo a agência espanhola EFE, a CIA teria penetrado na direcção da Democracia-Cristã de Honduras, país da América Central situado entre a Nicarágua e a Guatemala, para utilizar este movimento como «ponta de lança» contra a crescente politização dos seus habitantes. Além disso, a CIA estaria também a financiar uma campanha contra técnicos estrangeiros — especialmente exilados políticos — e hondurenhos, que empregados em organismos estatais, contribuem para a modernização e reforma da estrutura socio económica e que, supostamente, obedeceriam a palavras de ordem marxistas.

Todas essas conclusões foram dadas a conhecer por dirigentes de sindicalismo social-cristãos agrupado na Central Geral de Trabalhadores — CGT, que estão a realizar esforços para evitar que a Democracia-Cristã, utilizando a União Nacional dos Camponeses, também se apodere da CGT. A União Nacional dos Camponeses é dirigida por um senhor chamado Pedro Mendoza Tilguant, que foi expulso da CGT, onde chegou a ser secretário-geral. Isso causou-lhe algum transtorno, pois a expulsão fez com que perdesse uma base de apoio económico para as suas actividades, já que manobra com fundos da «Confederação Latinoamericana do Trabalho — CLAT», (filiada na CISL) da Fundação Konrad Adenauer, da RFA e da Interamerican Fundation, dos E. U. A. O mesmo problema, consequentemente, foi sentido pela Democracia-Cristã, ao ter, desta forma, separadas a União Nacional dos Camponeses e a Central Geral de Trabalhadores.

Presentemente, a acção da CIA tende a fortalecer a Democracia-Cristã nas zonas rurais. O fim em vista é simples. A Democracia Cristã, ao chegar ao poder, através da pressão camponesa, manteria o «statu quo» de dependência económica dos Estados Unidos. No mesmo partido, que já uma vez foi acusado de ter «relações fortes» com a CIA, causaram surpresa algumas das posições de vários dos seus dirigentes, que nunca pensaram em entrar em oposição cerrada. Segundo os dirigentes da CGT, a CIA vê em algumas acções das organizações populares hondurenhas, um «perigo de contágio» para as outras nações da América Central.

Schmidt e Callaghan acreditam no desanuviamento

Neste momento não há que recear o poderio militar da U. R. S. S. e a política desse país é ainda a do desanuviamento — eis a conclusão a que chegaram ontem à noite Helmut Schmidt (chanceler da R. F. A.) e James Callaghan (primeiro-ministro britânico) numa entrevista comum que concederam à TV comercial britânica e que se efectuou no final duma visita oficial de 48 horas que o chanceler da R. D. A. fez à Grã-Bretanha.

Tanto Schmidt como Callaghan admitiram que poderia haver um perigo futuro de desequilíbrio entre os dois blocos militares, mas que, de momento, tanto dum lado como do outro havia interesse em reduzir os seus gastos de defesa.

Estas declarações surgiram na sequência de um novo relatório do Congresso dos E. U. A. ontem divulgado, no qual, uma vez mais, se brandia o espantalho da vantagem militar do Pacto de Varsóvia sobre a N. A. T. O.

A concordância manifestada pelos dois políticos na TV sobre questões de política externa não teve contrapartida nas conversações que travaram sobre os custos comuns de defesa e coordenação económica bilateral.

Schmidt declarou que o seu país já ajudara demasiado a Grã-Bretanha, ao apoiar dois créditos recentes, e que não pode continuar a fazê-lo. Deste modo, e segundo Callaghan anunciou, não foi possível chegar a acordo sobre um novo tratado para a manutenção dos 55 mil soldados britânicos estacionados na região alemã do Reno, integrados na N. A. T. O. O último acordo, de cinco anos, expirou em Março passado.

A França disposta a participar na conferência de Genebra

A França está disposta a participar na conferência de Genebra sobre o Médio Oriente se a sua presença for, julgada desejável — declarou o presidente Giscard d'Estaing, numa conferência de Imprensa, em Riade, no termo da sua visita oficial de quatro dias à Arábia Saudita. O presidente declarou ainda que a França e a Europa Ocidental poderão dar um contributo para o estabelecimento de fronteiras seguras no Médio Oriente.

Por outro lado, Giscard anunciou que havia convidado o rei Kaled a visitar a França.

Esta visita de Giscard saldou-se por um acordo através do qual a Arábia Saudita venderá à França 292,5 milhões de barris de petróleo durante os próximos três anos aos preços correntes do mercado. O contrato alargou um acordo anterior, mas não faz quaiquer concessões à França.

ESPANHA

Iribarne acha absurdo conviver com comunistas

Afirmando que «conviver com os comunistas na legalidade parece um absurdo», o ex-vice-primeiro-ministro espanhol e actual líder do agrupamento de direita «Aliança Popular», Manuel Fraga Iribarne, disse em São Paulo, no Brasil, numa entrevista ao semanário «Veja», que «a maior debilidade que se encontra no jogo eleitoral espanhol reside na existência de demasiados partidos políticos. Condenando o Partido Comunista Espanhol sempre que possível, Fraga Iribarne disse que, neste momento, existem em Espanha cerca 400 partidos de esquerda, activos.

Enquanto isso, numa entrevista publicada ontem pelo semanário alemão «Der Spiegel», o secretário-geral do P.C.E., Santiago Carrillo negou categoricamente as acusações que lhe têm sido dirigidas pelo jornal espanhol de extrema-direita «El Alcazar», onde se afirma que o dirigente comunista participou, quando era responsável de segurança do Comité de Defesa de Madrid, na execução de milhares de prisioneiros durante o seu transporte de Madrid para Valência.

Além de negar a sua participação nos fuzilamentos, Carrillo alega que o referido transporte se efectuou entre os dias 1 e 7 de Novembro e que só tomou posse das suas funções no último dia deste prazo. Na mesma entrevista, o secretário-geral do P.C.E. afirma que «eleições em que o Partido Comunista Espanhol não participar não são sérias», diz que já não considera Juan Carlos como um franquista e diz que está pronto a encontrar-se com o rei.

Carrillo acrescenta que é partidário de uma «democracia socialista», num modelo ainda a ser criado e que o momento espanhol não era propício para nacionalizações.

Por outro lado, um outro semanário alemão, o «Die Zelt», afirma que, com dois reactores atómicos em funcionamento, sete em construção e três encomendados, a Espanha é considerada como o principal cliente atómico dos Estados Unidos que, pelo seu lado, aparecem como os principais donos do mercado internacional «do ramo» com trinta e cinco reactores exportados.

Caleidoscópio

CAFÉ — Delegados à conferência mundial do café, actualmente a decorrer em Londres, advertiram ontem que aquele produto virá provavelmente a faltar, não estando longe uma escassez mundial de café.

EXPLOSÃO EM BUENOS AIRES — Perdeu a vida uma mulher e mais três pessoas ficaram feridas quando uma granada explodiu ontem num bar cheio de gente, numa estação de caminhos-de-ferro na capital argentina. A polícia deteve um suspeito.

PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS — O movimento «Carta 77», surgido na Checoslováquia, é tema dum artigo com destaque publicado em «L'Humanité», órgão do PCF, o qual critica as autoridades checoslovacas, acusando-as de não respeitarem a democracia.

EGIPTO-FMI — O Egipto e o Fundo Monetário Internacional (FMI) chegaram a um acordo preliminar sobre um empréstimo de 140 milhões de dólares (cerca de 4200 milhares de contos) com a condição de que o programa de estabilização económica do país seja conseguido este ano — escreve o jornal oficioso «Al Ahram».

TURQUIA — Quatro mortos e dezenas de detenções — eis o saldo das rixas políticas entre elementos de esquerda e de direita que se registaram nas últimas vinte e quatro horas em diversos pontos da Turquia.

CHILE — O presidente do Chile, Augusto Pinochet, anunciou ontem que vai melhorar as bases militares do seu país na Antárctida. Para esse fim, vai retirar cinco milhões de dólares ao fundo destinado a prestar socorros aos desempregados.

GASOLINA — O presidente Carter recomendou à Administração Federal de Energia que retirasse a proposta destinada a acabar com o controlo dos preços da gasolina, alegando que necessitava de tempo para pensar sobre as consequências de tal medida. Essa proposta fora apresentada pelo presidente cessante, Gerald Ford, no passado dia 19.

CHINA — O presidente Hua Kuo-feng, o vice-presidente Chien-Ying, o vice-primeiro-ministro, Hsien-Nien, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Huang Hua, receberam ontem o embaixador da Coreia em Pequim. encontro — cujos motivos se desconhecem — foi cordial e amigável». Os observadores salientam que a alta hierarquia de Pequim se mantém e que se adensa, deste modo, o mistério à volta de Teng Hsiao Ping.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

1001 VIAGENS "IT"
(Tarifas reduzidas de avião)
PEÇA A RESPECTIVA BROCHURA
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av da Liberdade 160 • Telef 371341
PORTO: Av dos Aliados, 207 • Telef 379 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs 27011/2
FARO: Rua Cons Bivar, 65 • Telefs 25035/6

FÉRIAS NA *NEVE*
Numa das mais apreciadas estâncias de montanha
MEGÈVE
NA MELHOR ÉPOCA
BONS HOTEIS • BOM SERVIÇO
PARTIDAS: FEV. 20 · 27 MAR. 6 · 13 · 20
UMA SEMANA DESDE 6.730$
INCLUINDO:
Avião a jacto Lisboa-Geneve-Lisboa
Uma semana de hotel • Transportes em terra • Assistência abreu
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av da Liberdade, 160 · Telef 371341
PORTO Av dos Aliados 207 · Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 · Telefs 27011 2
FARO Rua Cons Bivar 65 · Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Espectáculos

ESTA SEMANA, NO INSTITUTO ALEMÃO

Werner Herzog, um autor a conhecer

Principiou ontem e continuará até à próxima segunda-feira a Semana de Cinema Werner Herzog organizada em Lisboa pelo Instituto Alemão. Trata-se de um acontecimento cultural de certa importância motivo por que preparâmos uma nota informativa sobre o autor e, especialmente, sobre os filmes que vão ser apresentados em Lisboa durante esta semana.

Programa do ciclo

Dia 25 — **Também os anões começaram por baixo** rodado com intérpretes liliputianos legendado em espanhol. É um filme de 1970.

Dia 26 — **Fata Morgana**, filme sobre a criação do mundo, o paraíso e a idade do ouro, legendado em espanhol, 1970.

Dia 27 — **Aguirre, a cólera de Deus**, com Klaus Kinski Helena Rojo, Ruy Guerra e Del Negro. Legendas em espanhol, 1972.

Dia 28 — **O enigma de Kaspar Hauser**, filme colorido, premiado em Cannes e legendado em português, 1974.

Dia 31 — **Terra do silêncio e da escuridão,** realizado em 1971 com legendas em espanhol e a projectar, apenas, na sessão das 18 e 30.

O grande êxtase do entalhador Steiner, documentário sobre a solidão e a angústia mortal, filmado a cor, em 1974 e legendado em espanhol. Exibe-se apenas na sessão da noite, às 21 e 30.

Nota: Os filmes da semana Herzog vão ser projectados em duas sessões, no Instituto Alemão, ao Campo de Santana: às 18 e 30 e às 21 e 30 horas.

JORGE LEITÃO RAMOS

Uma retrospectiva Werner Herzog é um acontecimento de suficiente importância para que nos detenhamos sobre ele. Antes do mais porque Herzog não é o que se chama um nome consagrado e emoldurado (isto apesar do prémio de Cannes para *O enigma de Kaśar Hauser*), depois porque vem de uma das mais florescentes e. entre nós desconhecidas jovens cinematográficas: a da República Federal Alemã. Em segundo lugar porque, bastante controversa embora, a obra de Herzog traz consigo uma força inegável, mescla de uma memória expressionista e de um inconformismo temático que poderemos amar ou não, mas não certamente ignorar.

Franco-atirador num domínio onde se é difícil sé-lo, Werner Herzog é um alemão de Munique onde nasceu em 1942, a 5 de Setembro. Após uma infância passada nas montanhas bávaras, Herzog tem um percurso comum: estuda no liceu de Munique e ingressa no ensino superior onde se detém na História e na Literatura. Com uma bolsa de estudos vive algum tempo nos USA, em Pittsburgh.

O seu interesse pelo cinema data de bastante cedo: um argumento aos 17 anos que não consegue rodar; seria uma curta-metragem sobre a reforma penitenciária. Em 1962, estreia-se com *Herakles*, pequeno filme de 12 minutos que Herzog classifica como um exercício de montagem. Faria ainda três curtas-metragens (em 1964, 1966 e 1967) antes de rodar o seu primeiro filme longo: *Sinais de vida* (1967) rodado na Grécia.

«Globetrootter» infatigável, um pouco por toda a parte com relevo para África, Herzog é um cineasta onde os *décors* naturais na sua pujança, fascinação, ritmo, respiração, ocupam um papel fundamental. Se fosse possível encontrar um ponto comum à sua obra, seria sem dúvida nesse confronto entre o homem e o *décor* que se poderia buscar a linha de rumo.

Fata Morgana (1969-1970), longa utopia em torno de um paraíso fascinante mas opressivo, rodado durante três anos um pouco por toda a África (Argélia, Nigéria, Tanzânia, Quénia, Uganda, Costa do Marfim, Camarões, República Centro-Africana...), durante o qual Herzog e o seu operador Schmidt-Reitwein atravessariam fome, doença e até a prisão, é um filme onde, talvez mais longe do que nunca, o olhar sobre as coisas atingiu uma tal intensidade que a transfiguração para o reino do fantástico acabou por ser o tema central.

Werner Herzog

Não foi sem uma imensa dose de amargura que Herzog saiu do penoso percurso de *Fata Morgana*. Ele mesmo o afirma dizendo que *Os anões também começaram por baixo*, seu filme sequente, é disso fruto (É um filme doente, feito por um doente» — nas palavras do realizador.

Terra do silêncio e da escuridão irá continuar no tema do homem e do que o rodeia. Tomando como centro uma personagem cega e surda, Herzog irá filmar as suas memórias e o seu confronto com o mundo, as suas dificuldades de contacto, a sua solidão.

Solidão, agora a dos desesperados perseguindo um sonho gigantista e demente, é também a de Aguirre, explorador espanhol em busca do El Dorado, a quem a natureza resiste como a uma praga ou uma lepra, e que acabará extirpado desse universo que não é seu.

1974 é o ano de *O enigma de Kaspar Hauser* (a quem já nos referimos nas páginas do DL) e da pública consagração de Herzog. Pública consagração que iriam fazer com que o realizador (que até então produzira sempre por sua conta os filmes) encontre, enfim, meios que lhe permitem intensificar o ritmo do seu trabalho. Em 1976 quatro filmes (duas médias e duas longas-metragens) saem das suas mãos e o futuro parece agora mais simples de trilhar.

Nota final: Os elementos para este apontamento informativo foram extraídos do dossier que a revista «Cinema 75» — n.º 198 dedicou a Herzog, do *press-book* de *Kaspar Hauser* e do n.º 3 de «Isto é espectáculo».

Fotograma do mais recente filme de Herzog

Uma cena do filme «Enigma de Kaspar Hauser» que vai entrar em circuito comercial português, depois de entrar no ciclo de Werner Herzog marcado para o Instituto Alemão

Cinema Experimental no Britânico

Numa sessão designada «British Short Flur Programme», serão hoje exibidos, no Instituto Britânico, à Rua Luís Fernandes, em Lisboa, seis filmes experimentais, alguns dos quais feitos por estudantes.

Os filmes, a exibir pelas 18.30, são «Frech Windows» «Home Movie», «Rail», «The Walker», «L. S. Lowry» e «The Industrial artist-anf undercurrents».

Festival Italiano no Palácio Foz

A partir do dia 31 de Janeiro, até 4 de Fevereiro, a Secretaria de Estado da Cultura vai apresentar, no Palácio Foz, o Ciclo — «Festival do Cinema Italiano» — 1.ª série, com sessões às 15, 18 e 21 horas.

O programa é o seguinte:

31 de Janeiro — «Os sequestrados de Altona» - Vittório de Sica;

1 de Fevereiro — «O General Delle Rovere» — Roberto Rossellini;

2 de Fevereiro — «Media» — Pier Paolo Pasolini;

3 de Fevereiro — «Em Nome do Pai» — Marco Bellochio

4 de Fevereiro — «Roma» — Federico Fellini

Os bilhetes são vendidos no próprio dia, na bilheteira do Palácio Foz, das 13 às 15.30 e das 17 às 21 horas.

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato) Tel. 66 15 15. 66 92 05
Teatro da Cornucopia
O treino do campeão antes da corrida
de Michel Deutsch
ÚLTIMA SEMANA SÓ ATÉ 29
Todas as noites às 21.45
M/18

2 SALAS
2 ESPECTÁCULOS
Os Cómicos
APRESENTAM
«Do Teatro ao Cais Sodré»
de JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA
Encenação de FERNANDO HEITOR
2.º MÊS
TODOS OS DIAS ÀS 21.45
Domingos às 18
ÚLTIMOS DIAS.

GRUPO TEATRO HOJE
O equívoco de albert camus
Carlos Fernando
Elisa Lisboa
M.ª Jesus Aranda
Mário Viegas
Marta Ribeiro
ENCENAÇÃO
Gastão Cruz
CENÁRIO E FIGURINOS
José Rodrigues
NA CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco de Borja, 24 Telef. 867298
Todas as NOITES às 21.45
SÁBADOS MATINÉES às 16h.
DOMINGOS SESSÃO ÚNICA ÀS 18 HORAS
Descanso semanal às 2.ª-feiras
M/ aconselhável a menores 13 anos

MARIA VITÓRIA
TELEF. 36 17 40
UM ÊXITO!

LYGIA TELLES
em «VAUDEVILLE»
● HOJE E TODOS OS DIAS ●
2 SESSÕES: ÀS 20.30 e 22.45 H.
Aos DOMINGOS e FERIADOS «MATINÉES», às 16 horas
— ÀS 2.as FEIRAS: DESCANSO —
A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!
A NOVA PLURALIREVISTA
Não acons. m/18 a.
O BOMBO DA FESTA!
A atracção japonesa ● YUKIE ●
UM POPULAR ELENCO, COM:
SALVADOR, IVONE SILVA e HENRIQUE SANTANA
À frente de muitos outros e de Um Corpo de Baile Internacional

Televisão

Canal da Crítica

Mário Castrim

O EMPRÉSTIMO. A OFERTA. E OUTRAS COISAS...

Num português bem ensaiado, correcto como um actor seguro do seu papel. Sem dúvida: de alto a baixo, um profissional.

Trata-se da chegada a Lisboa de um colossal avião de transporte. A título de empréstimo, uns aviões de treino de técnica já muito apurada. A câmara de televisão de olhos arregalados para a aeronave. E depois, as palavras frias, correctas, estudadas: a colaboração cada vez mais estreita entre as Forças Armadas dos dois países... A amizade que existe entre os dois povos há muitos anos... Assim por diante.

Amizade entre os dois povos, creio que sim. Os povos, quaisquer que eles sejam, não devem ter razões senão para serem amigos. No caso vertente, porém, supõe-se que onde se disse «povos» se quis dizer Governos. A amizade entre os dois Governos foi grande, muito íntima, «mais íntima do que deverá aqui dizer-se» como escreve Fernão Lopes, antes do 25 de Abril. Lá isso foi. Mas ao menos podiam passar uma esponja, em vez de lembrar.

...Recordo que barcos soviéticos descarregaram em Lisboa tractores e maquinaria agrícola, oferta aos trabalhadores portugueses. A RTP ignorou completamente o facto.

SAIBAMOS CONCLUIR

Laconicamente, o *Telejornal* noticia que não sei onde nos Açores rebentou uma bomba no carro de um militante socialista. Depois passam logo a outro assunto, blá-blá, o Egipto zangado com a União Soviética, a exportação de mármores e rochas ornamentais para a República Federal e outras coisas assim.

No entanto, a gravidade do assunto justificava uma paragem, uma demora, uma certa meditação. Em certas regiões do País o combate às forças democráticas, aos partidos democráticos, tomou por alvo alguns deles. Foi então possível aos principais responsáveis do P. S. aproveitar para alimentar, justificando-a à sua maneira, a perigosa campanha. Sem atenderem à lição histórica segundo a qual, mais do que atacar determinado partido, o alvo da reacção é atacar a democracia.

A pequena notícia lida no *Telejornal*, de olhos baixos, prova que assim é. Chegou a vez do P. S., pelo menos estão dados os primeiros sinais.

Sabemos quem governa os Açores. Sabemos agora na prática vivida o que, para certas forças, representa a palavra democracia. Sabemos agora muita coisa preciosa. Saberemos todos tirar as conclusões?

PINTURA: ASSIM, NÃO

O maior perigo dos programas culturais é torná-los chatos. Trate do que tratar, um programa chato é um programa anticultural.

Tivemos ontem a segunda emissão do programa *«Aproximação à Pintura»*, à responsabilidade, e com apresentação de Rocha de Sousa. A emissão em causa ocupa o horário de ouro.

A pintura dá-se mal com a televisão. Não é fácil aproximarmo-nos da pintura quando, para seu completo esclarecimento, nos está ausente um elemento essencial: a cor.

Tudo se torna ainda mais complicado quando a emissão assume veleidades de curso de arte de pintar, encerrando-se numa especialidade que contraria a atitude mais indicada para uma tão complexa assistência. *«Aproximação à Pintura»* incorre assim no mesmo erro do *«Sentido das Formas»* e do *«Passo e Compasso»*. Uma coisa é acender o amor pela pintura, pela arquitectura, pelo *ballet* e outra, muito diferente, é querer, pela televisão, ensinar as piruetas, os cogulhos, a vocação plástica dos materiais. Aceder a uma língua pela gramática é escolher o pior caminho, pelo menos o caminho menos natural.

Além do mais Rocha de Sousa utiliza uma linguagem pernóstica, ridícula, completamente despropositada na televisão de um País analfabeto em letras e muito mais em pintura.

Rocha de Sousa pode guardar as suas muitas sabenças (que inegavelmente tem) para futuras lições universitárias. Para televisão não servem. Não aproximará ninguém da pintura. Antes pelo contrário.

ARMSTRONG: VENCER

Vamos supor que um jazzfan quisesse falar da contribuição principal de Louis Armstrong para a evolução do jazz. Poderia utilizar duas técnicas: uma, consistiria em decompor nos hieroglitos musicais perante a assistência, os movimentos rítmicos rigorosamente marcados e harmonizados com a liberdade criativa; a outra consistiria em... dar a ouvir Armstrong por si próprio ou por interposta pessoa. O primeiro processo interessaria ao clube dos especialistas, o segundo seria o caminho *sem o qual*, junto das grandes audiências, nada se poderia compreender de Louis Armstrong.

O documento ontem apresentado sobre o grande artista escolheu dar-nos a ouvir, dar-nos a conhecer Armstrong no estilo de Chicago ou seja no seu período de maior pureza. Ainda vinham longe os tempos das concessões e dos narizes de cera para agradar ao gosto fácil das plateias comilonas de astros...

Festival inesquecível o de ontem. A partir daqui, pode falar-se do seu ritmo, da sua capacidade de durar, do seu balanço, da sua vitalidade, da sua invenção rigorosa e clara. Isto, sim, isto é um autêntico programa cultural de aproximação à música...

Passemos, é claro ao largo da personalidade de Armstrong e que tão controversa se tornaria. O período ontem abrangido é um período de ouro no plano musical e os organizadores do filme nisso se preocuparam mais, tudo o mais funciona como o xarope que mais facilmente veicula a poção.

Ainda assim, alguns apontamentos reflectem a desumanização da sociedade americana: o crime organizado e impune, a segregação racial ao nível da paranóia, a exploração sem freio. Ao pé daquilo, a seiva propriamente dita é uma brincadeira de crianças ..

Por cima de tudo, a trompete de Armstrong. Invencível, como o futuro.

Hoje

Ellery Queen

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.05 Fecho.

2.º Período

18.30 Abertura e **Diário das Fábulas; Barbapapa.**
19.00 **Peço a Palavra**
19.25 **Inglês a Sorrir** — Continua a repetição desta série de programas correspondendo ao enorme interesse que começou a despertar. O episódio de hoje: O dentista.
19.55 **Fila T** — Quinzenário tearal. Coordenação de Fernando Midões.
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição.
21.05: Momento Político — Programa da Secretaria de Estado da Comunicação Social.
21.20 **Ellery Queen** — Policial. 3.º episódio. A Aventura da Maldição do Faraó. Intérpretes: Jim Hutton, David Wayne, June Lockhart e Rose Martin. Realização de Seymour Robbie.
22.15: Programa da Direcção de Informação.
23.00 **Telejornal** 2.ª edição.
23.15 Fecho.

II PROGRAMA

20.30 **Telejornal**
21.00 **Documentário** — John Hearthfield. Um programa de Rocha de Sousa e José Elyseu.
21.45 **Lembranças de Greene** — Adaptação de obras de Graham Greene. «No Jardim (Under the Garden), com Denholm Elliott, Arthur Lowe, Vivien Pickles, Bruce Purchase.
22.15 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período

13.30: Ciclo Preparatório TV. **18.05**: Fecho.

2.º Período

18.30: Abertura e Sapatinhos de Ballet. **19.00**: Abre-te Sesamo. **19.30**: Ligeirissimo — Fados de Coimbra por Carlos Quintas e Rodrigo. **19.50**: Vamos jogar no Totobola. **20.00**: A «National Gallery». 12.º e último programa. **20.30**: Telejornal — 1.ª edição **21.05**: Música e silêncio. **21.40**: Cinema o filme «os Inadaptados» com Clark Gable, Marilyn Monroe, Montegomery Clift, Eli Wallach e Thelma Riter. **23.30**: Telejornal 2.ª edição. **23.45**: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Telejornal. **21.00**: Campeonato da Europa de Patinagem Artistica. **22.00**: O Homem e a sua musica — Carrilho. **23.00**: Fecho.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL

ASSEMBLEIAS GERAIS EXTRAORDINÁRIAS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores de seguros associados deste Sindicato para a efectivação de Assembleias Gerais Extraordinárias, nos termos do Artigo 33.º, alínea b), dos Estatutos, com início às 21.00 horas, no Salão de Festas da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário – R. da Voz do Operário, em Lisboa – nos próximos dias **1, 3, 8** e **10** de Fevereiro, com idêntica Ordem de Trabalhos:

Ponto Único:

Continuação da Discussão e Aprovação do Ante-Projecto do C. C. T. na especialidade.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Fernando Manuel Leite Alves

ANDAR

Aluga-se para sede de organismo sindical. Indicar número de divisões e renda para a Rua Silva Carvalho, 184 - 1.º Dt.º, em Lisboa.

CARTORIO NOTARIAL DA TORRE DE MONCORVO

CERTIFICO, NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação que, por escritura de 18 de Janeiro do ano corrente, lavrada de folhas 82 a 84 do Livro «A N.º 323», de «Escrituras Diversas», de Cartório Notarial, a cargo do notário-Lic. António Joaquim de Meneses Falcão, foi liquidada a sociedade comercial por quotas «MINACORVO - EXPLORAÇÃO E DESENVOLVIMENTO MINEIRO DE MONCORVO, LD.ª, com sede na Rua Victor Cordon, 45-B, em Lisboa, não havendo saldo a partilhar por o activo liquidado de 47 000 contos (quarenta e sete milhões de escudos) haver sido absorvido pelo passivo, que foi de igual montante; as contas de liquidação foram aprovadas pelos sócios em 30 de Novembro de 1976.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, NA PARTE TRANSCRITA, O QUE CERTIFICO.

Torre de Moncorvo, 20 de Janeiro de 1977

O Notário
António Joaquim de Meneses Falcão

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
Diàriamente, às 21.30 h.
«O MURO»
Inspirado nas «AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO» de José Gomes Ferreira
3.º Mês — ÚLTIMAS
Domingo só «matinée» às 18 h.
PREÇO ÚNICO — 40$00
PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVÃ
Telef. 762624
SABADOS e DOMINGOS TARDES INFANTIS
Às 16 horas

Galerias ROLDÃO
ARTIGOS FOTOGRÁFICOS
De filmar, projectar e sonoras e de «slaids». Rolos fotográficos e de filmar, tudo a preços de interesse.
Executam-se fotocópias de imediato.
Avenida Almirante Reis, 13-E — METRO INTENDENTE

EXTERNATO CICLO PREPARATÓRIO CURSO LICEAL NOCTURNO
— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —
(das 17 às 23 horas)
Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-831271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PUB

MOÇÃO

Os Trabalhadores da Construção Civil da Guarda, reunidos em plenário no dia 15 pelas 16 horas nas instalações do Pavilhão Gimnodesportivo da Guarda, repudiam vivamente a complacência dos tribunais e das autoridades deste país, como estão a ser julgados os ex-agentes da «Pide DGS», pois estes julgamentos não são mais que uma farsa e uma burla que ferem muito profundamente os sentimentos da grande maioria do Povo Português e de todos os antifascistas e democratas, que ao longo de 45 anos foram perseguidos, torturados e assassinados por aquela extinta polícia assassina e terrorista.

Chega de farsas, julgamento de todos os ex-Pides e ex-Legionários, julgamento Revolucionário do fascismo em Portugal.

MOÇÃO

Os trabalhadores da Construção Civil da Guarda, reunidos em plenário no Pavilhão do Inatel no dia 15/1/77 considerando que:

a) O Decreto-Lei n.º 841-B-76, alterando o processo de cobrança das quotizações, mais não visa o aniquilamento puro e simples do movimento sindical.
b) Que a recente decisão do Conselho de Ministros, de 6-1-77, de tornar imperativa a proibição à entidade patronal na remessa das quotizações é a confissão descarada desse objectivo.
c) Que todas estas decisões tomadas nas costas dos trabalhadores são contrárias à Constituição.

Decidem:

1.º Exigir dos órgãos de poder a revogação imediata dessas leis.
2.º Manifestar um voto de desconfiança à política do Governo, que continua a legislar sobre matéria de trabalho sem consultar os trabalhadores.
3.º Exigir ao Sr. Presidente da República e ao Governo Socialista o cumprimento da Constituição, constantemente calcada aos pés ao serviço de interesses que visam a recuperação capitalista, e a liquidação das conquistas revolucionárias dos trabalhadores e do processo iniciado em 25 de Abril.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: Avenida da República, 29-27 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

—x—

C. C. T. RETALHISTA NACIONAL

AOS DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se todos os delegados sindicais do Sector Retalhista para as reuniões que se irão efectuar nas instalações do nosso Sindicato, Avenida da República, 29, em Lisboa, nos próximos dias 24 e 25 de Janeiro, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

— **Análise e discussão do projecto de Contrato Vertical Nacional Retalhista.**

Trabalhador do Comércio:

COMPARECE !

SÓ UNIDOS OBTEREMOS O NOSSO CONTRATO

Lisboa, 21 de Janeiro de 1977.

Pel'A Direcção,
Alfredo Alves

SENHOR CONDUTOR

Combata o ruído,

defenda

o seu direito

CIRCULE SEM RUÍDO

Desporto

HASELY CRAWFORD: O HOMEM-FLECHA

HAVANA, — (Por Severo Nieto, da Prensa Latina — Exclusivo da ANOP em Portugal) Hasely Crawford, condecorado pelo governo de Trindade-Tobago com a Cruz da Trindade, «é um atleta que soube sobrepor-se a constantes fracassos para alcançar o reconhecimento mundial, devido ao seu título olímpico nos 100 metros.

Crawford, vencedor de medalhas nos «Jogos Centro-Americanos e das Caraíbas» nos Pan-Americanos e nos da Comunidade Britânica, havia sido sempre suplantado por outros velocistas, que o privaram de levar para o seu país uma medalha de ouro.

A carreira desportiva de Crawford é a de um atleta de reconhecida fama, mas que tradicionalmente foi batido por outros «sprinters» apesar dos bons tempos que conseguia. Possuidor de um excelente físico para um velocista (1,90 metros de altura e 87 quilos de peso), Crawford faz lembrar o norte-americano Robert Hayes, pelo seu físico e pela sua forma de correr, com uma poderosa ponta final.

A estreia internacional de Crawford ocorreu na cidade do Panamá (em 1970) nos nonos «Jogos Centro-Americanos e das Caraíbas». Crawford (que tinha, então, 19 anos) defrontou, na primeira série eliminatória, o cubano Pablo Montes, então considerado um dos melhores «sprinters» mundiais. Crawford passou às meias-finais (com o tempo de 10,4 segundos) enquanto Montes triunfou com 10,0. Na meia-final, Crawford percorreu a distância em 10,3, contra 9,9 de Montes. Esta marca não foi reconhecida como «recorde» mundial porque, na altura, o vento soprava a favor, com uma velocidade de 7,5 metros por segundo. Na final, Crawford ficou em 5.º lugar, sendo batido por três cubanos (Montes, Hermes Ramirez e Barbaro Bandomo) e pelo maica no Michael Fray.

Meses depois, Crawford representou Trindade-Tobago nos «Jogos da Comunidade Britânica» (nesse ano realizados em Edimburgo) e defrontou-se em duas ocasiões com Donald Quarrie, da Jamaica, que o bateu por duas vezes: nas meias-finais, Quarrie e Crawford realizaram o mesmo tempo (10,2) e, na meia-final, Quarrie repetiu os 10,2, ganhando a medalha de ouro, enquanto Crawford (10,3) foi batido por Lennox Miller, também da Jamaica (10,3) ficando na 3.ª posição.

Hasely Crawford manteve-se praticamente afastado das competições durante a época de 1971, preparando a sua participação nos Jogos Olímpicos de Munique. Crawford ganhou a primeira série eliminatória (10,5 segundos) ficou em 3.º lugar nos quartos-de-final (10,18) logo depois de Borzov (10,07) e do norte-americano Robert Taylor (10,16). Nas meias-finais voltou a ficar atrás de Borzov (10,21) com o tempo de 10,36, mas terminando perfeitamente destacado dos restantes atletas. Os sonhos que Crawford poderia alimentar foram desfeitos pela queda sofrida a meio do percurso da final dos 100 metros, na qual triunfou Valery Borzov

Na época seguinte, Crawford fez parte da equipa de atletismo da Universidade do Leste do Michigan, ao serviço da qual conseguiu (em 1973) o seu melhor tempo da época (10,1).

Crawford voltou a defender as cores do seu país nos Jogos Pan-Americanos de 1975 (na Cidade do México) e, tal como há cinco anos, foi abatido por outro cubano, desta vez Sílvio Leonard. O «sprinter» cubano foi cronometrado em 10,15 segundos, contra 10,21 de Crawford, que teve de se contentar com a medalha de prata.

Anteriormente, Crawford já havia mostrado as suas aptidões sem sombra de dúvidas: mas, nessa ocasião foi bem batido.

Em 30 de Maio de 1975, num torneio internacional em Arima, Crawford foi abatido por escassa margem pelo norte-americano, Steve Williams. Os dois atletas foram creditados de 9,98 segundos, embora com vento a favor que ultrapassava o máximo permitido de dois metros por segundo.

No ano transacto, Crawford, participou nos Jogos Olímpicos de Montreal e ganhou logo as séries eliminatórias (10,42 e 10,29).

Nas meias-finais, Crawford foi o primeiro na sua série, (10,22) batendo Quarrie (10,26), e os norte-americanos John Jones (10,30) e Steve Riddick (10,33). Na final, Crawford (na pista 1) arrancou imbatìvelmente e isola-se aos 60 metros, resistindo depois ao forte ataque de Quarrie e de Borzov.

Os especialistas consideram que os 10,06 segundos registados por Crawford podem ser comparados aos 9,97 obtidos por Jim Hines nos Jogos Olímpicos do México, onde a maior altitude e o ligeiro vento favorável contaram a favor do atleta norte-americano.

Depois da medalha de ouro nos 100 metros, Crawford preparou-se para os 200 metros, qualificando-se para a final com os tempos de 22,35, 20,95 e 20,99 nas eliminatórias de qualificação. Ao descrever a primeira metadde da curva, Crawford sofreu uma distensão muscular, que o fez cair na pista, perdendo assim a hipótese de conquistar outra medalha. Apesar destes revés, devido a lesão, Crawford foi condecorado com a «Cruz da Trindade», ao chegar a Porto de Espanha. Esta condecoração, a mais importante da Trindade-Tobago, foi-lhe entregue no âmbito das comemorações do 4.º aniversário da independência do seu país.

Hungria repensa

Embora se tenha verificado um desenvolvimento incontestável, nestes ultimos anos, a educação física, dos jovens hungaros está longe de atingir as exigências da época. Assim, o poder público viu a necessidade de tomar medidas, apelando à acção social no sentido da harmonia e das possibilidades nacionais e locais, para que o desporto de massas se generalize, efectivamente, na Hungria.

Esta foi a conclusão de uma recente análise da presidência do Conselho Central dos Sindicatos Húngaros. Neste espírito este Conselho chamou a si a responsabilidade de desenvolver as condições de se praticar regularmente a ginástica e os desportos, nas estâncias de repouso e colónias de férias para crianças e jovens, geridas pelos sindicatos.

A presidência precisa que é da responsabilidade das organizações sindicais reunir condições necessárias à educação física e aos desportos, nos locais de trabalho, à margem das actividades dos clubes desportivos.

O quinto plano quinquenal (1976-1980) prevê a construção de cerca de 350 ginásios, a criação de um número considerável de campos desportivos, bem como de piscinas nas escolas.

1X2

Restelo, Bonfim, Luz: três encontros a Sul e os três resultados possíveis do Totobola. Uma vitória dos «leoninos» em Belém (coluna 2), o empate do Estoril em Setúbal ou a igualdade consentida pelos sadinos perante os estorilistas , remetendo o desfecho para a coluna do centro (x), e o (rotundo) triunfo do Benfica como anfitrião do Atlético. Logo 1, (sem vacilações). Aconteceu no domingo, perto do Tejo e do Sado, a Sul do País que temos, em três jogos. Totobola «representado» nas suas únicas facetas

Desporto

TOTOBOLA
Jogue connosco

Dois ingleses em Lisboa. Dois técnicos importados (ao serviço das duas melhores equipas portuguesas do momento), na foto (dupla), a cinco dias do fabuloso «derby» do «association» indígena, numa espécie de «tête-a-tête» que antecipa o combate decisivo do domingo quanto às aspirações ao mais cobiçado troféu da «paróquia». Dois técnicos (John Mortimore e Jimmy Hagan) que podem simbolizar os acertos e desacertos do «Toto» no seu desdobramento 1x2

PORTUGAL

HÓQUEI DE S MIGUEL

A fim de participar no Torneio da Juventude Salesiana, a disputar em fins de Março, no Estoril, a Selecção de Hóquei em Patins de S. Miguel está disposta a aceitar o convite formulado pelo presidente daquele clube continental.

Entretanto, o convite só será aceite se a Força Aérea Portuguesa garantir o transporte dos hoquistas açorianos para o continente, contribuindo assim para a evolução da modalidade através dos contactos que proporcionará.

FONSECA, O AZAR EM SEGUNDA EDIÇÃO — Ressentiu-se, ontem, da lesão que o afastou dos terrenos do futebol nos últimos domingos e teve de voltar ao Hospital da Póvoa de Varzim. Aconteceu quando começava os treinos, «tratamento» que não suportou, e vê-se assim novamente fora dos relvados do País por mais duas semanas, pelo menos. Radiografafo naquele estabelecimento hospitalar confirmou, em seu detrimento, do Varzim e de outros, as dores e a sua insuficiente condição física-terápica. Recomendação: mais gesso nos ossos do braço.

Brasil: "canarinho" em análise

A selecção brasileira de futebol é uma das favoritas para o mundial de 1978, a disputar na Argentina, mas o técnico Osvaldo Brandão ainda tem dúvidas sobre a constituição da equipa.

Os brasileiros concentraram-se em Embu, a 30 quilómetros de São Paulo, tendo celebrado há quatro dias o seu primeiro treino no colectivo com um saldo que deixou os críticos insatisfeitos pela falta de mobilidade e coordenação dos jogadores.

No próximo domingo os brasileiros defrontam a selecção da Bulgária em São Paulo, o que constitui o seu primeiro desafio de preparação.

Todavia, para esse encontro com os búlgaros no estádio de Morumbi, Osvaldo Brandão considera que ainda não conseguiu formar a equipa ideal, visto continuarem latentes os erros verificados na digressão de 1976 por vários países da América.

Os especialistas consideram que os jogadores estão exagerando nos passes, carecem de sentido de profundidade, praticam um jogo lento e cometem demasiadas imprecisões nas entregas da bola.

Embora Rivelino e Zico pareçam seguros no meio campo, Brandão deve ainda escolher «o terceiro homem», entre Falcão, Toninho Crezo e Givanildo. Brandão considera que «sem um Líder, tudo se torna difícil».

Para o encontro com a Bulgária só sete jogadores estão certos na linha que apresentará o Brasil: o guarda redes leão, o defesa Amaral, Rivelino e Zico no meio campo, e Gil, Roberto e Lula na avançada.

Zé Maria, que jogou nas reservas há alguns dias, completaria o plantel com Marinho, Givanildo e Beto Fuscado, segundo os especialistas.

Para os entendidos, o desafio será uma prova ardua para a selecção brasileira que poderá apaziguar as críticas mostrando assim um horizonte agradável, mas que, pelo contrário, pode também aumentar o pessimismo.

Ninguém dúvida que o Brasil se classificará em primeiro lugar nas eliminatórias, frente à Colômbia e ao Paraguai, nas provas que começam em 20 de Fevereiro, o mesmo acontecendo na fase seguinte, no torneio triangular a disputar pelos vencedores das séries sul-americanas.

A inverteza centra-se no que o Brasil será capaz de fazer na Argentina, os brasileiros conqistaram a taça Jules Rimet ao ganhar o Campeonato Mundial de 1970 no México, depois de terem vencido o de 1958 na Suécia, e o de 1962 no Chile.

No entanto, a sua primeira aparição no Campenato Mundial de 1974, na República Federal da Alemanha, deixou muito a desejar, classificando-se em quarto lugar no jogo disputado com a Polónia para os terceiro e quatro lugares.

A selecção brasileira de futebol, que ontem realizou o quinto treino sob a direcção do técnico Osvaldo Brandão, continua a sua preparação para as eliminatórias do Mundial de 1978, a realizar na Argentina.

O Brasil, que juntamente com a Colômbia e Paraguai integra o grupo um das eliminatórias prévias sul-americanas, jogará o primeiro encontro oficial no próximo dia 20 de Fevereiro em Bogotá, frente à selecção da Colômbia.

Na sessão de ontem, Brandão exigiu aos jogadores maior velocidade e desmarcação constante, estando especialmente preocupado com a linha média, que considera excessivamente lenta.

Os meios desportivos locais prevêem que Brandão introduzirá alterações no meio campo, visto considerá-lo o centro nervoso da equipa, e os actuais titulares — Givanildo, Rivelino e Zico — não respondem ao que o treinador pretende.

Givanildo joga mais junto dos defesas, enquanto Rivelino e Zico, considerados os dois melhores centro-campistas do país, procuram actuar à frente como atacantes.

No próximo domingo, o conjunto brasileiro realizará em São Paulo um jogo-treino com a selecção bulgara.

SOMOS A SOLUÇÃO A NÍVEL NACIONAL DOS QUE

ESTÃO DESEMPREGADOS
NÃO TÊM PROFISSÃO
SÃO DESLOCADOS DAS EX-COLÓNIAS
NÃO ESTUDAM POR NÃO TEREM AULAS
PRECISAM VALORIZAR-SE, ACTUALIZANDO-SE

BOA COLOCAÇÃO
COM BOM VENCIMENTO

Obterá se frequentar os cursos que se iniciam HOJE, de:

★ PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES
★ PERFURAÇÃO e VERIFICAÇÃO IBM (Sistema individual)
★ DESENHOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL
★ MEDIDOR ORÇAMENTISTA CONST. CIVIL
★ DECORAÇÃO DE INTERIORES ★ DESIGN
★ CONTABILIDADE
★ CONTABILIDADE INDUSTRIAL E GESTÃO ORÇAMENTAL
★ GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
★ RELAÇÕES PÚBLICAS ★ PUBLICIDADE
★ MARKETING ★ TÉCNICA DE VENDAS
★ SECRETARIADO ★ HOSPEDEIRAS ★ «HÔTESSE D'ACCUEIL»

O ÚNICO INSTITUTO QUE ASSEGURA ESTÁGIO

Proporcionamos-lhe ainda:
★ BOLSAS DE ESTUDO EM INGLATERRA, FRANÇA E ESPANHA
★ RECONHECIMENTO OFICIAL DOS CURSOS EM PORTUGAL E EM DIVERSOS PAÍSES ESTRANGEIROS

O único Instituto reconhecido e patrocinado pelo CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO

NOTA: Foi criado um Serviço de Apoio no Emprego aos alunos que terminem os Cursos com aproveitamento e dele necessitem.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 81-3.º
Telefs. 325577 - 371032

Além de Lisboa

A TÍTULO EXCEPCIONAL com início em JANEIRO

Cursos em:

VISEU
Lg. Gen. Humberto Delgado, 1-1.º Esq.º

PORTO
HOTEL D. HENRIQUE
R. Guedes Azevedo, 179

COIMBRA
Hotel Bragança (junto à Estação Nova)

AVEIRO
Hotel Arcada
R. Viana do Castelo, 4

APROVEITE AS ÚLTIMAS VAGAS

INSCREVA-SE JÁ

LISBOA — PORTIMÃO — LISBOA

Excursões diárias em serviço expresso, em autocarros de turismo, organizadas pela Agência de Viagens e Turismo Belos

HORÁRIOS

expresso 1			expresso 2		
Lisboa (Av. 5 Outubro, 75C)	partida	8,00	Portimão	partida	15,00
Setúbal	.....	8,50	Lagos	.....	15,25
Santiago Cacém	passagem	10,40	Odemira	passagem	16,40
Cercal	cerca das:	11,20	Cercal	cerca das:	17,10
Odemira	.....	11,50	Santiago Cacém	.....	17,45
Lagos	.....	13,05	Setúbal	.....	19,40
Portimão	chegada	13,30	Lisboa (Av. 5 Outubro, 75C)	chegada	20,30

Peça informações sobre preços e demais esclarecimentos nas estações do COP 09 da RODOVIÁRIA NACIONAL, em Lisboa, Setúbal, Santiago do Cacém, Cercal, Odemira, Lagos e na COP 10, em Portimão

para escolher o melhor televisor é preciso saber ver

NACIONAL RÁDIO aconselha

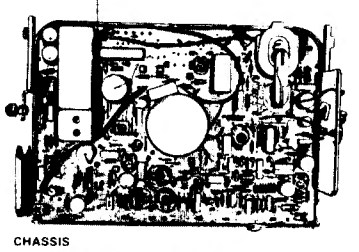
GRUNDIG

LIGAÇÃO A BATERIA DE AUTOMÓVEL
Mediante um cabo de ligação extra, o televisor pode funcionar com bateria de automóvel de 12 Volts.
Consumo reduzidíssimo: só 10 Watts (1,6 ampères).
Ligar na tomada do isqueiro.

Exclusiv 1452 (35 cm)

CHASSIS REBATÍVEL
Esta imagem representa a evoluída tecnologia GRUNDIG, resultante da experiência acumulada ao longo de anos de fabricação de milhões de televisores.
Se V. for um técnico preferi-lo-á.

SELECTOR DE PROGRAMAS SUPERELECTRÓNICO
Construído com circuitos integrados, funciona ao simples toque do dedo. Como é totalmente electrónico não tem avarias por desgaste, características dos sistemas mecânicos. Indicador de programas iluminado e de grande formato. Apto para seleccionar 7 programas diferentes em VHF ou UHF.



CHASSIS
Construído com componentes electrónicos de tecnologia mais avançada
Totalmente equipado com os mais modernos semi-condutores — não só transistores, diodos e rectificadores — mas também elevado número de circuitos integrados.
Funcionamento estável e seguro ao longo dos anos.
Consumo muito reduzido: apenas 35 Watts.

A imagem da Europa

GRUNDIG
PRODUZ TELEVISORES DE 31 A 61 CENTÍMETROS, A PRETO E BRANCO E DE 37 A 66 CENTÍMETROS A COR

DISTRIBUIDOR NO SUL E ILHAS
NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L. Rua Bento de Jesus Caraça, 17 Telef. 211 28 71
Cruz Quebrada LISBOA - 3

DISTRIBUIDOR NO NORTE
SOC. REP. SANTOS GUIMARAES & OLIVEIRA, S.A.R.L.
PORTO

Geral

"Metro" de Lisboa vai aumentar

O «Metro» passará a ser mais extenso após as obras de prolongamento que o levarão da Rotunda a Alcântara, e que começarão ainda este ano, conforme revelou o dr. Solla Moniz em entrevista concedida a um nosso colega da tarde.

O traçado suplementar, já há muito encarado e diversas vezes adiado por razões aparentemente financeiras, terá estações no Largo do Rato, Estrela, Infante Santo, e uma outra que lhe permitirá fazer a ligação com a linha ferroviária de Cascais, na área da Junqueira.

Segundo foi revelado por aquele responsável das relações públicas do «Metro», aquele passará de futuro e, sempre que tal se torne possível, a circular à superfície «em virtude da disparidade de custos de construção», conforme declarou Sola Moniz, que se cifra em 300 mil contos, por quilómetro debaixo de terra e 25 mil à superfície.

As novas linhas previstas para o período de construções e melhoramentos que vai até 1982 incluem ainda as ligações Sete Rios-Avenida do Uruguai e, mais tarde, até Amadora, bem como a «união» Entrecampos-Alvalade.

Para fazer face às actuais necessidades e poder responder ao aumento de passageiros em parte, ao que parece, determinado pelo aumento do preço da gasolina, a administração do Metropolitano encomendou já à «Sorefame» 40 novas carruagens.

Entreposto frigorífico no Cadaval

Foi superiormente autorizada a concessão de um empréstimo de 37.550 contos, através do Fundo de Melhoramentos Agrícolas, à Cooperativa dos Fruticultores do Cadaval, para construção de um entreposto frigorífico.

Será também adquirido, por aquela cooperativa, equipamento tecnológico e material de condicionamento.

DEPÓSITO PARA VINHO

Outro empréstimo, através do mesmo Fundo, e no montante de 31.500 contos, será concedido à Federação dos Vinicultores da Região do Douro, para aquisição de um conjunto de depósitos e módulos de betão armado para armazenamento de vinho.

Telefones interrompidos

As comunicações telefónicas e por «Telex» entre Lisboa e o Porto voltaram, ontem, a estar interrompidas durante seis horas devido a uma avaria entre a Malaposta e a Mealhada provocada por uma escavadora que cortou, inadvertidamente, o cabo de ligação. A avaria, que prejudicou centenas, senão milhares de pessoas teve lugar por volta das 17 horas e só foi reparada às 23.30.

COMPANHIA DE SEGUROS ULTRAMARINA

O Relatório e Contas da Companhia de Seguros Ultramarina, publicado no nosso jornal do dia 21 do corrente mês, saiu com algumas gralhas que, muito em breve serão corrigidas, pois o referido relatório vai ser novamente publicado.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o Céu estava encoberto o vento era moderado de Sudoeste com rajadas fortes em alguns locais e chovia em quase todo o território.

TEMPERATURAS EXTREMAS

FARO

Máxima ..... 18°

ENHAS DA SAÚDE

Mínima ..... 01°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu encoberto; vento de Sudoeste moderado com rajadas fortes; períodos de chuva ou chuvisco; nevoeiros locais; nublina gradual das condições do tempo a partir da tarde de amanhã.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	14°
COIMBRA	14°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	14°
FARO	1°
FUNCHAL	15°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.46	3,8 m		
19.10	3,5 m	12.25	1,4 m
DIA 26			
7.28	3,5 m	0.41	1,6 m
19.57	3,3 m	13.10	1,6 m
DIA 27			
8.20	3,3m m	1.34	1,8 m
20.57	3,2 m	14.07	1,8 m

AMANHÃ

NASCER AS 7.48
OCASO AS 17.51

DIA 27 DIA 4 DIA 11 DIA 18

Duas novas fábricas na C.U.F.

A instalação de uma nova fábrica de ácido sulfúrico e de uma unidade para peletização de cinzas de pirite, no complexo industrial da C. U. F., no Barreiro, representa um investimento de um milhão e 860 mil contos. O arranque, segundo um elemento das relações públicas da Companhia União Fabril, está previsto para o próximo ano e para 1979.

A implantação da unidade «Kowa1Seiko» (peletização) orça, pelos 1 460 000 contos, permitindo a criação de duzentos novos postos de trabalho. Espera-se que a nova unidade de peletização de cinzas de pirite, em sistema japonês, contribua para que a balança comercial portuguesa seja anualmente favorecida com a entrada de divisas na ordem dos 586 mil contos. Cerca de 65 por cento daquela soma serão usados em equipamento ou serviços a fornecer pelo mercado nacional, e os restantes 35 por cento serão fornecidos com equipamentos e serviços a adquirir directamente no mercado internacional.

A nova unidade fabril terá uma capacidade de produção de 342 mil toneladas por ano de «pellets» de minério de ferro, a partir de cinzas de pirite, permitindo ao mesmo tempo recuperar, todos os anos, enormes quantidades de metais não ferrosos, designadamente zinco, chumbo, cobre, prata e ouro. O projecto foi concebido e desenvolvido pela C. U. F. com a participação da «Profabril» e de uma firma japonesa, que também fornecerá a tecnologia referente a áreas processuais ou tecnológicas cobertas por patentes. À C. U. F. cabe, no entanto, a responsabilidade pela escolha dos equipamentos e pela execução e coordenação da montagem da nova unidade.

A nova fábrica de ácido sulfúrico, designada, por abreviação, como «Contacto 7», por ser a sétima que a C. U. F. constrói pelo processo de contacto, será montada em três fases, devendo as obras iniciarem-se em Fevereiro ou Março do próximo ano.

PUB

SINDICATO OPERÁRIO DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS DO NORTE

MOÇÃO

Os operários químicos reunidos em plenário no dia 22/1/77, sentindo bem na carne a situação dos milhares de desempregados, o brutal aumento do custo de vida, o congelamento da contratação e a arrogância d patronato, manifestaram o seu total acordo ao caderno reivindicativo imediato dos trabalhadores portugueses apresentado pela Comissão Nacional Organizadora do Congresso, pois propõe medidas eficazes para resolver os problemas mais urgentes dos trabalhadores.

VIVA A UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES
VIVA O CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

A DIRECÇÃO

MOÇÃO

1. Considerando que o Governo, conciliando com o patronato reaccionário da Cotesi, onde foram suspensos 208 trabalhadores;

2. Considerando que esta medida em seguimento da cisão que se pretende fazer na unidade de todos os trabalhadores;

3. Considerando que a luta dos trabalhadores químicos da Cotesi, visa obrigar o patronato a cumprir o C. C. T., nas cláusulas que não afectem a viabilidade económica da empresa;

Os trabalhadores químicos reunidos em plenário, no dia 22/1/77, decidem:

a) Repudiar a medida antioperária e fascizante tomada pelo Ministério do Trabalho;
b) Apoiar a justa luta dos trabalhadores da Cotesi;
c) Alertar todos os trabalhadores para que se solidarizem com os trabalhadores agora suspensos;
d) Apelar a todas as estruturas sindicais para uma jornada de luta de apoio a estes trabalhadores.

A DIRECÇÃO

MOÇÃO

Considerando a actuação negativa do Ministério do Trabalho nas várias reuniões efectuadas para resolver o problema da Cotesi, os trabalhadores químicos reunidos em plenário no dia 22/1/77, decidem dar um voto de desconfiança ao delegado do Ministério do Trabalho no Porto.

A DIRECÇÃO

Palavras cruzadas

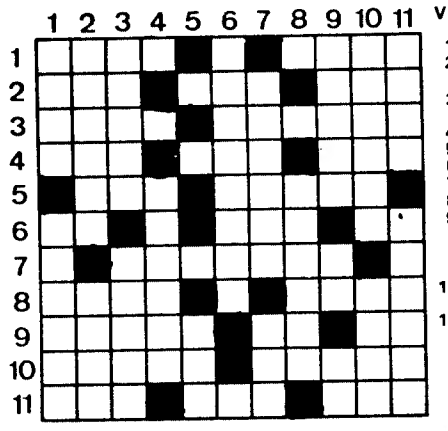
COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11658

HORIZONTAIS:

1 Pronome relativo. Estimas.
2 Larva das feridas dos animais. Íntimo. Espádua.
3 Engano. Realizai.
4 Medida de líquidos da Holanda (inv). Naquele lugar. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
5 Coragem. Seres.
6 Cálcio (s.q.). Recusa. Campeão.
7 Revolta.
8 Que não tem cauda. Vaso grande de pedra ou de outra substância para se tomar banho.
9 Exclusiva. Cálcio (s.q.). Preposição.
10 Detrás. Planta vivaz e medicinal.
11 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Apelidos. Isolados.

VERTICAIS:

1 Aquele que. Fortuito.
2 Rainha de Castela e Leão, filha de Afonso VI. Besunta.
3 Irmão de Moisés. Planta medicinal.
4 Rejuvenesce.
5 Pega.
6 Amolece.
7 Alvitrai. Tomba.
8 Malucas.
9 Alfabeto telegráfico que representa as letras por pontos e traços. Nesse lugar. Carta de jogar.
10 Mistura. Imperador romano, célebre pela sua crueldade.
11 Tempo do verbo ser. Transpiremos.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

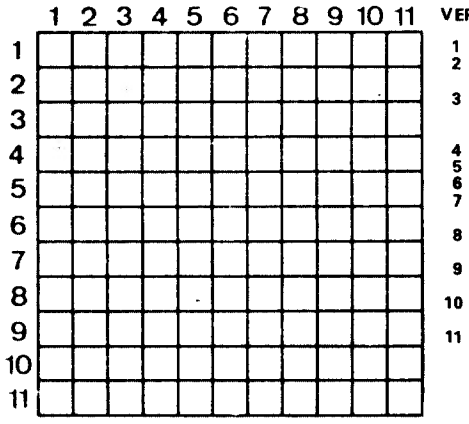
NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7718

HORIZONTAIS:

1 Aborrecera-se.
2 Cidade do Egipto. Gorgulhos tropicais.
3 Apelido. Em a.
4 O mesmo que macaco (pop). O mesmo que rabino.
5 Roupa de camponês (Bras Ant). Prendam.
6 Em partes iguais. Arara. O mais.
7 Preposiçao latina que designa movimento. Estimara. Amónio (s.q.).
8 Falha. Cidade de Itália.
9 Prefixo que designa ar. Arara.
10 Introduzi. Ave de rapina.
11 Praia. Ecoara.

VERTICAIS:

1 Ateada. Cria fama a.
2 Batráquio. Encolerizada. Érbio (s.q.).
3 Em Angola o mesmo que cânhamo. Cegonha na Índia.
4 Vagueai. Inflama.
5 Poial. Estimar.
6 Época.
7 Romance de Emílio Zola. Classe de tropa.
8 Fizera doação de. Irmão de Moisés.
9 Érbio (s.q.). Fruto da ateira. Bolsa.
10 Letra grega. Lindas. Sufixo que designa estado.
11 Deste modo. Toucinho fresco.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11657

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Safas. Criva.	1 Sanais. VIVE.
2 Arena. Airas.	2 Ar. QUEM. Mós.
3 Mui. Oca.	3 Femur. Mapas.
4 Aqui. Orça.	4 Anui. Virara.
5 Rui. NFM. Aam.	5 Sai. Na. Ás.
6 Se. Varar. SÓ.	6 Será. É.
7 MMI. Elo.	7 Cão. Má. Aa.
8 Ara. Asa.	8 RICO. Restar.
9 Impas. Atino.	9 Irara. Laivo.
10 Voar. Aves.	10 Va. Caso. Nem.
11 Essas. Aroma.	11 As. Amo. Rosa

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7717

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Barró. Brota.	1 Ba. Sia. Pise.
2 Aviar. Rer.	2 Ave. Aca. Nus.
3 Égua. Aatá.	3 Riga. Ola. At.
4 Adrasto.	4 Raudal. Cara.
5 Ia. Aí. Ia. Dr.	5 Oraria. Amas.
6 Acolá. Líbia.	6 Asa.
7 Aí. Ia.	7 Brasil. Aral.
8 Acasala.	8 Reatai. Lara.
9 In. Amara. Cl.	9 Orto. Biá. Ma.
10 Suara. Armas.	10 Dia. Cás.
11 Estas. Lasso.	11 Az. Ara. Liso.

Provérbio: NEM SÓ VIVE QUEM É RICO

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 72

Até às 22 horas

AGUIAR — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A. Tels. 764629/768343.
ALAMEDA — Alameda Linhas de Torres, 201-B. Tel. 790942.
ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74. Tel. 866360.
BRANCO — Av. Duque de Loulé, 61-65. Tel. 45048.
CHINDE — R. Agostinho Lourenço, 6-B. Tel. 890331.
DALVA — Av. Duque de Ávila, 125. Tel. 45225.
DÉLIO — Rua Açores, 32. Tel. 572388.
EUROPA — Aven. General Roçadas, 27-A-B. Tel. 843880.
EUSIL — Rua Barão de Saborosa, 104. Tel. 841912.
FERRÃO — Rua da Mouraria, 12. Tel. 860464.
FINDOR — Rua D. Maria Pia, 514. Tel. 687949.
GUERRA — Rua Andrade, 32-36. Tel. 845513.
GALENO — Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A. Tel. 774920.
HIGILUX — Rua de Pedrouços, 50-52. Tel. 610280.
JANEIRO — Av. da Liberdade, 219. Tel. 43641.
LIBERAL — Av. da Liberdade
LÍBIA — Av. da Igreja, 4-B-C. Tel. 891681.
LUPI NOGUEIRA — Rua da Creche, 4-10. Tel. 611635.
MADRE DE DEUS — Rua Margem, 15-B. Tel. 382470.
MARQUES — Estrada de Benfica, 648. Tel. 700096.
REBOCHO — R. Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B. Tel. 743871.
RODRIGUES E AIRES — Rua da Lapa, 52-54. Tel. 662246.
SAGRES — Av. Luís Bivar, 69-71. Tel. 547213.
SALUTAR — Rua B. 75-A-B (Bairro da Liberdade). Tel. 683694.
URBANO DE FREITAS — R. Silva Carvalho, 1-9. Tel. 662838.
VÉRITAS — Rua da Misericórdia, 135. Tel. 327564-327563.
ZEMA — Rua General Justiniano Padrel, 21. Tel. 832580.
ZIRA — Praça Casas Novas, lote 66. Tel. 311216-310172.

PERMANENTE

DALVA — Av. Duque de Ávila, 125. Tel. 45225.
FINDOR — R. D. Maria Pia, 514. Tel. 687949.
GUERRA — Rua Andrade, 32-36. Tel. 845513.
HIGILUX — Rua Pedrouços, 50-52. Tel. 610280.
MARQUES — Estr. de Benfica, 648. Tel. 700096.
VERITAS — Rua da Misericórdia, 135. Tel. 327564-327563.
JANEIRO — Av. Álvares Cabral, 100. Tel. 661453.
LÍBIA — Av. da Igreja, 4-B-C. Tel. 891681.
MADRE DEUS — Rua Margem, 15-B. Tel. 382470.
ZIRA — P.ª Casas Novas, lote 66. Tel. 311216-310172.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 2112081)
ALCABIDECHE
Carvalho, Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas
PAREDE
Junqueiro, Mendes Até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 2622313/267314) Até ás 22 horas
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) até às 21 horas.
CASCAIS
Nova, Est. de Alvide - Fontainhas (Tel. 281044), até às 24 e das 0 às 9 horas.
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Oliveira, 1-A (Tel. 2420839) até às 24 e das 0 às 9 horas)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Itandar, 3 (Tel. 260008), até às 24 e das 0 às 9 horas.
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Av. Augusto de Castro, 10 (Tel. 2430691) Até às 22 horas.
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204) até às 24 e das 0 às 9 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (tel. 930019) Até às 22 horas
Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485) Até às 22 horas
DAMAIA
Damia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (tel. 970523)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 15 (Tel. 972530) Até ás 22 horas
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Estrada Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (Tel. 2930832)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Cronel Ramos de Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)
ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º Piso E (Tel. 2768030)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel 2040141)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2073023)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760)
Brasil, P. do Brasil (Tel. 24788)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

BATALHA — Praça da Batalha, 26. Tel. 29524; **CAMPO** — Praça da República, 118. Tel. 25116; **INVICTA** — Rua do Bonfim, 330. Tel. 51212; **MIRA PAULO** — Rua Castelo de Numão, 37. Tel. 64658; **BARROS** — Rua do Bonjardim, 1292. Tel. 487032; **FÁTIMA** — Rua Oliveira Monteiro, 475. Tel. 65406; **GARANTIA** — R. Fernandes Tomás, 696. Tel. 24645; **DINIZ** — Rua Matias Albuquerque, 247.

(De dia e toda a noite)

SÁ — Rua Vale Formoso, 181. Tel. 480427; **SARABANDO** — Largo dos Lóios, 36. Tel. 21701; **COSTA CABRAL** — Rua Costa Cabral, 1832. Tel. 480780; **FONTE DA MOURA** — Rua de Tânger, 1463. Tel. 681444

COIMBRA

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges, 32. Tel. 24348

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

S. LUÍS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Sala 1
21.45 (18 anos)
«Do Teatro ao Cais do Sodré»
Sala 2
21.45 (18 anos)
«O Treino do Campeão antes da Corrida»

A. B. C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Cada Cor seu Paladar»

MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Uma Estranha Forma de Amar

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»

TRINDADE
21.30 (13 anos)
«A Barraca»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«Pompeia, uma Prostituta ao Serviço do Império»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«O Meu Caro Assassino»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Machíssimo»

RESTELO
21.15 (6 anos)
«O Soldado Aventureiro»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Caras ou Cruzes»

EUROPA
21.15 (13 anos)
«O Ministro e Eu»

MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Medo Sobre a Cidade»

VOX
21.15 (18 anos)
«Até os Bichinhos Gostam»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Confidências de um Lavador de Janelas»

PARIS
21.15 (13 anos)
«O Comboio do Inferno»

CALEIDOSCÓPIO
21.15 (18 anos)
«Jogos Perigosos»

CINE AUDITÓRIO
21.15 (18 anos)
«Um Toque de Classe»

SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«What»?

ROCIO
Sessões permanentes (18 anos)
«A Arena»

LUMIAR
21.15 (13 anos)
«Filhas, Filhas...só Filhas»

SALÃO IDEAL
21.00 (13 anos)
«A Linda Pamela»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«O Monstro do Pântano»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«O Duelo das águias»
AMADORA
Cinestúdio
2130 (13 anos)
«Os malucos de Hong-Kog»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«O Padrinho do Harlém»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Fogo no sangue»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«A Grande Jogada»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«O Último beijo»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
«Amor em tons eróticos»

LINHA DE CASCAIS

PÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«As Mil e uma noites»

ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«Justine e Juliette»

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (Para todos)
«O Soldado Aventureiro»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«Rivais Temerários»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO 400
21.15 (18 anos)
«O Esquadrão da Morte»

JULIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
«A Rapariga da Orquidea»

ESTUDIO
21.15 (18 anos)
«Quem tem Medo de Virgínia Wolf?»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Medo Sobre a Cidade»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Monstro»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«A Esposa Virgem»

ESTUDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«A História de Fernão Capelo Gaivota»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Afeição»

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«O Que nós Queremos é Dinheiro»

OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«O Homem que Matou Billy Kid

TRINDADE
21.30 (13 anos)
«Ela Tinha o Direito de Viver»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Mandigo»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«O Raid Relâmpago dos Comandos»

SALÃO BEBE
21.15 (13 anos)
«A Flauta Mágica»

cinemas

ALVALADE

Tel. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.15

Jugoslávia 1940 crianças e soldados num remoinho de acção e aventura

JOVENS AVENTUREIROS

Um filme de Obrad Gluscevic

Para todos

APOLO 70

Tel. 763319 — 14, 16.30, 19 e 21.15

Ficção científica ou o epitáfio de humanidade
À BEIRA DO FIM
de Richard Fleischer
3.ª Semana
Não acons. a menores de 18 anos

Hoje às 24 horas
Grupo D (18 anos)

A ÚLTIMA FUGA

AVIS

Tel. 47163 — 14.30, 16.45 e 17.00

HEIDE NAS MONTANHAS
Para todos
Às 21.15
ASSALTANTES DO AR
Não acons. men. 18 anos

BERNA

Tel. 776098 — 14, 16.30, 19 e 21.15

O mais audacioso salvamento deste século

VITÓRIA EM ENTEBBE

3.ª semana

Com Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas

Não acons. a menores de 13 anos

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 — Estreia às 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

Eva Mattes, Harry Harry Baer, Ruth Brexel em

JOGOS PERIGOSOS

um filme de Rainer w. Fassbinder

CASINO ESTORIL

Tel. 264521/264996 — 17.00 e 21.15

Int. a men. de 18 anos

JUSTINE E JULIETE

CASTIL

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.15

Int. a menores de 18 anos

A MINHA MULHER AGRADA-TE ADORO A TUA

3.ª Semana

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CONDES

Tel. 322123 — 14, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A missão impossível

O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS

C/Charles Bronson

ÉDEN

Tel. 320768

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

George Peppard, Roger Robinson, Pat Anderson

A CILADA

Um filme de Richard Heffron

Não acons. a menores de 18 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 — 15.00, 17.00, 19.00, 21.15

Não acons. men. 18 anos
MADRE JOANA DOS ANJOS
2.ª Semana
um filme do maior realizador polaco Jerry Kawalerowicz

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15

SONHOS HÚMIDOS
2.ª Semana
Este filme contem cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO

Tel. 56 0134 — 15.15, 18.30 e 21.15

Delon-Trintignant

FLIE STORY

2.ª Semana

um filme de Jacques Deray

Um duelo implacável

Não acons. m/ 18 anos

LONDRES

Tel. 867[illegible] — 14.00, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

OH! MEUS AMIGOS

Pietro Fermi

4.ª semana

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a men. 13 anos

UMA FORTUNA POR ÁGUA ABAIXO

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197. Rosy Striptease**
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/264621/264945**

NIMAS

Tel. 574313-574313

14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

Meio ano de lotações esgotadas

O Chile de Allende e Pinochet

ODEON

Tel. 32[illegible]83 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. m/ 18 anos

LIÇÕES PRIVADAS

c/ Carol Baker

PATHÉ

Tel. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Int. a men. de 18 anos

A INICIAÇÃO DE FLOSSIE

Este filme pode ser considerado pornográfico

3.ª Semana

POLITEAMA

Tel. 323805 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Int. a menores de 18 anos

O FUGITIVO DA ILHA DO DIABO

com Jim Brawn, Christapher Jorge

RESTELO

Tel. 610376 — 21.15

Para todos

O SOLDADO AVENTUREIRO

Com Bud Spencer

ROMA

Tel. 727[illegible] — Estreia às 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O TRITURADOR

Acção explosiva com Charles **Bronson**

ROXY

Tel. 48560 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15

O mais audacioso salvamento deste século

VITÓRIA EM ENTEBBE

C/Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas

3.ª Semana

Não acons. a menores de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153/4 — 15.15, 18.15, 21.15

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
Não acons. a M./ 18 anos
6.º Semana
5 Óscares o Melhor Filme do Ano!

TIVOLI

Tel. 570595 — 15.15, 18.15 e 21.15

Robert Redford/ dUstin Hoffman em

OS HOMENS DO PRESIDENTE

2.ª Semana

um filme de Alan J. Pakula

Não acons. a men. de 13 anos

UNIVERSAL

Tel. 7744[illegible] — 15, 19, 21

Às 15 e 21 h **VIVA PORTUGAL**
Um filme de Christiane Gerhards, Malte Rauch e Samuel Schirmbeck

Às 19 h **OS MÁRTIRES DO AMOR**
Um filme de Jan Nemec (Grupo C)

Às 17 e 23 h **O ANO 01** um filme de Jacques Doillon, Alain Resnais e Jean Rouch (N. ac. m/13)

O TOM V DANÇA

Tel. 971794 — Às 21.15

Não acons. a men. 13 anos

HÁ LADO NO CAIS

rádio

1.º Programa

16.00: Noticiário — Musivária (ERC). **17.00**: 2.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S. Luiz e organizado pela Radiodifusão Portuguesa. **17.45**: Orquestras. **18.00**: Música portuguesa. **18.30**: A Casa e a Vida. **19.00**: Poemas e poetas — música variada; **20.00**: «Jornal da Noite». **20.30**: Melodias. **21.00**: 2.º episódio do folhetim «Jane Eyre», de Charlotte Brontë, numa adaptação de Alice Ogando. **21.21**: Contraponto. **00.00**: «Último Jornal». **00.15**: «Jazz». **00.30**: Vozes na noite. **01.00**: «Música na Noite» (ERC).

2.º Programa

16.00: Os grandes intérpretes (em discos históricos) — Tocata e Fuga em Dó Maior; adágio, de Bach e «Carnaval», op. 9, de Schumann. **16.35**: Música de câmara — Quarteto n.º 44, em Si Bemol Maior, Hob. III (op. 50 n.º 1), de Haydn. **17.00**: Quinzena musical checa — obra de Frantisek Benda. **17.45**: Música de cravo — Suite n.º 23 de François Couperin **18.00**: Música sinfónica — concerto em Ré Menor, op. 22, de Wieniawski — Sinfonia n.º 3, em Lá menor, op. 56 «Escocesa», de Mendelssohn. **19.00**: Música portuguesa em foco. **20.00**: Obras de mestres do barroco — suite em Ré Maior «Le Tintamarre», de Telemann — «Le Parnasse», de François Couperin — concerto grosso op. n.º 1, em Ré Maior, de Corelli — concerto grosso op. 6 n.º 3, em Dó Menor, de Corelli. **21.00**: Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto. **22.00**: Um quarteto de Beethoven. **22.30**: «O Gosto pela Música», pelo dr. João de Freitas Branco. **23.00**: Música sinfónica: Sinfonia em Sol Maior, op. 88, de Dvorák. **23.55**: Sonata em Dó Menor, op. póst., de Schubert. **00.25**: Noite Transfigurada op. 4, de Schönberg. **01.00**: Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional-(290m)

16.00: «Variante» (continuação). **16.10**: Casos ao acaso. **16.20**: Disco...rendo. **17.10**: Prevenção e saúde, pelo dr. Cruz Cardoso (repetição). **18.00**: «Contacto». **18.30**: Actualidade. **18.45**: Fórmula 1. **20.15**: Antologia. **20.30**: Pesquisa. **21.00**: Música. so música. **21.30**: «Quando o Telefone Toca». **23.03**: «Nocturno». **23.06**: Novas de alegria. **24.00**: «Nocturno» (continuação). **00.15**: «Dia a dia com o passado». **00.30**: «Imprevisto». **02.00**: Fecho.

3.º Programa-Local (187,5m)

18.00: «Entardecer». **18.15**: Sal e pimenta (repetição). **19.30**: Romance de uma cidade (repetição). **20.15**: Música e poesia. **21.00**: Fecho.

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

"GUERRA DA GASOLINA" NAS ILHAS

AÇORES TEIMAM MADEIRA CEDEU

. O preço da gasolina subiu hoje no arquipélago da Madeira, cinco dias depois de no Continente ter entrado em vigor uma das últimas decisões do Conselho de Ministros em Lisboa.

Todavia, nos Açores, o respectivo Governo Regional ainda resiste. As notícias que chagam do arquipélago dão conta de que o gabinete de Mota Amaral teve ontem um dia normal de trabalho e não fazem sequer alusão ao aumento dos combustíveis. As últimas notícias a este respeito davam conta de que o Governo Regional somente faria entrar em vigor os novos preços depois de eles serem publicados no «Diário da República». Entretanto, parece ter voltado a normalidade às cidades açorianas onde no último fim-de-semana se registaram tumultos.

Entretanto em Lisboa o Secretariado Nacional do PS emitiu esta madrugada um comunicado acerca do rebentamento duma bomba no automóvel dum militante socialista na ilha de S. Miguel. «Esta não é a primeira vez que o P. S. ou os seus militantes são alvo de actos de natureza terrorista naquela região» — diz o texto.

O texto historia depois os acontecimentos recentes na ilha e denuncia o seu objectivo, «um objectivo perfeitamente definido» — diz: — «pôr em causa uma decisão do Governo Constitucional aplicável a todo o país». O PS acentua o facto de se terem dado «vivas» ao separatismo e gritado «fora os portugueses».

O secretariado do PS solidariza-se com a posição assumida pelas suas Federações nos Açores e com a acitvidade dos seus militantes, reafirmando-lhes «a sua total confiança na luta que vêm a travar pela implantação de uma real vivência democrática e bem assim pelo desenvolvimento da autonomia político-administrativa definida na Constituição».

Há ainda uma palavra para o general Galvão de Figueiredo, ministro da República nos Açores — a quem o PS «reitera o seu apoio» e de quem afirma «ser um defensor intransigente da legalidade democrática».

Violência em Espanha

Continuação da pág. 1

medo nos meios políticos de esquerda, nomeadamente de Madrid. Depois do atentado de ontem à noite, os principais dirigentes políticos e sindicais progressistas abandonaram as suas residências habituais, procurando locais mais seguros. Pouco depois da meia-noite, esta atitude mostraria a sua correcção. Os incidentes continuaram quando um grupo de extremistas de direita do bando dos «Guerrilheiros de Cristo-Rei» irromperam num local frequentado por intelectuais e artistas, declarando que tencionavam «dar uma lição». Somente a pronta intervenção da polícia afastou o perigo de uma possível nova chacina. Na área madrilena de Legazpi, atiradores desconhecidos dispararam tiros. O jornal «El País» noticia, entretanto, que a polícia prendeu numerosos extremistas de direita, entre os quais refugiados croatas residentes em Espanha e latino-americanos que pertenceriam à já famosa «Internacional do Terror», afectos a um argentino, Jorge Cesarky.

Os sindicatos convocaram uma greve para hoje e, no meio da manhã, 100 000 trabalhadores estavam parados em Madrid e Barcelona, como protesto pelo ataque aos advogados. À greve, aderiram os 500 trabalhadores da «Residência 1 de Outubro», onde estão internados alguns dos causídicos feridos, garantindo assistência apenas a estes e a outros casos de reconhecida urgência. Marcelino Camacho, dirigente das «Comisiones Obreras» diz: «Estamos nitidamente na presença de um plano da extrema direita para boicotar a evolução para a democracia e desestabilizar o país».

Por outro lado, por ordem do reitor, as três Universidades de Madrid foram encerradas em sinal de luto.

Quanto ao rapto do general Villaescusa, já foram identificados oficiklmente três membros do Partido Comunista Reconstruído de Espanha como fazendo parte do comando do GRAPO autor do sequestro. Um comunicado da Dirección-General de Seguridad publica estes nomes: Abelardo Collazo Araújo, igualmente responsável pelo rapto de Oriol y Urquijo, Ángel Guisando Covelo, representante do PCE (R) na Galiza, e Luís Torrijos Vantero, representante do PCE (R) para a propaganda na Andaluzia. O GRAPO reivindicou o sequestro do presidente do Conselho Supremo de Justiça Militar de Espanha numa mensagem dirigida ao jornal «El País», onde esclarece que esta foi uma resposta à morte do jovem Arturo Ruiz Garcia, assassinado por extremistas de direita no decorrer de uma manifestação pela amnistia. Sem mencionar Oriol, diz o comunicado: «depois de esperarmos longamente, decidimos levar a cabo esta nova acção». Todos os partidos se manifestaram contra o sequestro, vincando a sua intenção clara de desestabilizar a Espanha, além de atribuir ainda mais ao GRAPO identificações com a eztrema-direita, a única beneficiária da situação que está criada.

Pela primeira vez desde a Guerra Civil, Governo e oposição emitiram um comunicado conjunto, à meia-noite de ontem, apelando para a paz em todo o país, diante da onda de violência desencadeada.

Esta manhã os ministros estão reunidos e a situação pode fazer com que Suárez cancele uma viagem ao Egipto, Iraque e Síria, que estava programada para esta semana.

Mais "pides" em liberdade

Continuação da pág. 1

. O julgamento do agente da P. I. D. E. António dos Reis Barata, realizado no mesmo tribunal, foi pretexto para que o seu advogado insultasse os membros do Conselho da Revolução, considerados pelo dr. Estêvão Pinto como «novos democratas», possuídos de «espírito de vingança», autores de «perseguições odiosas». O mesmo advogado considerou que a lei 8/75 se destinava a permitir que «os ditos democratas possam continuar a obra de destruição deste moribundo País e revelaria a existência de um «cancro totalitário que corrói as nossas instituições».

Saldo final: o agente de 1.ª classe da P. I. D. E. foi condenado a 14 meses de pena já expiada, enquanto que um outro agente também ontem julgado, sofreu a pena de 12 meses... já expiada claro.

NO 5.º TRIBUNAL

O 5.º Tribunal foi ontem palco para mais diatribes do advogado Ponte Valentim, que foi defensor do «pide» Seixas e ontem era-o do agente de 2.ª Francisco António dos Santos Pata, que foi condenado à pena de 14 meses de prisão, já expiada.

Ponte Valentim, defendendo um agente com dois anos de «casa» à altura do 25 de Abril, tentou provar que o seu constituinte não sabia o que era a P. I. D. E. Mas tanto se exaltou na defesa do réu que acabou por se confessar como ex-elemento da União Nacional e ex-legionário! Retomando a prática que teve no 3.º Tribunal, no julgamento do Seixas, o advogado considerou a lei 8/75 como uma lei que «faz de homens bons, homens criminosos».

Teve de ser repreendido pelo presidente do Tribunal, que afirmou: «Tem de haver um mínimo de conexão entre as alegações produzidas e a causa em si, além de que este não é o local apropriado para essas considerações.»

Um julgamento que a semana passada tinha sido adiado, do «pide» José Clara Vargas, voltou a sê-lo. Desta vez comprovou-se a diligência da Comissão de Extinção da P. I. D. E. em não inculpar os «pides». Declarações de Joaquim Judas, da U. E. C., que acusavam o «pide» Vargas de o ter torturado, foram ignoradas por aquela Comissão no momento de apresentar o libelo acusatório. Uma carta de Joaquim Judas a lembrar ao Tribunal os factos ocorridos (que publicamos hoje na página seis), motivou o adiamento do julgamento.

Por fim, o chefe de brigada Vitor dos Santos Dias, de 62 anos foi condenado a trinta meses de cadeia por ter beneficiado de um perdão de 180 dias. Teria de recolher à prisão para cumprir os seis meses que lhe faltam, mas recorreu da sentença para o Supremo Tribunal Militar.

"Caso das carrinhas"

Um dos implicados tentou fugir da cadeia

PORTO, 25 — Uma nova tentativa de evasão de presos das prisões da subdirectoria do Porto da P.J. não chegou a ter êxito por um guarda prisional ter accionado o alarme ligado ao piquete. Assim, e no curto espaço de 20 dias, falharam duas tentativas de fuga de reclusos ali detidos, todos eles considerados indivíduos bastante perigosos. Entre eles contava-se um implicado no «caso das carrinhas incendiadas», Jorge Manuel Pais Estrela que jap da outra vez tentara sem êxito, como agora, fugir. Esta segunda tentativa teve lugar anteontem, cerca das 19 e 30, na altura em que o guarda Humberto Coelho, acompanhado de dois faxinas se dirigiu a uma camarata para levar dois deles, o já referido Jorge Estrela e Custódio Emanuel Teixeira. Agarram-no e depois deo manietarem tiraram-lhes as chaves de outras celas. Em seguida encerram-no na camarata donde já haviam saído os outros presos. Quando, depois, se dirigiam para o local onde se encontrava o outro guarda, Artur Ferreira, com a intenção de o dominar, aquele apercebendo-se de algo de anormal fez accionar o alarme gorando, assim, a nova tentativa de evasão.

Entretanto, e já depois de serenado o ambiente, os mesmos reclusos começaram a protestar contra as condições sanitárias das prisões, chegando mesmo a fazer distúrbios. Foi necessário que um guarda da P.S.P. que ali acorreu disparasse um tiro de pistola-metralhadora para os intimidar.

Recorde-se que ambas as tentativas de evasão foram feitas em fins-de-semana quando nas instalações da P.J. menos pessoal se encontra e que se sabe, há já algum tempo, de um plano do exterior para libertar os componentes de uma perigosa quadrilha ali detida, e entre os quais se conta o indivíduo implicado no «caso das carrinhas».

Smith recusa solução pacífica para Rodésia

O negociador britânico Ivor Richard qualificou de «trágica e funesta» a decisão tomada pelo primeiro-ministro rodesiano Ian Smith de rejeitar as novas propostas britânicas sobre o futuro da Rodésia. Numa conferência de Imprensa, Richard acrescentou que não vê agora nenhuma utilidade em reconvocar a conferência de Genebra. Culpou Smith pelo colapso das conversações e declarou-se «triste e apreensivo» sobre o futuro do país racialmente dividido. O diplomata preveniu contra os perigos de «intervenção estrangeira» no conflito com guerrilheiros nacionalistas negros e disse «ainda esperar que Smith não tenha fechado as portas à reabertura de negociações. Segundo informou o diplomata britânico, durante uma reunião de 50 minutos com Smith, este informou-o de que as propostas eram «inaceitáveis para a maioria dos rodesianos». E acentuou Ivor Richard: «Smith rejeitou as nossas propostas como base para futuras discussões. Assume, assim, uma pesada responsabilidade pelo que possa vir a acontecer: a luta prosseguirá, as sanções não serão levantadas e o povo deste país, brancos e negros, sofrerá mais.» Despedindo-se dos jornalistas, afirmou: «Sou um homem extremamente desapontado».

O aparente malogro das negociações de Ivor Richard sobre o futuro da Rodésia deve provocar, segundo se espera, novos apelos para que se intensifique a guerra de guerrilhas desencadeado por nacionalistas africanos para depor o Governo minoritário branco de Ian Smith.

«Sempre afirmamos que não podeis conseguir na mesa de conferência o que não ganhardes no campo da batalha» — observou hoje um elemento da União do Povo Africano do Zimbabwe (Z. A. P. U.), de Joshua Nkomo, na capital da Zâmbia.

Além da recusa de Ian Smith, o assassínio de Jason Moyo, vice-presidente do Conselho Nacional Africano do Zimbabwe, «azedou também os ânimos» dos nacionalistas.

Eleições para o Conselho Superior do M.P.

Foram marcadas para o próximo dia 18 de Fevereiro as eleições para o Conselho Superior do Ministério Público, segundo despacho do procurador-geral da República, Pinheiro Farinha, hoje publicado no «Diário da República».

Os membros desse Conselho Superior serão eleitos entre os adjuntos, ajudantes e delegados do Procurador da República.

tome nota

«ALARMISMO»

Após a publicação (no «D.L.» do passado dia 13) da notícia sobre a situação no «Comércio do Porto» gerou-se um «movimento identificado» para destituir dois dos três representantes da redacção daquele diário da manhã portuense, na Comissão de Trabalhadores. O próprio director, posto no pódio dos «mais» — 76, pelo semanário «Tempo» (com dois votos), disso mesmo deu conhecimento nas colunas do jornal, salientando que os dois visados eram do P. C. P.

Para o M.I. («movimento identificado») teriam sido eles os «informadores» do «D.L.», apesar dos factos relatados serem do conhecimento de grande parte da população do jornal. Daí que no documento — anátema, subscrito pela maioria do corpo redactorial, depois de se considerar «tendenciosa, alarmista, e especulativa» a informação dada pela C.T. sobre a situação do jornal, se acuse os dois visados de terem uma «actuação de cariz nitidamente sectário e desestabilizador». A destituição foi um facto e, entre os novos delegados, contam-se o chefe de redacção. Ninguém estranhou.

Em comunicado distribuído aos trabalhadores, os dois membros da redacção destituídos sublinham que os números sobre a situação do jornal fornecidos pelo Conselho de Administração ainda não foram desmentidos e que «a situação da empresa, como declarou um dos seus administradores, está num estado de falência, pois perde 1000 contos por mês sem contrapartida».

E mais: se em vez das acusações tivessem procurado «averiguar da verdade dos factos», teriam sabido que «a empresa solicitou empréstimos à banca da ordem dos 50 mil contos, em 1975, e de 25 mil contos, em 1976, pelo quais está a pagar elevados juros; e que lhe fora concedido um empréstimo a descoberto que ultrapassa os 8 mil contos, pelo que o banco estava disposto a amortizá-lo com o aval de 4 mil contos que o Estado concedera; e ainda, que efectivamente não havia dinheiro para repor o «stock» de papel, cuja duração estava calculada para o máximo de 30 dias, a não ser que os trabalhadores não recebessem os seus ordenados ou parte deles».

Mais adiante frisam: «Não é justo nem moral que se pretenda encobrir tal situação aos trabalhadores, de que o conselho de administração tem plena consciência, não vendo alternativas imediatas para superar a crise». E concluem: «... para certos privilegiados da empresa a situação continua a ser optimista».

Fica-se na expectativa de saber se a próxima proeza do M.I. será promover a substituição dos administradores «tendenciosos, alarmistas e especulativos...»

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
EM DEZEMBRO: 45 813

Dentes Postiços
que se soltam não necessitam causar vergonha.
Muitos portadores de dentaduras postiças têm sofrido verdadeiros aborrecimentos, porque a placa caiu, soltou-se ou moveu-se justamente no momento menos indicado. Não viva no constante receio de que isto lhe possa acontecer. Polvilhe a sua placa apenas com um pouco de DENTOFIX. Ampara os dentes postiços mais firmemente, de modo que os mesmos proporcionam maior conforto. Não magoa. DENTOFIX elimina o mau hálito das dentaduras. Peça DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

PASSAPORTES
OBTENHA CÒMODAMENTE O SEU PASSAPORTE DE TURISMO NA
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. da Liberdade 233 · LISBOA 2 · Tel. 536121